



Projeto de Educação Patrimonial  
Convênio Município de Nova Prata e SEDAC  
FAC Patrimônio



Nova Prata  
2020

## SUMÁRIO

<b>FICHA TÉCNICA</b> .....	2
<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	5
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	6
1.1 <b>METODOLOGIA</b> .....	8
1.2 <b>OBJETIVOS</b> .....	10
<b>2. DETALHAMENTO DAS CARACTERÍSTICAS ARQUITETÔNICAS</b> .....	11
2.1. <b>ARQUITETURA VERNACULAR</b> .....	12
2.2. <b>HISTORICISMO ECLÉTICO</b> .....	26
2.3. <b>ART DÉCO</b> .....	40
2.4. <b>ESTILO MODERNO</b> .....	63
2.5. <b>ESTILO NEOCOLONIAL CALIFORNIANO</b> .....	74
2.6. <b>ESTILO ZAKOPANE</b> .....	76
2.7. <b>ESPAÇOS PÚBLICOS</b> .....	77
<b>3. PESQUISA HISTÓRICA</b> .....	80
3.1 <b>EDIFICAÇÕES VERNACULARES</b> .....	80
3.2 <b>EDIFICAÇÕES COM LINGUAGEM ECLÉTICA</b> .....	100
3.3 <b>EDIFICAÇÕES COM LINGUAGEM ART DÉCO</b> .....	125
3.4 <b>EDIFICAÇÕES COM LINGUAGEM MODERNISTA</b> .....	155
3.5 <b>EDIFICAÇÃO EM ESTILO ZAKOPANE</b> .....	172
3.6 <b>ESPAÇOS</b> .....	177
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	192
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	158

## **FICHA TÉCNICA**

### **Ana Paula Wickert**

Arquiteta e Urbanista

Mestra em Conservação e Restauro do Patrimônio

Consultora da UNESCO

Criadora da Arq...atualiza, plataforma de conteúdo e cursos em Arquitetura e Urbanismo

### **Beatriz Paulus**

Mestra em Ciências Sociais

Proprietária da Paulus & Paulus Ltda.

### **Bernardo Luchini Bisatto**

Graduação em História

Chefe de Setor do Museu Municipal de Veranópolis.

Assessor de Patrimônio Cultural e Memória da Associação de Turismo da Serra Nordeste

Coordenador e pesquisador voluntário do Programa Memória Viva junto à Conceito

Assessoria Educacional

### **Cassiano Migliavacca**

Atua na Secretaria de Educação do Município de Nova Prata

Graduação em Pedagogia e História

Graduando em Ciências Sociais

Pós-Graduado em Tecnologias na Educação

Mestrando em História pela Universidade de Caxias do Sul – UCS

### **Eduardo Fogaça**

Graduando em História pela Universidade de Passo Fundo – UPF

Pesquisador Voluntário do Projeto de Educação Patrimonial de Nova Prata – RS

### **Iasmin Fantini Picetti**

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Caxias do Sul – UCS

Estagiária da Associação de Turismo da Serra Nordeste

### **Marcos Vinícius Paludo Festa**

Licenciado em História

Professor na Conceito Assessoria Educacional

Assessor de Patrimônio Cultural e Memória da Associação de Turismo da Serra Nordeste

Mestrando em História pela Universidade de Passo Fundo – UPF

Coordenador e pesquisador voluntário do Programa Memória Viva junto à Conceito

Assessoria Educacional

**Paula Fogaça**

Graduada em Arquitetura e Urbanismo

Mestra em Arquitetura e Urbanismo

Assessora de Cultura e Assuntos Patrimoniais da Associação de Turismo da Serra Nordeste

Proprietária da Abaporu Studio

**Everson Marca**

Secretário de Turismo, Cultura, Esporte e Lazer de Nova Prata – RS

Licenciado em Letras e Professor da Rede Pública Estadual

Graduação em Direito

**Equipe da Secretaria de Turismo, Cultura, Esporte e Lazer de Nova Prata - RS**

Ana Mari Lechmann, Clelia Delacy Morales Ghidini, Edinara Guadagnin, Eduarda Destri

Guadagnin, Eliana Cappellari Nedel e Vanice Davanzo

## APRESENTAÇÃO

A história da ocupação humana no território de Nova Prata, que remete ao período histórico do Rio Grande do Sul que antecede à vinda dos primeiros colonizadores Europeus, no início do século XVI, se inicia com os Índios dos Grupos Coroados, conhecidos por seus cocares em formato de coroa e por suas habitações subterrâneas.

No ano de 1879, Silvério Antônio de Araújo, natural do Paraná e então proprietário de uma grande quantia de terras pertencentes inicialmente ao município de Santo Antônio da Patrulha e, posteriormente à Lagoa Vermelha, resolve doar parte de suas propriedades para a criação de um povoado, inicialmente conhecido por São João Batista do Herval ou Capoeiras. O desenvolvimento local elevou o povoado à categoria de Distrito de Capoeiras, vinculado à Colônia Alfredo Chaves, ambos sob jurisdição de Lagoa Vermelha. Em 1898, com a emancipação do município de Alfredo Chaves, passou a integrá-lo na forma de distrito.

O Distrito de Capoeiras é emancipado de Alfredo Chaves em 11 de agosto de 1924, criando-se o Município de Prata, que vinte anos depois, em 1944, passa a receber o nome que carrega até os dias atuais, Nova Prata. A nomenclatura, posta em referência ao rio que corta e delinea o traçado da região, o Rio da Prata.

Com o passar dos anos e com o desenvolvimento da cidade, passou a receber, também, designações que buscam atestar a grandeza e a singularidade herdada e construída pelas pessoas que, desde o início desta trajetória, deixaram sua marca e ajudaram a escrever esta história. O reconhecimento enquanto Polo Industrial, Turístico e Cultural da Microrregião do Alto Taquari, além da alcunha de “Capital Nacional do Basalto”, apenas ilustram e dimensionam os frutos do grande empreendimento aqui referenciado, da diversidade cultural que, através dos tempos, a compôs, e da sua gente do presente, preocupada em preservar e transmitir todo este legado às presentes e às futuras gerações.

## 1. INTRODUÇÃO

E se não sabeis trabalhar com amor, mas com desagrado, é melhor deixardes o trabalho e sentar-vos à porta do templo a pedir esmolas àqueles que trabalham com alegria.

(Gibran Khalil Gibran)

Nova Prata é uma comunidade que se diferencia das demais da Região da Uva e do Vinho, na Serra Gaúcha, porque reflete algo que a harmoniza: o trabalho, o bem-estar, a cultura. A tríade que a faz ser única.

Observa-se que suas formações étnicas, quais sejam: índios, portugueses, alemães, africanos, poloneses, libaneses, espanhóis e, o maior grupo, de italianos e que, atualmente, também acolhe haitianos, senegaleses e um expressivo movimento migratório oriundo de outros estados do país, retratam, conjuntamente, o fenômeno contemporâneo do multiculturalismo, este que, pela singularidade do seu espaço, encontra-se impresso na identidade local. Dentre seus títulos temporários, as designações de “Cidade Cultura”, “Capital Nacional do Basalto”, “Capital do Meio Ambiente”, ainda se mantêm na memória coletiva.

Constata-se que a Prefeitura de Nova Prata é uma das instâncias públicas que se preocupa em captar recursos através de Leis de Incentivo e de Editais públicos ou privados, o que inclui as áreas ambientais, sociais e culturais e, por consequência, também a turística. Há, também, o Conselho Municipal de Cultura, que se volta à classe artística, e colabora com os projetos da Lei Municipal, além de outros.

Observa-se que o patrimônio imaterial dá um movimento peculiar a esta cidade. Seus grupos culturais são profissionalizados, há talentos, hoje, de expressão nacional que se tornaram artistas em virtude da educação para a arte disponível aos seus cidadãos. O artesanato com autonomia, em sua casa própria, e as feiras semanais que integram a cultura milenar da produção orgânica compartilham o mesmo jardim econômico para a recepção dos clientes e venda de produtos.

Fortemente, nos últimos três anos, há a preocupação com o cumprimento da legislação com o patrimônio edificado. Criam-se os mecanismos legais para absorver a demanda da inventariação patrimonial das edificações históricas e de significado para a cidade, tanto no meio urbano quanto no interior. Cria-se a Comissão do Patrimônio Histórico, através da qual elaboram-se as estratégias, e decide-se pela IGR – Atuaserra para realizar, através de sua equipe de assessores arquitetos e pesquisadores, esta tarefa. Fazem-se reuniões para discutir a metodologia, o formulário e suas adequações, até os bens a serem inventariados. Decide-se pela consolidação de trabalhos acadêmicos já realizados, em número de três, que discutiam aspectos e significados da arquitetura local, além de um trabalho editado sobre o turismo religioso, estes sendo: Relatório do Projeto de Pesquisa - Inventário da Arquitetura Modernista na Serra Gaúcha – Camila Girardi, 2004; Inventário do Patrimônio de Nova Prata: Bens Imóveis na Área Central – Giselle Bastittel, 2007; Inventário do Patrimônio Construído nos Núcleos Rurais de Nova Prata – Camila Girardi, 2007; Os levantamentos históricos realizados pelo pesquisador Geraldo Farina; Roteiro de Turismo Histórico de Nova Prata, 2016; Roteiro Religioso – Temática Religiosa, 2017.

Define-se, por ordem do mesmo Conselho, inventariar os Bens Públicos, Religiosos e comunitários, e por último, os bens privados. Após a inventariação, o Conselho toma ciência, aprova a lista e a encaminha para o Ministério Público. A Prefeitura notifica os proprietários dos bens inventariados, e estes, por sua vez, no prazo de noventa dias, decidem sobre permanecer ou não na lista da inventariação. Para avaliação e emissão dos laudos aos que pedem a impugnação, novamente, faz-se através da Atuaserra, com a contratação de dois assessores Arquitetos Mestres, que não vivem em Nova Prata, mantendo, assim, a isonomia. Diante da emissão dos laudos, o Conselho Municipal do Patrimônio Histórico Cultural e Material decide sobre a permanência ou não dos bens na lista de inventariação.

## 1.1. METODOLOGIA

Em paralelo, com a ciência do Conselho, dá-se início ao Projeto de Educação Patrimonial. Composto por uma equipe de arquitetos e historiadores. Este buscou investigar e reconstituir as trajetórias históricas e as memórias que caracterizam os bens supracitados enquanto bens culturais do município de Nova Prata. Para iniciar os trabalhos de pesquisa, fez-se necessária a análise das bibliografias pertinentes ao tema, com intuito de organizar dados e informações já compilados, conhecimentos produzidos e publicados, utilizando-os como ponto de partida para a construção dos textos propostos.

Fundamental para a reconstituição histórica desta pesquisa, destaca-se o livro “Nova Prata: uma incursão na história”, da historiadora Eliana Gasparini Xerri. A obra possibilitou uma leitura genérica dos processos históricos locais, mas também de instituições e entidades detentoras de bens culturais edificados, dos quais podem ser destacados o Colégio Aparecida, Escola Estadual Reinaldo Cherubini, Sociedade Grêmio Pratense, Igreja Matriz São João Batista, Cine Lux, Seminário São José e Igreja Luterana. Pode-se destacar ainda o intenso trabalho desenvolvido pela autora através da metodologia de pesquisa da história oral junto aos moradores das comunidades do interior, a partir dos quais registrou a trajetória histórica e o cotidiano religioso das capelas de Três Mártires, Santo Estanislau, São Julião, São Miguel e São Luiz.

O livro de Geraldo Farina, intitulado “História de Nova Prata – RS”, também foi de grande importância para o andamento das pesquisas, sobretudo àquelas referentes ao Museu Municipal Domingos Battistel, à Igreja Matriz, Edifício Manfredi, Praça da Bandeira e Sociedade Grêmio Pratense. Os longos trechos por ele transcritos das entrevistas realizadas, com ênfase para os depoimentos de Adelina Tomedi, Isaías Manfredi e de funcionários de Silvério e Placidina de Araújo, bem como os seus apontamentos acerca da formação da Paróquia, extraídos do Arquivo dos Padres Carlistas, no Vaticano, compuseram uma parte valiosa das fontes consultadas.

Do mesmo modo, a obra “100 Anos da Cidade de Nova Prata, 1885 – 1995” de Zaira Galeazzi, mostrou-se de grande serventia ao indicar datações relevantes de eventos, festividades e edificações históricas do percurso de desenvolvimento do município, em especial, àqueles pertinentes à fundação e ampliação da Praça da Bandeira.

Também, de suma importância para a consumação da pesquisa, foram as informações adquiridas junto aos acervos documentais dos jornais ‘Folha da Serra’, ‘Eco do Vale’,

‘Correio Livre’ e ‘Jornal Popular’ além dos Arquivos Históricos de ordem pública da Casa da Cultura Pe. Adolfo Fedrizzi e do Museu Municipal Domingos Battistel, da Secretaria de Meio Ambiente e da Prefeitura, e de ordem privada, como o Acervo Fotográfico da ‘Foto Perin’.

Fontes provenientes de depoimentos orais, obtidas através de entrevistas realizadas junto a indivíduos vinculados às edificações e detentores de experiências comunitárias, também foram utilizadas. Dentre elas destacam-se as transcorridas com Sérgio Sottili, com o fotógrafo e engenheiro André Perin, que além de ceder fotografias de seu acervo, forneceu informações para compreendê-las; com Euduci Lazzarotto Stringhi, arquiteta que projetou a Agência da Caixa Econômica Federal; com André Hamerski, proprietário da Casa Polonesa e com Jocelen Balzan Ghellere, ex-proprietária do Moinho Balzan.

Para determinados edifícios ligados à instituições, como nos casos dos Correios, Escola Reinaldo Cherubini, Prefeitura Municipal e Banco do Brasil, trabalhos acadêmicos, como a dissertação de mestrado intitulada “Ecletismo Republicano no Rio Grande do Sul” apresentada junto ao Programa de Pesquisa e Pós Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por Samantha Diefenbach (2008), o Verbete “Banco do Brasil”, disponível no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC – FGV) e escrito por Maria Bárbara Levy e Paulo de Tarso Medeiros, entre outros apresentados no decorrer do texto, foram buscados no intuito de aprofundar os conhecimentos sobre as políticas de padronização arquitetônica e de serviços públicos de tais instituições, bem como da presença de arquitetos de renome.

Sendo a história “o mais interdisciplinar dos saberes” (BARROS, 2013) e tendo o presente projeto contado com olhares de áreas tão díspares como os da arquitetura, da antropologia e, de certo, também da própria história, intenta-se que, neste fragmento estudado da história de Nova Prata, tenha também se visto, interpretado e registrado, os múltiplos olhares que seguramente a compõem. Marc Bloch (2002), em sua Apologia da História, nos diz que “novos tempos levam a novas historicidades”, e sob essa premissa, acredita-se ter contribuído, através da pesquisa apresentada, para a preservação do patrimônio legado.

## **1.2. OBJETIVOS**

### **1.2.1. Objetivo Geral**

Desenvolver estudos e análises de natureza histórica e arquitetônica sobre o patrimônio cultural edificado do município de Nova Prata, afim de promover a preservação e divulgação destes bens culturais.

### **1.2.2. Objetivos Específicos**

- Registrar a diversidade de técnicas construtivas e estilos arquitetônicos constitutivos do patrimônio edificado de Nova Prata e sua relação com o desenvolvimento socioeconômico da cidade.
- Evidenciar aspectos da paisagem cultural pratense, destacando os saberes e técnicas locais representativos da relação indivíduo–espaço.
- Sensibilizar a comunidade pratense sobre a relevância cultural de seu patrimônio edificado, destacando-o como distintivo das identidades locais.
- Criar instrumentos que, a partir do patrimônio cultural pratense, sejam promotores do conhecimento e enriquecimento individual e coletivo.
- Contribuir para a salvaguarda dos bens culturais de Nova Prata, evidenciando sua importância na trajetória histórica e na formação das identidades do município.
- Produzir conteúdos alusivos à história local, fundamentados em procedimentos teóricos e metodológicos demarcados pelo campo da História.

## **2. DETALHAMENTO DAS CARACTERÍSTICAS ARQUITETÔNICAS**

O objeto solicitado e aprovado pelo Fundo de Apoio à Cultura (FAC-RS) traz a seguinte conotação “Detalhamento das Características Arquitetônicas (serviço descritivo das características arquitetônicas de todos os imóveis pesquisados, sendo, no mínimo, 45 e, no máximo, 70 imóveis detalhados, indicando embasamento teórico e fontes da pesquisa)”.

A partir disso e do Inventário dos Bens Arquitetônicos de Nova Prata, foi possível identificar alguns estilos arquitetônicos predominantes, cuja ocorrência na evolução urbana da cidade está diretamente relacionada com os fatos históricos do local.

Importante compreender que a arquitetura se estrutura no território e possui relação direta com a economia, sociedade e política do lugar. Desta forma os exemplares remanescentes do patrimônio edificado de Nova Prata estão relacionados aos ciclos e fenômenos socioeconômicos da região, do Estado e do País, não podendo ser analisados e compreendidos fora deste contexto.

A imigração, predominantemente italiana, deixou fortes marcas no patrimônio, na cultura e na estruturação do território, mas a presença de outras etnias como alemães, libaneses e poloneses, além das relações econômicas com a capital Porto Alegre, fortaleceu a herança pluricultural que deve ser entendida em sua complexidade.

As relações topológicas da paisagem e topografia com a arquitetura fortalecem a identidade e caracterização deste lugar, sendo importante compreender não só a preservação do patrimônio edificado, mas também as suas relações com a percepção visual e paisagem, garantindo a valorização dos visuais, dos espaços públicos e da morfologia urbana.

A colonização do território de Nova Prata iniciou-se no final do século XIX, sendo que até então o lugar era habitado por povos indígenas. A emancipação do município ocorre apenas em 1924. Sendo assim, podem-se relacionar a produção arquitetônica com as diferentes etapas sócio-políticas da estruturação do lugar.

Nesta pesquisa foram analisados bens arquitetônicos e lugares estruturados em um século de história e desta forma foram identificados os seguintes estilos ou linguagens arquitetônicas:

1. Arquitetura Vernacular de Imigração
2. Ecletismo Historicista

3. Arquitetura Art Déco
4. Arquitetura Moderna
5. Arquitetura Neocolonial Californiana
6. Estilo Zakopane
7. Espaços públicos

Por se tratar de uma arquitetura produzida no interior do Rio Grande do Sul, não serão identificados exemplares de extremo requinte arquitetônico quando comparados à capital ou cidades de maior pujança econômica e importância política. Porém, justamente o valor incalculável deste patrimônio está na forma como ele é testemunho da ocupação do território do interior do Estado e justamente no seu valor de conjunto.

Reconhecer que todos os povos produzem cultura é aceitar a diversidade cultural. O Brasil é um país pluricultural que deve essa característica ao conjunto de etnias que o formaram e a extensão do território. No Rio Grande do Sul, a história da ocupação do território também é rica e variada, e Nova Prata reflete isso, especialmente se compreendida dentro do contexto da Serra Gaúcha.

Os estilos arquitetônicos estão diretamente relacionados com a cultura e a época em que foram produzidos, o que nos permite, através da arquitetura, conhecer a história de um lugar. Desta forma, cada comunidade deve reconhecer seu patrimônio e identidade para compreender sua história e seu lugar neste mundo globalizado.

Assim, neste trabalho os bens estarão organizados conforme a linguagem arquitetônica predominante.

## **2.1. ARQUITETURA VERNACULAR**

A primeira fase de produção arquitetônica em Nova Prata está diretamente relacionada à Arquitetura Vernacular, que não é um estilo, mas sim uma definição sobre a forma de produzir a arquitetura.

Arquitetura Vernacular, é aquela produzida através dos saberes populares, com uso de materiais locais. Assim, ao longo da história da humanidade, vemos uma série de soluções *vernaculares* que estão diretamente relacionadas com a sociedade e a época em que foram produzidas. Produzida com recursos naturais e/ou técnicas próprias de uma região, está

relacionada com o ambiente natural, história, desenvolvimento socioeconômico e evolução tecnológica da sociedade que a produz.

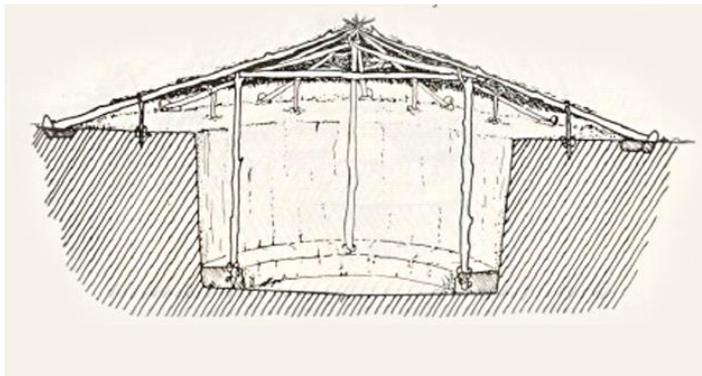
Também conhecida como Arquitetura Vernácula, já foi considerada como “primitiva”, pois muitas civilizações construíram abrigos com os recursos naturais disponíveis no território em que se encontravam. Ao longo da história, o ser humano utilizou diversos materiais para construir suas edificações, moldando assim o ambiente ao seu redor. Os materiais tradicionalmente utilizados na construção vernacular são naturais, tais como pedra, madeira e a própria terra.

Em 1999, na Cidade do México, no Conselho Internacional de Monumentos e Sítios - ICOMOS foi escrita a “Carta sobre o Patrimônio Construído Vernáculo”, onde o estilo foi reconhecido como uma criação característica e genuína da sociedade, testemunho de uma época já que é a “expressão da identidade de uma comunidade, das suas relações com o território e ao mesmo tempo, a expressão da diversidade cultural do mundo” (ICOMOS, 1999 p.1). Até então a arquitetura vernacular era considerada menor.

O vernacular é um conhecimento popular que é passado de geração em geração, influenciado pelo meio em que é inserido através de sua cultura, condições geográficas e climáticas, e possui uma característica singular em cada parte do mundo (WEBER; YANNAS, 2014 apud SANTOS; COSTA, 2017). Assim não é um estilo arquitetônico, mas sim uma forma de produzir arquitetura com igual valor patrimonial e memorial.

No Rio Grande do Sul, onde a colonização organizada e incentivo à ocupação do território ocorreu apenas no século XIX, vemos exemplares de arquitetura vernacular em diversas cidades. As primeiras técnicas construtivas vernaculares remontam a três mil anos com a cultura Proto-Kaingang, indígenas que habitavam o Planalto Meridional Brasileiro, e ficaram conhecidos como Povo das Casas Subterrâneas. Para protegerem-se do inverno rigoroso os Xokleng construíam suas casas de forma enterrada, mantendo-as assim, protegidas dos ventos fortes e gelados que cortam o planalto, como mostra a Imagem 1.

Imagem 1 – Corte de uma habitação subterrânea de cultura Jê. Autor: Fernando La Salvia.



Fonte: QUINTO, 2016.<sup>1</sup>

Atualmente existem apenas remanescentes arqueológicos destas construções vernaculares indígenas, cuja ocorrência se deu em território próximo a Nova Prata. As casas mais antigas encontradas na cidade de Casca, dão indícios dessa civilização. Essa tradição das casas subterrâneas foi extinta muito antes da chegada dos imigrantes europeus, substituída por outras configurações de habitação primitivas.

A ocupação do território da Serra Gaúcha e a configuração de vilas e pequenos núcleos urbanos vai acontecer com a chegada de imigrantes alemães, a partir de 1824, e no final do século XIX, italianos, poloneses e outros.

A primeira colonização realizada por parte dos italianos começou em 1875 e em 1884 os imigrantes já haviam atravessado o Rio das Antas e iniciado a ocupação da colônia de Alfredo Chaves, lugar que originou os municípios de Veranópolis e Nova Prata. A ocupação do território foi rápida, orientada pelo mesmo sistema de urbanismo colonialista onde um centro maior estava conectado a diversos centros e mercados menores como galhos de uma árvore (GUTIERREZ, 2000)

Neste contexto de ocupação territorial onde a povoação de Nova Prata estava intimamente ligada ao centro maior de Bento Gonçalves e Caxias, deve-se compreender a tipologia de arquitetura vernacular de imigração italiana.

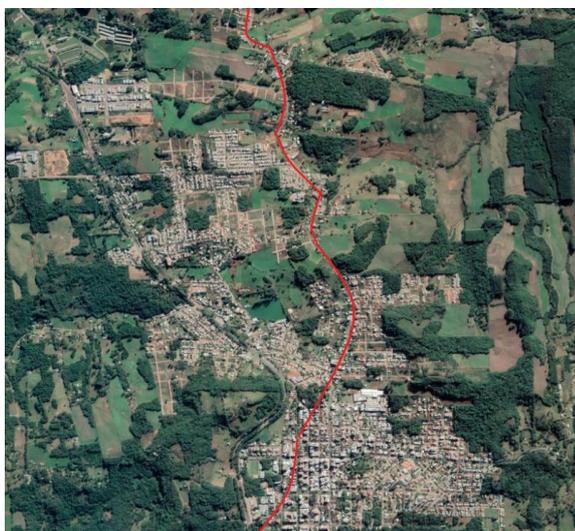
Outra questão importante é a compreensão do traçado urbano português, que foi implantado nas colônias italianas mesmo a despeito da topografia do lugar. Assim observa-se

---

<sup>1</sup> QUINTO, Antonio Carlos. Arqueólogos reconstituem trajetórias e costumes dos povos Jê no Sul do Brasil. **Jornal da USP**, São Paulo, 22 ago. 2016. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-exatas-e-da-terra/arqueologos-reconstituem-trajetorias-e-costumes-dos-povos-je-no-sul-do-brasil/>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

que Nova Prata seguia o padrão do traçado reticulado ortogonal, onde a via mais importante, ao longo da qual se desenvolveu a primeira arquitetura da ocupação, é a Estrada Geral Buarque de Macedo, que interligava as cidades de Garibaldi, Bento Gonçalves, Veranópolis, Nova Prata, Lagoa Vermelha, Barracão, entrando em solo Catarinense, por Campos Novos, Curitibaanos, Rio do Sul, Blumenau e Itajaí (ERSC 470 - BR 470). A Estrada Geral Buarque de Macedo foi um dos primeiros elementos a transformar a paisagem selvagem da região, construída na década de 1880 para escoar os produtos como o trigo, milho, feijão, carne de porco, banha, vinho e outras mercadorias oriundos das colônias.

Imagem 2 – Percurso da antiga Estrada Geral Buarque de Macedo na configuração urbana de Nova Prata, 2020,



Fonte: Google Maps, editado Paula Fogaça.

Imagem 3 – Traçado da antiga Estrada Buarque de Macedo no centro da cidade. Observa-se a malha quadriculada na morfologia urbana e como a estrada construída conforme a topografia possui um desenho mais orgânico.



Fonte: Google Maps, editado por Paula Fogaça.

As primeiras edificações construídas pelos imigrantes eram bastante simples, prioritariamente em madeira, com intuito de servir como abrigo. As casas deste primeiro período da imigração geralmente possuíam três pavimentos, sendo porão, residência e sótão. O porão, normalmente em alvenaria ou pedra, ocupava toda a base da edificação, aproveitando os desníveis comuns nos terrenos da Serra Gaúcha. Por ser parcialmente enterrado, o porão oferecia a oportunidade de armazenamento de vinhos, queijos e outros alimentos, além de depósito para lenha e espaço para oficina, sendo comum que as famílias construíssem seus próprios móveis.

No pavimento térreo uma ampla porta de folha dupla dava acesso à residência conduzindo para a sala de visitas. Eventualmente a área residencial podia possuir dois pavimentos e mais o sótão, podendo a casa possuir de dois a uma dezena de quartos, conforme a necessidade. Uma pequena escada dava acesso ao sótão, que não possuía forro, sendo um ambiente de pé direito baixo, quente e seco. Ali eram conservados os cereais. Eventualmente poderia haver quartos no sótão.

A cozinha estava localizada em outra edificação, fora do corpo da residência, podendo estar conectada a esta por um telhado ou apenas adossada, mas com uma cobertura mais baixa.

A fachada destas casas era simples, simétrica e sua ornamentação com lambrequins e rendilhados em madeira dependeria da condição financeira do proprietário. Mesmo as demais etnias que ocuparam essa região como alemães e poloneses, fizeram uso dessa tipologia arquitetônica tendo em vista a disponibilidade de materiais na região.

Nova Prata possui um amplo patrimônio tanto na área rural quanto urbana que se enquadram nesta linguagem. Uma das primeiras edificações é o antigo Hotel De Nardi, localizado na então Estrada Geral Buarque de Macedo. O Hotel oferecia serviço de “Casa de Pasto”, denominação atribuída às edificações de cunho comercial que ofereciam também, local para alimentar animais de tração, como cavalos e junta de bois.

Imagem 4 – Pousada Maragatos, antigo Hotel De Nardi, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Outra importante edificação característica deste período, é a sede do Museu Municipal Domingos Battistel. Datado aproximadamente de 1917, ao longo dos anos desempenhou diversas funções. O primeiro registro de uso conhecido, indica ter abrigado uma escola, posteriormente sediou também Intendência, Prefeitura, Fórum, Delegacia e Exatoria e atualmente, Museu. O porão é de alvenaria de tijolos artesanais, o segundo pavimento e sótão, em madeira.

Imagem 5 – Museu Municipal Domingos Battistel, 2019. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

A residência Marne Lenzi, de propriedade de José Cherubini e Emília Peruzzo Cherubini, é uma edificação cuja história é controversa, segundo Farina (2016) ela teria sido construída em 1938 para uso residencial. No entanto, Documento de Impugnação apresentado pelos proprietários (2020), enviado à Prefeitura de Nova Prata e encaminhada ao Conselho do Patrimônio Histórico do município, defende que a mesma foi construída na década de 1960,

sem citações de fontes. Independente da data de construção a edificação consta no inventário devido ao seu valor cultural e estético, dando continuidade a uma técnica empregada desde o início da ocupação da cidade, como uma tradição em uma composição arquitetônica inovadora.

Imagem 6 – Residência Marne Lenzi, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Fonte: Acervo da SMTCEL.

Nesta tipologia também estão incluídas a casa de João Frizon, que apresenta lambrequins adornando as colunas de sustentação da aba da varanda e a residência de Avelino Lenzi, datada de 1943, atualmente é sede do Instituto de Previdência e Assistência Municipal (IPRAM).

Imagem 7 – Residência João Frizon, 2020. Autor: Paula Fogaça



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Imagem 8 – Sede do IPRAM, 2019. Autor: Paula Fogaça



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Além das residências, deve-se observar as relações econômicas e de produção do início do século XX para se compreender a importância da madeira na configuração arquitetônica e econômica de Nova Prata.

Devido à abundância da madeira de qualidade no município, o comércio com a capital se fortaleceu e colocou Nova Prata como importante centro de distribuição para a capital do Estado. Toda uma estrutura foi montada na cidade para dar suporte a este comércio, e ainda hoje a Cooperativa de Madeira Pratense Ltda (Compre) guarda essa memória. Esta cooperativa foi importante para o desenvolvimento do Município, exportando parte de sua produção, conforme conta nos dados extraídos do Diário Oficial da União de 1950, no qual consta que 282.900kg de madeiras foram exportadas de Porto Alegre para Argentina por Cr\$ 422.740,00, pela Indústria de Madeiras Pratense Ltda.<sup>2</sup>

Imagem 9 – Caminhão da Compre com carregamento de madeiras em Nova Prata, s/d Autor não identificado.



Fonte: Acervo Foto Perin.

---

<sup>2</sup> Diário Oficial da União (DOU), 24 maio 1950, seção 1, p. 45. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/2507784/pg-45-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-24-05-1950?ref=serp>>.

Imagem 10 – Caminhões carregados de madeira oriundos de Nova Prata no centro de Porto Alegre, s/d. Autor não identificado.



Fonte: Acervo Foto Perin.

O conjunto de edificações permanece na paisagem urbana da cidade com construções sedes, caminhões e fornos onde as madeiras eram tratadas.

Imagem 11 – Antiga edificação da Compre, 2020. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Imagem 12 – Antiga edificação da Compre, 2020. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

O patrimônio construído em Nova Prata não está restrito à área urbana. Na área rural encontram-se edificações tão relevantes e representativas tanto em relação à arquitetura religiosa quanto em relação às construções necessárias para a indústria e produção colonial.

Entre essas edificações está o antigo Moinho Balzan construído em 1912, que se localiza junto à Floresta Municipal – Parque da Cascata. Um moinho é uma instalação destinada à fragmentação de grãos de trigo ou de outros cereais, por meio de mós. O surgimento dos moinhos representou uma grande inovação na história da humanidade, e os imigrantes europeus ali instalados já dominavam essa tecnologia. Assim, nas colônias é

comum encontrar moinhos construídos próximos a rios e pequenas cachoeiras na região para garantir a produção de farinhas na indústria da imigração.

Imagem 13 – Roda d'água do antigo Moinho Balzan, 2020. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Imagem 14 – Rodízios de madeira conectados a mó no assoalho da edícula, esta girava e transformava os grãos em farinha, 2020. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Posteriormente, certas corredeiras e quedas d'água provisórias, onde eram instalados nesses moinhos, foram utilizadas para produzir energia elétrica e, em segundo momento, as quedas da Cascata Grande do Prata, hoje Cascata da Usina, foram utilizadas para este fim.

Imagem 15 – Moinho Balzan na parte superior da cachoeira e Usina Hidrelétrica na parte inferior da cachoeira, 1937. Autor não identificado.



Fonte: Acervo Foto Perin.

Imagem 16 – Atual configuração da Cascata da Usina, 2020.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Outro patrimônio importante da região é a arquitetura religiosa, também constituída com técnicas vernaculares. A estruturação do território dos imigrantes estava relacionada às Comunidades e suas Capelas, em especial na área rural, havendo em Nova Prata exemplares tanto da arquitetura católica quanto luterana.

O conjunto luterano é composto por igreja, escola e cemitério. A igreja e o cemitério luteranos datam de 1892. A Escola em alvenaria, foi construída posteriormente.

Imagem 17 – Igreja Luterana, 2020. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Imagem 18 – Antiga escola da Comunidade Luterana, 2020. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Imagem 19 – Cemitério Luterano, 2020. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

A Capela de Santo Estanislau data de 1902, foi dedicada ao padroeiro São José. Posteriormente em 1916, decidiram dedicá-la a Santo Estanislau, Bispo de Cracóvia, sendo que em 1938 foi transferida. No antigo local da capela localiza-se também o antigo Cemitério de imigrantes poloneses.

Imagem 20 – Cemitério de imigrantes poloneses, s/d. Autor Tonho Nedeff.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Imagem 21 – Capela de Santo Estanislau, s/d. Autor: Tonho Nedeff.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

A Capela São Brás construída em 1905 em madeira com lambrequins, ornando a fachada principal, foi transferida em 1935, para uma comunidade com maior concentração de residências.

Imagem 22 – Capela São Brás, s/d. Autor: Tonho Nedeff.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Na Linha Oitava, nos anos de 1935, com doações de madeiras de uma serraria local, construía-se a Capela de São Miguel. A Capela encontra-se num cenário natural único. Ao lado desta, encontra-se um antigo Cemitério, com lápides históricas.

Imagem 23 – São Miguel, s/d. Autor: Tonho Nedeff.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

A Capela São Luiz construída em 1941, sob a coordenação do carpinteiro Caetano Polesello também em madeira, é outra edificação com técnicas construtivas vernaculares remanescente no meio rural do Município, assim como a Capela Três Santos Mártires construída em 1942.

Imagem 24 – Capela São Luiz, s/d. Autor Tonho Nedeff.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Imagem 25 – Capela Três Santos Mártires, s/d. Autor Tonho Nedeff.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

## 2.2. HISTORICISMO ECLÉTICO

Nas primeiras décadas do século XX a arquitetura de Nova Prata começa a se transformar em uma nova linguagem. Passam a configurar no cenário local edificações mais refinadas já construídas inteiramente em alvenaria, rebocadas e ornadas, tendo aplicação de elementos formais tais como frisos, pilastras, arabescos e rusticação.

O primeiro estilo arquitetônico propriamente dito que reconhecemos em Nova Prata é o ecletismo historicista. Essa linguagem utiliza elementos formais provenientes de diferentes estilos do passado para compor e decorar as edificações.

Fruto do chamado academicismo europeu, a linguagem historicista surgiu ainda no século XVIII com o Neoclássico e durante o século XIX outros estilos foram sendo revisitados. No Brasil foi o estilo predominante em finais do século XIX e início do século XX, fazendo referência à *Belle époque*, simbolizando um refinamento do gosto. Palacetes, teatros e edifícios públicos caracterizados pela simetria, grandiosidade, riqueza e refinamento da ornamentação com elementos em massa, pilastras, frisos e cornijas marcaram as cidades da época. No Rio de Janeiro o Teatro Municipal, fundado em 1909 exemplifica essa tendência.

Para as cidades menores, adotar essa linguagem tinha também um significado de aproximação com as tendências dos grandes centros, e na capital gaúcha a atuação de arquitetos europeus fortaleceu ainda mais o Historicismo como referência para as cidades do interior do Estado. Essa arquitetura vem da influência da capital Porto Alegre, em especial devido as relações comerciais da madeira, como já foi dito. Os princípios e as características mais expressivos desse estilo podiam ser identificados em edificações mais importantes, como prédios públicos e residências de classe alta.

Patetta (1987) afirma que por mais de cem anos a cultura arquitetônica foi aglomerando variados elementos que foram extraídos de diferentes épocas e regiões, sendo estes foram recompostos de formas distintas e podem ser identificados por pelo menos três correntes principais:

- Composição estilística: embasado na imitação coerente e correta de formas que pertenceram a um estilo arquitetônico único. Ex.: Tendências neogregas, neoegípcias, neogóticas;
- Historicismo tipológico: essa caracterização, orientava o estilo quanto a finalidade a que se destinava. Ex.: As novas igrejas buscavam traços da Idade Média; os novos edifícios públicos, da Renascença; as novas edificações destinadas à museus e parlamentos, se baseavam no Classicismo;
- Pastiches compositivos: esta designação se dava às obras que tinham uma maior liberdade projetual, ou seja, inventavam soluções estilísticas historicamente inadmissíveis, às vezes, beirando ao mau gosto.

Na Europa e grandes cidades brasileiras, do ponto de vista técnico, a arquitetura eclética tirava partido dos novos avanços da engenharia do século XIX, utilizando estruturas de ferro forjado que ficavam escondidas sob a ornamentação acadêmica. Porém em cidades

menores como Nova Prata o estilo se configurou mais como uma linguagem das fachadas, tendo continuidade a técnica construtivas de estruturas de madeiras e tijolos artesanais, mantendo ainda a argamassa com base de barro.

Neste contexto destaca-se o antigo Casarão Lenzi, edificado na década de 1920. Observa-se a fachada com balaústre, janelas com molduras e frisos, porém o telhado com inclinação seguindo a composição formal do casarão vernacular.

Imagem 26 – Evento cívico junto à Praça da Bandeira. À direita o Casarão Lenzi, 1948. Autor não identificado.



Fonte: Museu Municipal Domingos Battistel.

Imagem 27 – Praça da Bandeira na inundação de 1946, ao fundo o Casarão Lenzi. Autor não identificado.



Fonte: Acervo Foto Perin.

Imagem 28 – Antigo Casarão Lenzi em 2019, descaracterizado, porém com sua volumetria preservada. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

A Casa da Cultura Pe. Adolfo Luiz Fedrizzi, construída entre os anos de 1924 a 1929, se destaca como um exemplar de referência da arquitetura historicista na cidade. Construída por Mário Coradin para ser um hotel, a casa possui uma composição refinada, simétrica, com uso de pilastras em toda a altura da fachada, rusticação, friso e balcão além do uso de ornamentos florais.

A edificação está muito bem conservada e guarda sua originalidade tanto em volumetria quanto em planta e interiores. No térreo um grande corredor no centro da edificação conecta vários cômodos de tamanhos padronizados. Construída em alvenaria autoportante, no interior da edificação os cômodos são divididos com paredes de madeira. Possui cobertura em quatro águas e pátio externo com um jardim estilo inglês.

Imagem 29 – Casa da Cultura Pe. Adolfo Fedrizzi, 2019. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Imagem 30 – Casa da Cultura Pe. Adolfo Fedrizzi, 2019. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Na mesma época diversas outras residências foram sendo erigidas com o refinamento proposto pela nova linguagem. A Casa Elias iniciada em 1929 e concluída em 1933, que pertenceu a Antônio Mansur e Emilio Mansur Elias, abrigou casa de comércio, Posto de Saúde, em 1983 foi restaurada, mantendo as características originais. A leste da edificação, nota-se a marcação da entrada principal com sacada, que tem função de marquise com guarda corpo em ferro decorado.

Imagem 31 – Antiga Casa Elias, 2019. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Imagem 32 – Antiga Casa Elias, 2019. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

No final da década de 1930 foi construída a casa conhecida como Casa Dona Lúcia Leal, que além de ter sido residência, abrigou em suas dependências as Lojas Renner de Ernesto Ghidini, Cooperativa dos Funcionários Públicos e Exatoria. A edificação térrea, mais singela em sua escala e materiais tendo fachada em alvenaria e corpo em madeira, possui elementos formais como platibanda com balaústres e esculturas na marcação de cada pilastra. Essa configuração caracteriza a realidade das cidades do interior: o desejo da fachada refinada e a limitação financeira e técnica na execução da edificação de forma tradicional.

Imagem 33 – Casa de Dona Lúcia Leal, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Já a edificação Juracy Cherubini contrasta tanto em linguagem quanto em monumentalidade. Seu primeiro proprietário José Silvério Cherubini Sobrinho construiu um palacete com programa de uso misto, sendo residencial e comercial. O espaço frontal, durante muitos anos, abrigou a Farmácia Pratense, atual loja de Nery Cherubini Lenzi e no outro lado o gabinete dentário de Juracy Cherubini, segundo proprietário do imóvel. O térreo permanece sendo comércio, porém não a farmácia original.

A edificação de dois pavimentos possui aberturas em arco, alternando com aberturas tradicionais quadradas. A fachada principal é em alvenaria e o restante da edificação em madeira. O bloco maior da casa, de dois andares e um anexo nos fundos para a funcionalidade da cozinha, é bem representativo de um estilo urbano de casas de madeira.

Imagem 34 – Antiga Casa e Consultório Juracy Cherubini, 2020. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Dentre os casarões que representavam a busca pelo refinamento formal das famílias da época, a casa Clemente Tarasconi, construída em 1938, representa um exemplar de maior influência neoclássica da cidade, com seu frontão avançado. A partir dos 1970, com algumas adaptações no seu interior, passou a abrigar a Exatoria Estadual, escritórios particulares, e posteriormente a agência do Instituto de Previdência do Estado (IPERGS).

A fachada principal a norte apresenta muitos elementos decorativos, na marquise que marca a entrada principal, a um telhado de telhas Marselha e quatro colunas ornadas com relevos de estuque, que é uma argamassa feita com gesso.

Imagem 35 – Antiga Casa Clemente Tarasconi, 2020. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

A implantação com valorização da esquina através do ângulo em 45° também aparece no espaço urbano de Nova Prata em finais dos anos 1930. A antiga Casa Boito inaugurada em 1939, abrigou no primeiro pavimento uma série de funções públicas como Fórum, Cartório de Registro Civil e Crimes, Cartório de Órfãos e Ausentes e Cartório Eleitoral. A partir dos anos 1960 e, por mais de quatro décadas abrigou a tradicional Casa Boito, de Antônio Berto Boito. No segundo pavimento sempre teve uso residencial.

Devido a sobreposição de estilos que chegavam ao interior do Estado com certo atraso temporal, na casa Boito identifica-se uma sobreposição de elementos Historicistas e Art Decó, em especial na platibanda.

Imagem 36 – Casa Boito, 2020. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Além da arquitetura residencial, a Igreja Matriz São João Batista, de responsabilidade de Hercules Romanzini, coordenada pelo pároco Luiz Mascarello, segue a tendência do Eclétismo Historicista. A obra foi viabilizada através de um grande mutirão paroquial, unindo recursos econômicos através do dízimo dos cidadãos da cidade, auxílio e mão de obra dos agricultores. Sua inauguração ocorreu em 11 de maio de 1942, quando já era Pároco o Padre Adolfo Luiz Fedrizzi. Ao novo Pároco restaram importantes obras completares como escadarias, vitrais e decoração interna, realizadas ao longo dos anos 1942 e 1943.

Localizada no centro da cidade, símbolo de fé e religiosidade, foi o terceiro templo católico construído no mesmo terreno. A primeira construção data de 1889, era uma capelinha de madeira ao estilo das remanescentes no interior do município. A segunda igreja, de alvenaria, erigida em 1911-1912, e depois transformada em Salão Paroquial, em Cinema em 1948 e foi demolida em 1970.

Imagem 37 – Igreja Matriz São João Batista e Santuário de Nossa Senhora Aparecida, 2019. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Também se destaca na arquitetura religiosa a Capela Nossa Senhora de Caravaggio, inaugurada no dia 9 de janeiro de 1955, junto à Estrada Geral Buarque de Macedo. Além da monumentalidade arquitetônica a capela acolheu uma imagem da *Madona di Caravaggio* vinda diretamente da Itália, e depois a imagem de Santa Lúcia, e assim atualmente ocorrem ali duas grandes festividades do interior de Nova Prata. Nota-se também que a referência à arquitetura da Igreja Matriz São João Batista, copiando inúmeros dos elementos em sua fachada principal, como as oito colunas frontais e os componentes neogóticos.

Imagem 38 – Capela Nossa Senhora do Caravaggio, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Em relação à arquitetura religiosa, a arquitetura tumular da época segue a linguagem historicista e podem ser citados os exemplares do jazigo de Silvério Antônio de Araújo e sua esposa Placidina Vieira de Araújo. O casal foi doador das terras para a formação do povoado de São João Batista do Herval, que deu origem à cidade de Nova Prata. De relevante importância histórica para a formação do município de Nova Prata, sua lápide, possivelmente, remonta à meados de 1903, data da morte de Silvério, e conta com características contemporâneas como estrutura em alvenaria, inscrições em mármore e presença de arabescos.

Imagem 39 – Túmulo do casal Silvério Antônio de Araújo e Placidina Vieira de Araújo no Cemitérios Municipal. 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Imagem 40 – Túmulo do casal Silvério Antônio de Araújo e Placidina Vieira de Araújo no Cemitérios Municipal. 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Imagem 41 – Cortejo Fúnebre de Placidina Vieira de Araújo, 1923. Autor não identificado.



Fonte: Acervo Foto Perin.

Às margens da antiga Estrada Geral Buarque de Macedo a religiosidade aparece também na edificação do Capitel de São Cristóvão, construído sob responsabilidade de Hércules Romazini e equipe. A inauguração ocorreu em 15 de julho de 1946, com Missa Solene, bênção aos motoristas e grande festa popular. Anualmente no mês de julho ocorre a Festa de São Cristóvão, organizada pela comunidade e, em dezembro, a Festa dos Motoristas, com grandes e barulhentas carreatas, missa campal e a tradicional bênção aos caminhoneiros e seus condutores e familiares. O Capitel, no entanto, é um importante marco da religiosidade popular, que deu origem nome ao bairro e possui memória afetiva ligada às pessoas e famílias.

Imagem 42 – Festividade em honra a São Cristóvão junto ao Capitel São, década de 40. Autor não identificado.



Fonte: Acervo Foto Perin.

Imagem 43 – Capitel São Cristóvão, 2020. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

A presença de um número expressivo de edificações no estilo palacete urbano na cidade de Nova Prata denota a pujança econômica das décadas de 1920 e 1930. Não só na arquitetura, mas também nos espaços públicos. Neste momento a cidade começa a se estruturar enquanto centro urbano.

Na área central, a Praça da Bandeira representa o principal espaço público da cidade, onde no seu entorno se estruturou rico patrimônio. Segundo Farina (1982), com base nos relatórios das Administrações Municipais, registros em tópicos pelos principais historiadores de Nova Prata, a Praça da Bandeira foi criada em 19 de novembro de 1938, pelo então prefeito Adolfo Schneider.

Imagem 44 – Desfile cívico junto à Praça da Bandeira em 1946. Autor desconhecido.



Fonte: Museu Municipal Domingos Battistel.

Sottili (2020), relata que inicialmente a Praça possuía benfeitorias ao norte do terreno, tornou-se um espaço público do Município, na área que sobrou. Supõem-se que não se construiu ali, por ocorrerem alagamentos, pois havia um córrego no sentido norte-sul. Em uma das laterais do terreno, passava a Estrada Buarque de Macedo. A Estrada que estava à leste da praça, é a parte mais longa e arredondada, o que definiu sua morfologia peculiar: o triângulo.<sup>3</sup>

Em 1991 foram instalados na praça sete painéis em homenagem à imigração, representando a chegada dos imigrantes, o trabalho da mulher imigrante, a religiosidade, uma ode à pátria, o artesanato, a vontade do homem de trabalhar sua terra e a realização do filó. O projeto idealizado por um grupo de arquitetos foi executado por dois artistas plásticos: Aido Dalmás, de Bento Gonçalves e Antoninho Sbroglio, de Nova Prata.

Também se descreve aqui, outro espaço de significado histórico: as ruas, os espaços públicos destinados à circulação das pessoas e veículos. Além da morfologia, a pavimentação das ruas denota a história do lugar. Em Nova Prata inicialmente as ruas eram estradas de terra, onde não havia a separação para o fluxo de pessoas ou cavalos e carroças de tração animal.

Com o passar dos anos começa haver a criação de um espaço separado para os pedestres nas fachadas das edificações mais modernas e depois a pavimentação da própria via com basalto, material característico da região.

Imagem 45 – Avenida Presidente Vargas no ano de 1944, sem pavimentação. Autor: Foto Perin.



Fonte: Acervo Foto Perin.

---

<sup>3</sup> Entrevista com Sergio Sottili, Nova Prata, 07 out. 2020.

As primeiras ruas a receberem pavimentação foram as Ruas Henrique Lenzi (antiga Buarque de Macedo no perímetro), a Avenida Presidente Vargas, Avenida Borges de Medeiros e a Avenida Fernando Luzzatto.

Perin (2020)<sup>4</sup>, relata que em 1946, uma enchente atingiu o centro da cidade, alagou as ruas e os primeiros pavimentos das residências. A vazão da água foi tão forte que arrancou os paralelepípedos do centro da cidade, recém colocados.

Imagem 46 – Ruas do entorno da Praça da Bandeira após a enchente de 1946, com os paralelepípedos arrancados. Autor não identificado.



Fonte: Acervo Foto Perin.

Salienta-se que ruas identificam locais, carregam nomes de personalidades e ainda caracterizam muitos municípios. Nova Prata que recebe o título de Capital do Basalto, conserva no quadrante principal o basalto original da década de 1940, na rua Henrique Lenzi (antiga Buarque de Macedo) e nas Avenidas Presidente Vargas, Borges de Medeiros e Fernando Luzzatto.

---

<sup>4</sup> Entrevista com André Perin, Nova Prata, 04 nov. 2020.

Imagem 47 – Rua com pavimentação basáltica, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Imagem 48 – Rua com pavimentação basáltica, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

### 2.3. ART DÉCO

O movimento arquitetônico do Art Déco surgiu na Europa no final do século XIX e perdurou até meados da década de 1940. Considerado ora como uma corrente da arte eclética e ora como o ponto de partida do movimento moderno, o Art Déco é um estilo de transição. Lançado oficialmente em 1925 na Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais Modernas de Paris, razão de seu nome, teve uma vida bastante efêmera. Inicialmente a Art Déco era uma arte voltada para burguesia do período Entreguerras (1919-1945), com utilização de materiais caros. Todavia, com a exposição realizada em Nova York em 1934, esse estilo se popularizou pelo mundo. O Art Déco se afirmou nas artes decorativas e arquitetura nos anos 1930.

Em Nova Prata, vemos diversos exemplares relevantes deste estilo. Elementos decorativos que fazem referência a linguagem industrial dos navios e carros são trazidos para a arquitetura, como sacadas arredondadas, janelas tipo escotilha e elementos decorativos geométricos.

Esta linguagem representa uma ruptura com as referências históricas, o abandono da decoração em massa de referência histórica, para a produção de uma arquitetura que representasse as novas ideias da modernidade industrial.

Em Nova Prata são identificadas algumas edificações que fazem a transição entre o historicismo e o Art Déco e posteriormente edificações que adotam o Art Déco como uma linguagem já proto-racionalista.

### **Fase de transição Historicismo para o Art Déco:**

A Fundação de Ferro Ltda. teve sua fundação efetivada em 1938, tendo por um dos primeiros diretores João Madalosso e, posteriormente, por pessoas das famílias Cerri e Cherubini. No período inicial a empresa já empregava trinta e cinco funcionários. Especializada em fundição de ferro e bronze, seus principais produtos foram máquinas industriais, serras para desdobrar madeiras, plainadeiras, prensas para copiar documentos e faturas, componentes de engenhos e moinhos. Numa segunda fase evoluiu para a produção de truques de caminhões e outros.

Um pavilhão de madeira e outras dependências de alvenaria abrigavam inicialmente a indústria. Na década de 1970, o pavilhão de madeira foi substituído por outro maior de alvenaria, dando melhores condições à atividade.

Imagem 49 – Primeiro pavilhão industrial da Fundiferro, s/d. Autor: Foto Perin.



Fonte: Acervo Foto Perin.

Imagem 50 – Contextualização do conjunto industrial da Fundiferro na malha urbana, próximo ao conjunto Coopibi. A fachada de um dos pavilhões já havia sido edificada em alvenaria, s/d. Autor não identificado.



Fonte: Acervo Foto Perin.

Imagem 51 – Fachada atual da edificação, 2019. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

O prédio do Colégio Nossa Senhora Aparecida também foi construído durante o período de transição de estilos arquitetônicos. A história da Escola Particular Nossa Senhora Aparecida se destaca neste contexto, onde diversas cidades do interior do Estado viram a edificação de grandes colégios como resultado da política do Governo do Estado.

Como reflexo do crescente número de novas matrículas ofertadas para o ensino primário (de 156 alunos em 1937, ano da inauguração, para 230 em 1942), após visita da

Madre Superiora Maria Imilda do Santíssimo Sacramento, decidiu-se por dar início às obras para a construção de um novo edifício, muito mais amplo e feito em alvenaria.

A pedra fundamental da nova edificação, fora lançada e abençoada no dia 4 de abril de 1943, após visita empreendida pelo Bispo Diocesano Dom José Baréa que, na ocasião, teria manifestado entusiasmo e aprovação frente ao trabalho das Irmãs. As festividades de inauguração, ocorreram em 19 de novembro de 1944 e contaram com Tríduo Solene na Capela da Escola e festejos no Salão São João Batista.

Em 8 de dezembro de 1949, já como Ginásio Nossa Senhora Aparecida, realizou-se a primeira cerimônia de formatura, em 1951 o prédio também passou a contar com a Escola Técnica de Comércio Imaculado Coração de Maria e, em 1969, com o Curso Científico do Colégio Nossa Senhora Medianeira, mantido pelo Círculo Operário Pratense e que vigorou até meados de 1974. Durante aquele mesmo ano, no dia 03 de abril, foi criado o Curso Técnico de Contabilidade.

O prédio, que além de acolher a Escola Particular Nossa Senhora Aparecida, também foi sede da Escola Estadual Tiradentes e do Fórum. Em 4 de agosto de 1993, recebeu as instalações do Núcleo Universitário de Nova Prata (NUPRA), fruto do projeto de regionalização empreendido pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) durante a década de 1990. Tendo inicialmente, sua aula ministrada junto ao prédio da Casa da Cultura, em 28 de agosto de 1993, transferiu-se para o prédio anexo do Colégio Nossa Senhora Aparecida e, em 1997, fora integralmente adquirido pela UCS.

Imagem 52 – Solenidade de Inauguração do Colégio Aparecida, 1942. Autor: Foto Perin.



Fonte: Acervo Foto Perin.

Imagem 53 – Edifício do Colégio Aparecida, 2019. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

O edifício da atual Viva Farma, construído durante a década de 1940, à mando da família Nardi e a ela ainda pertencente, abrigou o Banco do Comércio do Rio Grande do Sul, do qual ainda mantém, no andar térreo, seu cofre.

Imagem 54 – Propaganda da Casa Comercial Pletsch e Irmãos, 1939.



Fonte: KARNAL, 1939, p.39.

Construído em alvenaria, com sólida estrutura, comportava, em seu andar superior, a residência da família do gerente do Banco. Com pé direito de 3,70m possuía sala de banho, com escaiola para revestimento, cozinha, sala e vários cômodos com divisórias em madeira. Na chamada área molhada (banheiro, lavanderia e cozinha) ainda se encontra o piso original de ladrilhos de cimento.

Com a extinção do Banco do Comércio, a partir de 1975, o edifício passou a abrigar, no térreo, a Farmácia Fonseca, de Edson Fonseca e Odila Perin Fonseca. No andar superior

era alojamento, com vários quartos alugados para trabalhadores. Popularmente era chamado de “cortiço”. Nos anos de 1990 o andar superior foi reorganizado para se comportar salas comerciais. Abrigou, inclusive, Secretaria Municipal do Bem-Estar Social, escritórios, agência de publicidade, entre outros. Atualmente sedia o escritório da arquiteta Debora Tumelero, que presa pela preservação das características da edificação.

Observando o prédio com atenção, pode-se notar os imponentes alicerces de basalto que sustentam a edificação.

Imagem 55 – Edifício sede da farmácia Viva Farma, 2019. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

O edifício de alvenaria, onde atualmente funciona o restaurante denominado “O Porão” originariamente de propriedade de Natal Dal Piva, foi construído entre 1945-46. Possui muros de tijolo maciço. Uma marca da edificação é o acabamento em argamassa texturizada também conhecida como Cirex.

O cimento penteado é uma técnica de revestimento de fachadas, que até hoje se faz presente no patrimônio edificado brasileiro. Constituída de um traço (mistura) de elementos simples do canteiro de obras, a argamassa difundiu-se com o advento do cimento no país e marcou seu tempo em construções da primeira metade do século XX. De norte a sul, foi chamada de argamassa raspada (Pernambuco), pedra fingida (São Paulo), cirex (Porto Alegre) e cimento batido e penteado, na região sul do Rio Grande do Sul.

Figurou na arquitetura desde a linguagem eclética, passando pelos estilos do Art Nouveau, no Art Déco, no Modernismo, mas caiu em desuso, vítima do crescimento urbano e sua poluição, que dava um aspecto sujo ao cimento e da novidade mais moderna que na época, foram as pastilhas cerâmicas.

Imagem 56 – Bar O Porão, 2020. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Imagem 57 – Bar O Porão, 2020. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Fundada em 1939, a Cantina Tarasconi após construir as dependências adequadas para a recepção da uva e equipamentos para o processo de vinificação, armazenagem e expedição dos produtos. Em 1946 razão social passou para CANTINA TARASCONI.

Desde o início os produtos com a marca “Tarasconi” granjearam boa reputação, largo consumo e todo o território nacional.

Imagem 58 – Edifício da antiga Cantina Tarasconi, 2019. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

A esquina Borges de Medeiros com a Júlio de Castilhos, abriga uma casa centenária que foi adquirida por Romildo Tarasconi e Natália Tarasconi, há aproximadamente setenta anos<sup>5</sup>. Passou por uma ampliação e atualmente abriga a Loja Natural.

Imagem 59 – Antiga residência de Romildo e Natália Tarasconi, 2018. Autor não identificado.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

São inúmeras as edificações que testemunham a transição do Ecletismo para Art Déco nos percursos das ruas de Nova Prata, como um dos movimentos de substituição das edificações em madeira pela alvenaria, denotam o desenvolvimento econômico impresso na arquitetura da época e o acesso a novos materiais, em substituição ao Vernacular. Na sucessão de estilos, o Art Déco desponta com maior evidência.

### **Fase Art Déco**

No Brasil, o estilo Art Déco pode ser considerado mais pela sua manifestação decorativa do que construtiva e foi um suporte formal para várias tipologias arquitetônicas que se firmaram na década de 1930. Alguns exemplos disso foram os cinemas que, considerados a grande novidade, demonstravam os avanços tecnológicos e a cultura moderna (SAGAWA, 1998).

Na cidade de Nova Prata foram inventariadas vinte edificações neste estilo, todas com características similares como: estilo puro e luxuoso, uso de formas geométricas, design abstrato, emprego de materiais como o marfim jade e laca, a influência da vanguarda artística (futurismo e cubismo), a influência do modernismo e abstrações geométricas, linhas retas e circulares estilizadas.

---

<sup>5</sup> Especial 90 anos de Nova Prata, **Correio Livre**, Nova Prata, 07 de ago. 2014.

A Prefeitura Municipal está situada em um grande terreno no centro da cidade. O edifício foi implantado no eixo transversal do lote, apresentando recuos em todos os lados. Sua volumetria compõe-se basicamente pela intersecção em cruz de dois grandes volumes que exploram as linhas retas.

Dividido em três pavimentos, o prédio destaca-se pela sua monumentalidade e verticalidade, característica proporcionada pelo elevado pé direito e pela presença de platibanda alinhada aos planos verticais, que contorna por completo os volumes. A fachada frontal, totalmente simétrica, explora o uso de esquadrias verticalizadas. No volume central, as esquadrias encontram-se recuadas do plano principal da fachada, configurando uma subtração, que, em conjunto com a marquise, fazem a marcação do acesso principal. O reboco liso se faz presente em todas as paredes e os frisos lineares são responsáveis pelo acabamento do topo da platibanda.

Tecnologicamente, a obra foi estruturada em alvenaria autoportante. A cobertura executada em quatro águas para cada bloco da volumetria, totalizando doze águas, está ocultada pela platibanda.

O espaço interno é dividido em ambientes projetados para abrigar as funções públicas, conforme a necessidade da época. O saguão, localizado na entrada principal, abriga a circulação vertical e é responsável pela articulação dos ambientes nos pavimentos existentes. O pavimento térreo foi projetado para abrigar as funções destinadas ao atendimento ao público e os superiores abrigavam as secretarias, gabinete do prefeito, biblioteca e uma grande sala para eventos.

Imagem 60 – Inauguração do Palácio 11 de Agosto, sede do executivo em Nova Prata, 1942. Autor não identificado.



Fonte: Acervo Foto Perin.

Imagem 61 – Desfile cívico em frente à Prefeitura de Nova Prata, s/d. Autor não identificado.



Fonte: Acervo Foto Perin.

Imagem 62 – Prefeitura de Nova Prata, s/d. Autor não identificado.



Fonte: Acervo Foto Perin.

Imagem 63 – Prefeitura Nova Prata, 2019. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Também dentro desta linguagem a edificação dos Correios e Telégrafos se destaca na cidade de Nova Prata. A arquitetura deste prédio faz parte da política que pretendia normatizar arquitetonicamente o departamento de Correios e Telégrafos em âmbito nacional. Devido a isso, a agência possui forte semelhança aos demais prédios de mesma função, encontrados em outras regiões do Estado e do País.

Este edifício está estrategicamente localizado na malha urbana, e, a exemplo de outros, em lote de esquina. Sua volumetria geometrizada compõe-se pela adição de volumes e divide-se em dois pavimentos. A fachada destaca o acesso principal, que se encontra no volume recuado ao alinhamento e protegido por uma marquise.

As esquadrias verticalizadas proporcionam grandes rasgos nos planos de alvenaria. As platibandas com elevação reta escondem os telhados, sendo arrematadas por frisos lineares. As cores claras e o uso de esquadrias metálicas também são características desta tipologia.

O pavimento térreo, onde se localiza o setor de atendimento e demais funções do Correio, é um amplo salão sustentado pelo emprego de estrutura em concreto armado. Os demais ambientes são compartimentados por divisórias leves. O volume frontal do prédio abriga um mezanino, onde localiza-se a gerência. Já o volume mais esbelto, situado na esquina, abriga uma escada que leva ao segundo pavimento. Este, com acesso totalmente independente, tem função residencial, geralmente destinado para habitação do Gerente do Correio. A distribuição da planta é em linha, onde se percebe um zoneamento claro na distribuição dos ambientes. Os dormitórios dão acesso para um terraço que faz a cobertura do mezanino, na fachada principal.

Imagem 64 – Agência dos Correios, 2019. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Na década de 1950, a cidade de Nova Prata debatia-se com a carência de água potável. As administrações realizaram tentativas de suprir a carência com a perfuração de poços artesianos. Não tendo logrado êxito, a Administração Municipal de 01 de janeiro de 1960 a 31 de dezembro de 1963, do então prefeito Guerino Somavilla, encaminha um pedido de ajuda ao Governo do Estado, que de imediato encaminha a reivindicação à Secretaria das Obras Públicas. Acolhido o pedido, a Secretaria exige que o Município elabore um projeto das obras necessárias. No mesmo ano de 1960, é elaborado projeto prevendo a captação da água no Arroio Retiro. Aprovado, no ano de 1961, a Corsan constrói a barragem de captação no citado arroio. Em 1962 são instalados os motores da estação de recalque, é construída a torre de distribuição da água tratada, conclusão da estação de tratamento e da casa do laboratorista. Em 1963, último ano da Administração Somavilla, são colocados catorze mil metros de canos. Mas a inauguração é adiada.

Em 01 de novembro de 1964, o Secretário de Obras Públicas Sinval Guazzelli, que representou o Governador do Estado, inaugurou a então denominada pelo povo, Hidráulica de Nova Prata.

Imagem 65 – Estação de tratamento da Corsan, 2019. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

A vida social no início do século XX já era um ponto forte da cidade e a ideia de criar o Clube Grêmio Pratense, remonta ao dia 1 de janeiro de 1932, durante as comemorações da virada do ano, quando um grupo de jovens reunidos no Café Central, de propriedade de Alberto Sbroglio, discutiam sobre a necessidade de se criar um clube para a prática do futebol no município. Após esse primeiro momento, decidiu-se por formar uma comissão organizadora, cujos integrantes foram Jorge Peruzzo, Alcides Tarasconi, Oscar Goron e Mário Cini, este último, tendo sido o primeiro presidente.

Em 6 de janeiro daquele mesmo ano houve a primeira Assembleia Geral, ocorrida junto ao espaço do Salão Três de Outubro, presidida por Emílio Cerri, que decidiu a composição da primeira Diretoria, assim disposta: Mário Cini (Presidente), Adolfo Schneider (Vice Presidente), Hercílio Castilhos (1º Secretário), Juvenal Vieira (2º Secretário), José S. Cherubini (1º Tesoureiro), Antônio Peruzzo (2º Tesoureiro). O nome do Clube, ao que consta, deve-se ao fato de inúmeros gremistas e colorados fazerem parte do grupo fundador. Para contento de todos, após muitas divergências, chegaram ao consenso de o nome ser "Grêmio", mas a cor que identificaria o Clube deveria ser vermelha. Cores e nome que permanecem até os dias atuais.

Chegados os anos 1940, a dificuldade em manter uma sede fixa fez-se premente. O salão Três de Outubro, que servira de sede ao Clube desde a sua fundação, fora vendido ao grupo que posteriormente fundaria o Clube Aliança, o Hotel Central, de propriedade de João Fabris Sobrinho, que tivera servido como sede provisória ao Grêmio Pratense, não lograva suprir as necessidades do clube em ascensão.

Diante deste cenário, em 29 de outubro de 1942, o então Presidente Demétrio Lenzi, retificou em ata a compra do terreno para a construção da nova sede do Clube. Este, fora adquirido da família Grazziotin de Antônio Prado e a primeira prestação do pagamento fora realizada através de uma lista de doações. O início das construções, por sua vez, deu-se apenas sob a nova administração, presidida por Mário Cini e Guilherme Nedeff.

Durante esse período, em 1956, o Clube se estabeleceu social e recreativamente, tendo acolhido, além de um time de futebol, outras modalidades esportivas, como o tênis, através da formação do quadro social do Tênis Clube de Nova Prata. Em 15 de dezembro de 1968, foi inaugurada a piscina. Todavia, para além do espaço de sociabilidade e das atividades desportivas, o clube também se destacou por promover a cultura no município, realizando bailes, peças teatrais e, inclusive, em 1983 e 1984, as duas primeiras edições da Feira do Livro Municipal.

O Clube seguiu atuante e assim estruturado até meados do ano de 1995, quando foram iniciadas as obras de construção da sua nova sede social, situada na rua Luiz Marafon, esquina com a Avenida Cônego Peres.

Imagem 66 – Antiga sede da Sociedade Clube Grêmio Pratense, 2019. Autor Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Várias outras edificações de caráter residencial e comercial se destacam nesta época. Na esquina das ruas Henrique Lenzi e Flores da Cunha, foi construído em 1941-42, para a família de Isaias Marcos Manfredi e Maria Briani Manfredi, uma edificação muito peculiar da paisagem de Nova Prata.

Imagem 67 – Propaganda da Alfaiataria e Barbearia Manfredi.



Fonte: *O Dia*, Prata, 7 set. 192?, p.8.

O Edifício Manfredi possui uma implantação única que o coloca em destaque na configuração urbana de Nova Prata, valorizando a esquina com a ocupação em ângulo. Os elementos formais já demonstram essa fase de abandono de elementos decorativos em massa e referência a arquitetura naval.

Imagem 68 – Edifício Manfredi, 2019. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Também seguindo o Art Déco, a “Casa Irmãos Castagna”, situada na Rua Henrique Lenzi, esquina com a Avenida Placidina de Araújo, foi construída nos primeiros anos da década de 1940, por Ângelo Castagna, então motorista de caminhão.

Inicialmente, Ângelo e sua família habitavam no andar superior enquanto que o inferior servia para locação residencial. Posteriormente, no mesmo andar térreo também funcionaram casas comerciais, um escritório de contabilidade e, atualmente, uma loja de confecções.

Imagem 69 – Casa Irmãos Castagna, 2019. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Notório exemplar dessas edificações em alvenaria, é o Edifício Irmãos Elias, construído em 1956 e localizado na Avenida Borges de Medeiros. Tendo sido projetado pelo engenheiro civil recém formado Nagib Stella Elias. A construção atendeu aos anseios da família que há tempos idealizava possuir um edifício no centro do Município.

Segundo Nagibe Elias Ghiggi (2015), na década de 1950, Nova Prata presenciou, simultaneamente, um significativo progresso econômico e populacional e a latência dos precários serviços públicos então instalados. Diante disso, no ano de 1959, sob a administração do Prefeito Reinaldo Cherubini, instalou-se, no referido prédio, a primeira Agência do Banco do Brasil de Nova Prata, inaugurada no dia 15 de janeiro. O Banco permaneceu no local até 1974, sendo, após, transferido para o “Edifício Antonio Manssur Elias”, também de propriedade da família.

Com o deslocamento do Banco do Brasil, em seu lugar, ainda no ano de 1974, instalou-se a primeira Agência da Caixa Econômica Federal de Nova Prata, inaugurada no dia 19 de abril. Coincidentemente, na mesma data do cinquentenário do Município.

O referido prédio, em razão de suas dimensões, alocações e localização estratégica, serviu enquanto sede para importantes instituições no contexto do desenvolvimento do Município e da região. Em páginas de noticiário da época, como consta em Ghiggi (2015), foi publicada a seguinte nota em razão da inauguração da Caixa Econômica Federal:

As instalações apresentam as melhores condições possíveis para o trabalho desempenhado pelos funcionários no atendimento dos clientes, tendo o projeto sido elaborado pelo eng.º Edenor Buchholz, filho de Nova Prata. A nova casa bancária de Nova Prata virá beneficiar municípios, tais como Guaporé, Nova Araçá, Nova Bassano, Parai, Casca e outros. (GHIGGI, 2015, p.99)

Imagem 70 - Edifício Irmãos Elias, 2019. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

A área urbana de Nova Prata teve expansão considerável a partir de 1940, com a criação da então chamada Vila Coradin, promovida por Mário Coradin. Santo Sbrissa construiu em 1942, a Casa de Negócios e Hotel Sbrissa. O edifício, com fachada de alvenaria e estrutura de madeira, possuía porão de chão batido para armazenamento de pipas de vinho e mercadorias diversas; um primeiro andar, com pé direito de 3,45m, com sala de comércio, bodega, sala de refeições, cozinha, e dependências da família.

O segundo andar, com pé direito de 2,90m, possuía quatorze quartos para hóspedes, com sanitários e chuveiros coletivos. Santo Sbrissa possuía, além do estabelecimento comercial e hoteleiro, uma empresa de ônibus interestadual que fazia o itinerário Prata (RS) a Pato Branco (PR), passando por Lagoa Vermelha, Erechim e Chapecó. José Sbrissa, filho de

Santo Sbrissa, era o motorista principal do expresso. A Empresa familiar deu origem à Unesul. O hotel mudou de proprietário se tornando o Hotel Costenaro.

Imagem 71 – Ônibus da família de Sbrissa, s/d. Autor: Foto Perin.



Fonte: Acervo Foto Perin.

Imagem 72 – Hotel Costenaro, 2019. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Constituída em 17 de outubro de 1947, a Cooperativa Agrícola Mixta Pratense Ltda. era proprietária do Moinho Santo Isidoro (moagem de trigo e milho) e do Armazém Cooperativo. A primeira diretoria era formada por Luiz Guadagnin (diretor presidente), Agostinho Tarasconi (diretor comercial), Pasqual J. Bocchi (Diretor gerente). Conselho de Administração: Domingos Battistel, Francisco Carlotti, Martin de Conto, Antônio De Nardi, Pedro Pagnoncelli, Severino Toscan, Isaias Marcos Manfredi, Antônio Clivatti, João Girardi e Giocondo Capellari. Conselho Fiscal: Mário Coradin, Atílio Lenzi e Arlindo Peterlongo Ely. Suplentes: Fioravante Antonioli, João Frison e Vergílio Bocchi. O atual prédio de madeira do Moinho Santo Isidoro, foi construído em 1946, sendo João Bettin o diretor presidente,

Luiz Rigo Tesoureiro, Arthur Rigo moageiro e Almérico Rigo motorista do caminhão Chevrolet 1946, que buscava o trigo diretamente nas casas dos agricultores.

O edifício original do Moinho Santo Isidoro, localizado na Presidente Vargas, 215, foi construído em 1946, com três sólidos andares para suportarem as mós de pedra para triturar o milho e alguns cilindros para moer o trigo.

Em 1981 a Cooperativa foi incorporada pela Coopibi, mas o prédio original ainda se mantém. Ao longo dos anos à medida que o empreendimento crescia anexos foram construídos. Atualmente o conjunto conta com quatro silos destinados ao armazenamento de grãos que são conhecidos como silos graneleiros, principalmente para manter os grãos secos, de modo a evitar a sua deterioração.

Depois do moinho em madeira na esquina, há quatro silos graneleiros, em estilo Art Déco (ao oeste). Atualmente a edificação é da Coopibi. Ao lado da Coopibi, em meio ao gramado, há uma singela casa, que pertencia ao caseiro.

Imagem 73 - Conjunto Coopibi, 2019. Autor Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Sua construção remonta ao início dos anos 1960 e, desde então, permanece sob propriedade da mesma família: os Briani. Inicialmente, de Balduino Briani e Alice Constantina Marafon Briani. Atualmente pertence à Marli Terezinha, Juliana Briani, Egon e Guilherme Briani.

Segundo consta no Registro de Imóveis da Comarca de Nova Prata, o bar teria iniciado suas atividades em 1986 e, o mesmo permanece ativo até hoje servindo, por conta da sua posição privilegiada junto à uma importante esquina do centro da cidade, na Avenida Fernando Luzzatto com a Rua General Flores da Cunha, como um relevante ponto de

encontro para indivíduos de todas as idades em seus momentos de recreação. A rua da referida Avenida, vale evidenciar, por conta do bar, tornou-se popularmente conhecida como o “Morro do Tupi”.

Imagem 74 – Bar Tupi, 2019. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Na esquina da Avenida Presidente Vargas, próximo ao Moinho Santo Isidoro, encontra-se o prédio de alvenaria que por mais de trinta anos abrigou a Alfaiataria de Antônio Rigo. Construído em 1946 por Hercules Romanzini, de dois pisos, sendo o primeiro destinado à Alfaiataria e mais uma sala comercial e segundo andar, com cinco quartos, cozinha e sala, era a residência da família de Antônio Rigo, filho do casal de imigrantes italianos Giovanni Rigo e Carolina Pivatto Rigo

Imagem 75 – Antiga alfaiataria e residência de Antonio Rigo, atualmente Bar do Paraíba, 2019. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

“A boa roupa”, letreiro presente no topo da edificação e muito famoso no século XX, traduz o primeiro conceito empresarial das Lojas Renner ainda no começo do século, quando

a marca era conhecida principalmente por seus trajes masculinos de alta qualidade. Hoje a segunda maior rede de lojas de departamentos de vestuário do Brasil, a Renner foi pioneira no país ao introduzir um modelo de gestão baseado no conceito do encantamento.

A loja de departamento nasceu em Porto Alegre (RS), nas mãos do descendente de alemães Antônio Jack Renner com o grupo A. J. Renner. O ano era 1912, e a empresa se resumia a uma indústria têxtil instalada no Bairro de Navegantes. Na época, o grupo comercializava, entre outras coisas, capas de pura lã muito resistentes ao frio, chuva e vento característico da região – peça que em pouco tempo se tornou indispensável em Porto Alegre –. É dessa época, inclusive, que remonta o slogan: “Renner, a boa roupa, ponto a ponto”.

Imagem 76 – Casa Renner, 2019. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Imagem 77 – Casa Renner, 2019. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

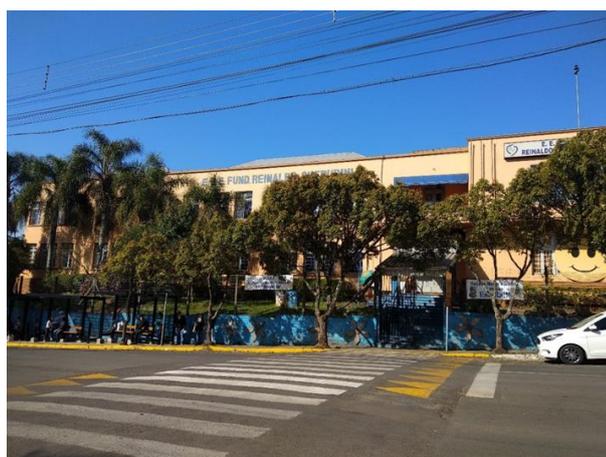
Junto à Avenida Placidina de Araújo encontra-se um prédio escolar, padrão do Estado do Rio Grande do Sul, construído em 1941, com a denominação inicial de Grupo Escolar Tiradentes, atual Escola Estadual Reinaldo Cherubini. Antes da existência do edifício público, o primitivo Grupo Escolar Tiradentes, fundado em 15 e junho de 1929, no então recém emancipado Município de Prata, tinha outra sede. Com a construção padronizada em 1941, abrigou o educandário Tiradentes até 1959, quando da fundação da Escola Reinaldo Cherubini, sendo então o Tiradentes transferido para prédio anexo do Colégio Nossa Senhora Aparecida, onde permaneceu até 1976.

Imagem 78 – Edifício do Grupo Escolar Tiradentes, década de 1940. Autor não identificado.



Fonte: Museu Municipal Domingos Battistel.

Imagem 79 – Escola Estadual Reinaldo Cherubini, 2019. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Imagem 80 – Escola Estadual Reinaldo Cherubini, 2019. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

As décadas de 1950 e 1960, foram marcadas pelo crescimento vigoroso de vocações religiosas. Centenas e centenas de jovens da região, a grande maioria de origem humilde de agricultores, buscavam os seminários. Na região, os Freis Capuchinhos, que já tinham um Seminário muito concorrido em Veranópolis, obrigaram-se a construir outro Seminário em Vila Flores.

O Seminário São José era destinado aos jovens para cursarem o ensino primário, depois seguiam para o Seminário Nossa Senhora Aparecida, de Caxias do Sul.

No final dos anos 60 as vocações diminuíram drasticamente. Até que em 1970 o Seminário deixou de realizar a missão para a qual tinha sido construído. Passou por um período de indecisões, até que por volta de 1975, com a liderança do Padre José Pagnocelli, o espaço passou a designar-se Casa de Pastoral São José. Destinada a realização de cursos diversos, servindo treze Paróquias da chamada Forania de Nova Prata.

Treinamento de liderança cristã marcou época, com dois ou mais cursos por ano. Em torno de 50 jovens de toda a região passavam finais de semana em uma espécie de retiro, com muita reflexão e convivência. Grupos de Jovens também tinham ali o seu espaço. Jornadas de catequese, retiros, cursos os mais diversos também eram realizados. Recentemente, parte das dependências acolheram a Casa do Idoso.

A arquitetura religiosa teve sua importância em tempos antigos e continua influenciando as crenças das sociedades atuais. Para muitos povos, os edifícios com funções

sagradas não eram apenas espaços físicos dedicados a cultos, rezas, rituais e cerimônias, mas também monumentos que representavam poder e identidade. É o caso do Seminário São José que possui planta comum a todos os seminários e conventos, sua forma em “U” anuncia sua função, as paredes protegiam os alunos do mundo exterior e os voltavam a seu pátio interno, assim como deveriam voltar-se a si mesmos e a Deus. Implantação no centro do terreno de esquina, utilizando-se da topografia, situa-se na parte mais alta do terreno.

Imagem 81 – Seminário São José, década de 1950. Autor: Foto Perin.



Fonte: Acervo Foto Perin.

Imagem 82 – Casa Pastoral São José, 2019. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Constata-se que o estilo Art Déco foi aplicado em edificações de maior volumetria na arquitetura local. Prédios que abrigam espaços públicos, religiosos, comerciais e industriais, notáveis no espaço que ocupam. Transmitem solidez e feições de funcionalidade. Há moradias no estilo, no entanto, em sua maioria, no térreo abrigam espaços comerciais e a residência é reservada para os andares superiores.

## 2.4. ESTILO MODERNO

Em 1920, como aponta Segawa (1998), foi lançado na Europa o primeiro número da revista *L'Esprit Nouveau*, esta que era escrita pelo arquiteto suíço Charles Edouard Jaenneret Gris, que mais tarde assinaria como Le Corbusier. Já a edição de 1924, teve como nome de “Os cinco pontos de uma arquitetura nova”, onde trazia as principais características do novo estilo arquitetônico, sendo eles Pilotis: com a finalidade de elevar o bloco edificado acima do solo; Terraço jardim: restituição do solo verde na cobertura do edifício; Planta livre: para flexibilidade no arranjo interno; Janela em fita: aberturas horizontais contínuas e Fachada livre: trazendo o mesmo conceito da planta, porém em plano vertical. Também indicava como características principais o racionalismo e funcionalismo, as formas geométricas bem definidas com poucas ornamentações e a integração da arquitetura com o paisagismo e as artes plásticas trazidas em painéis de azulejos, mosaicos, esculturas, etc.

No contexto arquitetônico, a influência desses ideais foi tão grande que deu origem à uma nova maneira de criar, planejar e arquitetar obras e construções. Nas primeiras décadas do século XX, a Arquitetura Moderna foi marcada como um período de rejeição aos estilos tradicionais. Nesse momento ocorreram modificações em diversos aspectos, que deram forma a muito do que é construído até hoje em cidades do mundo inteiro. Quem conseguiu resumir bem esse espírito foi o Alemão Mies van der Rohe (1886-1969), em uma frase que é, ela própria, exemplo do seu significado: “menos é mais”. Esse estilo moderno privilegia tudo o que é simples, mas nunca o que é simplório. Tal característica se manifesta, principalmente, nas formas – que são básicas – e na matéria-prima utilizada, como o concreto aparente, o aço e o vidro, os materiais favoritos da Arquitetura Moderna.

É importante ressaltar que o mundo vivia um período propício à todas essas transformações na forma de fazer arquitetura, pois havia passado pela Revolução Industrial, que mudou a maneira de produzir e revolucionou a qualidade dos materiais de construção por meio de novas tecnologias. No âmbito das peculiaridades que marcam essa vertente, também está a valorização das funções sociais das construções. Em diferentes graus, todos os grandes arquitetos modernos preocupavam-se com a forma como suas criações seriam utilizadas na prática pelas pessoas.

No Brasil esse movimento foi influenciado pela transformação do modo de entender a arte dada em um dos marcos da nossa história: a Semana de Arte Moderna de 1922. A Arquitetura Moderna brasileira se deu de maneira mais expressiva entre 1930 e 1950, com as propostas da Semana de 1922. O movimento pregava a expressão do nacional de forma

autônoma e independente dos ideais europeus. Isso marcou o movimento arquitetônico nacional e fez com que um novo estilo de pensar arquitetonicamente fosse desenvolvido, adaptado à nossa cultura, nossas formas e nossos materiais.

Segawa (1998) relata em sua obra “Arquiteturas no Brasil 1900-1990” a importância que a arquitetura e a estética das cidades tiveram para a propagação do novo estilo que chegava ao Brasil:

[...] praticidade e economia, arquitetura de volumes, linhas simples, pouco elementos decorativos, mais sinceros e bem em destaque, nada de mascarar a estrutura do edifício para conseguir efeitos que no mais das vezes são desproporcionados ao fim, e que constitui sempre uma coisa falsa e artificial. [...] é preciso estudar o que se fez e o que se está fazendo no exterior e resolver os nossos casos sobre estética da cidade com alma brasileira. Pelo nosso clima, pela nossa natureza e costumes, as nossas cidades devem ter um caráter diferente das da Europa.” (LEVI, 1987, p. 21-22 apud SEGAWA, 1998, p.43-44)

Segawa (1998) afirma ainda que na Europa a arquitetura moderna era uma preocupação corrente entre os intelectuais, mais até do que entre os profissionais da área. Le Corbusier já era um nome bem conhecido no Brasil na época, pois suas publicações eram de fácil acesso e grande repercussão. Em 1929, quando visitou o país pela primeira vez, foi uma grande inspiração para os pioneiros da Arquitetura Moderna no país, Oscar Niemeyer e Lucio Costa. Um marco importante da Arquitetura Moderna Brasileira, foi o Pavilhão do Brasil na Feira Mundial de Nova York, em 1939. Antes de existir internet e da televisão se proliferar pelo mundo, as novas tendências eram expostas em feiras mundiais, o que levou os arquitetos Oscar Niemeyer e Lúcio Costa a criarem uma notória edificação, mostrando ao mundo uma nova forma de projetar.

Imagem 83 – Pavilhão do Brasil na Feira Mundial de Nova York de 1939. Autor: Carlos Eduardo Comas.



Fonte: ArchDaily Brasil<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup>ArchDaily Brasil: Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/615845/classicos-da-arquitetura-pavilhao-de-nova-york-1939-lucio-costa-e-oscar-niemeyer>>. Acesso em: 07 out. 2020.

A Arquitetura Corbusiana precisou ser adaptada à cultura brasileira com a adequação de elementos típicos da Escola Carioca, como brises e cobogós que se adequaram aos climas e paisagens locais. A primeira obra com características modernistas do Brasil, a Sede do Ministério da Educação e Saúde no Rio de Janeiro, foi projetada por Le Corbusier em 1936, a convite do então presidente Getúlio Vargas e teve em sua equipe de projeto nomes conhecidos como Lucio Costa, Niemeyer e Afonso Reidy, além do paisagismo projetado por Roberto Burle Marx e os painéis criados pelo artista Cândido Portinari. Este prédio marcou o início da arquitetura moderna no Brasil (SEGAWA,1998).

Imagem 84 – Sede do Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro, 1950. Autor: Marcel Gautherot.



Fonte: Itaú Cultural.<sup>7</sup>

Na década de quarenta, nos diz Luccas (2006), jovens arquitetos da escola carioca trouxeram projetos para o Rio Grande do Sul, porém os mesmos não foram realizados devido à resistência de grupos locais conservadores.

Durante o Estado Novo, na primeira metade dos anos 40, alguns projetos estatais significativos seriam destinados à capital gaúcha, concebidos por arquitetos da Capital Federal. Lamentavelmente, estas propostas não foram concretizadas, constituindo uma perda considerável para a arquitetura da cidade (LUCCAS, 2006).

Em Porto Alegre, no ano de 1943, o Instituto de Previdência do Estado (IPE) contratou Oscar Niemeyer para projetar sua sede. Nesta obra estava previsto encontrar os pontos expressados por Le Corbusier como os pilotis, brises, cobogós, abóbodas típicas da escola carioca e liberdade formal. No entanto, o projeto não foi aprovado pelo engenheiro da Prefeitura, que caracterizou o estilo como não próprio para a Avenida Borges de Medeiros,

---

<sup>7</sup> Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3762/ministerio-da-educacao-e-saude-mes>>. Acesso em: 07 out. 2020.

com a justificativa que contrastaria muito com as construções do entorno (LUCCAS, 2006). Conforme aponta Luccas (2006), no final dos anos 1940, instalou-se em Porto Alegre o gaúcho Edgar Graeff (1921-1990), e o alagoano Carlos Alberto de Holanda Mendonça (1920-1956). Os dois arquitetos que tiveram sua formação no Rio de Janeiro, foram os pioneiros do Modernismo Rio Grande do Sul e, a partir destes, o estilo foi se disseminando pelo Estado.

Em Nova Prata a afirmação da modernidade acontece na década de 1950, tal como em diversas cidades do interior do Estado, seguindo até final dos anos 1970.

O Hotel Coroados, além de ser classificado dentro do movimento por conter características do Modernismo, também conta com seu jardim projetado pelo paisagista Roberto Burle Marx, nome bastante conhecido durante o período, por desenhar praças e jardins por todo o Brasil e exterior, em parceria com diversos arquitetos de renome, como Lúcio Costa.

Em 19 de setembro de 1971, foi lançada a pedra fundamental da construção do Hotel Coroados, de Nova Prata. O mesmo era uma exigência espontânea para colocar a cidade nos roteiros turísticos do Estado, que começava a organizar e profissionalizar o segmento.

Com a realização dos Congressos Florestais e Festas do Basalto, hotéis dignos dos eventos eram absolutamente necessários. Um pequeno e seletivo grupo de médicos foram desafiados a serem empreendedores da obra. No entanto, foi assumido por apenas dois abnegados, Asdrubal Monteiro Berquó e Odoli Lopes de Barros. Os mesmos entenderam a urgência do empreendimento para a autoestima da cidade e aceitaram o desafio e tornaram o sonho uma realidade. Ao longo das três primeiras décadas, o Hotel foi palco de eventos turísticos, gastronômicos e culturais de relevância e, ao mesmo tempo, abrindo as portas para importantes personagens políticos, intelectuais e turistas de todos os estados do país e, com frequência, estrangeiros.

Imagem 85 – Hotel Coroados, 2019. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Imagem 86 – Jardim interno do Hotel Coroados projetado por Burle Marx, 2019. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Outra edificação deste período foi o Salão Paroquial. O projeto foi aprovado em agosto de 1969, sendo responsáveis o engenheiro civil Nagib Stella e arquiteto Edenor A. Buchholz. Foi inaugurado em 22 de junho de 1972 com a bênção solene do então Bispo Diocesano de Caxias do Sul, Dom Benedito Zorzi.

A primeira ampliação aconteceu em setembro de 1991, sob responsabilidade do engenheiro civil Nagib Stella Elias. As intervenções melhoraram os serviços de copa, cozinha, churrasqueira e sanitários. Em dezembro de 1998, foram realizadas outras benfeitorias, com o mesmo engenheiro e o Arquiteto Romano Martini.

A última reforma e ampliação aconteceu em novembro de 2011, sob a responsabilidade das arquitetas Carol Wolffe e Gissele Fiuzza, engenheiro civil David Postal.

Imagem 87 – Salão da Paroquial, 2019. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

O Hospital São João Batista (HSJB) foi fundado em 11 de fevereiro de 1948. Inicialmente funcionava em um prédio situado logo abaixo do atual. A partir de 1956, graças às ideias e ao empenho do Padre Adolfo Luiz Fedrizzi, ao projeto do jovem engenheiro Nagib Stella Elias e a colaboração de toda a comunidade, iniciaram-se as obras de construção do prédio onde atualmente encontra-se instalado. Foi inaugurado em 21 de abril de 1963.

O HSJB, constituído sob a forma de associação, é uma entidade privada, comunitária, sem fins lucrativos, filantrópica tendo em seus resultados a única fonte para investimentos em sua modernização física e tecnológica, visando à melhoria da qualidade e a resolutividade no atendimento aos seus usuários.

Imagem 88 – Hospital São João Batista, s/d. Autor não identificado.



Fonte: Acervo do HSJB.

A agência do Banco do Brasil foi instalada em Nova Prata no ano de 1959 junto ao pavimento térreo do Edifício Irmãos Elias. Na década de 1970 iniciou a construção de sua sede própria, finalizada em 1974. A edificação segue a linguagem modernista adotada pelo banco como identidade de empresa. Uso de estrutura modular em concreto, ausência de elementos decorativos e racionalidade formal.

Imagem 89 – Sede do Banco do Brasil de Nova Prata, 2019. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

A residência de Arno Tarasconi chama atenção por diversos elementos do Movimento Moderno. Situada no centro da cidade, ocupa um terreno com nível superior ao logradouro, condição que proporciona destaque à obra. O autor do projeto é o engenheiro Nagib Stella Elias e o ano da construção é 1957.

Constituída de dois pavimentos, a residência encontra-se afastada de todas as divisas do terreno e apresenta volumetria cúbica. No pavimento térreo, a subtração torna o local de acesso recuado do restante da fachada e o seu traçado em curva cria um direcionamento para o acesso ao escritório. No pavimento superior, a subtração cria uma varanda. O telhado possui duas águas em sequência formando um *shed* e com beirais retos em concreto armado. A cobertura foi executada em telha de fibrocimento.

Com relação aos aspectos tecnológicos, o projeto foi desenvolvido com estrutura mista: concreto armado em conjunto com a alvenaria autoportante. O revestimento do pavimento térreo em pastilhas cerâmicas proporciona uma marcação de base, diferenciando este pavimento do restante da residência, que possui textura em reboco liso.

A organização interna foi estruturada em três setores distintos, sendo que no primeiro pavimento localiza-se o setor social e de serviços e o segundo pavimento abriga o setor íntimo, sendo que ambos estão vinculados através de uma circulação centralizada, tratada como um elemento escultórico no espaço.

Imagem 90 – Residência de Arno Tarasconi, 2019. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Em 1956, os irmãos Aberlino e João Basílio Perin reuniram condições financeiras e iniciaram as obras para a construção de um novo prédio para seu cinema, que até então dividia espaço com o Salão Paroquial. A nova edificação foi projetada pelo arquiteto Jeferson Hoveder de Porto Alegre e supervisionado pelo engenheiro civil Nagib Stella Elias.

O Cine Lux foi inaugurado dois anos depois, em 17 de agosto de 1958, com o corte da fita simbólica por parte do então prefeito Reinaldo Cherubini e bênção do Pároco Padre Adolfo Luiz Fedrizzi. Os primeiros sócios do Cine Lux, registrados em Contrato Social, foram: Felix Cherubini, Edgar Gaspar Selbach, João Basílio Perin, Aberlino Claudino Perin, Neco Cherubini, Gelmi Cherubini, Eduardo Buchholz, Antônio Arcanjo Lorenzini, Hilda Cini e o Hospital São João Batista. O primeiro filme a ser exibido no novo espaço, no dia 17 de maio daquele mesmo ano, foi “Sete Noivas para Sete Irmãos”.

Imagem 91 – Cine Lux em 1958. Autor não identificado.



Fonte: OLIVO, 2013, p.1.

Os pratenses das décadas de 1960 e 1970 escutavam as chamadas nos alto falantes, na voz de Emílio Wolff, divulgando a programação da semana. Os domingos dos anos 60 tinham um ritual: as crianças e jovens, aos saírem da missa que quase todos frequentavam, se aglomeravam em frente ao Cine Lux para ver o cartaz, isto é, conhecer a programação cinematográfica da semana. Até os anos 1980, o cinema sobrevivia, fazendo frente à televisão e ao vídeo cassete. Depois os cinemas de rua acabaram se tornando obsoletos. Poucas pessoas ocupavam as mais de oitocentas poltronas do Cine Lux, que entrava em decadência.

Importante ressaltar que o Cine Lux também foi palco de algumas peças de teatro, conferências, festivais de coros e espetáculos em geral. O Cine Lux que funcionou de 1958 a 1999. Permaneceu dezoito anos fechado, e então um grupo de empresários resolveu investir novamente na edificação.

Imagem 92 – Cine Lux, 2019. Autor Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Na ocasião da vinda do Arquiteto Jerson José Hayer, lhe foi solicitado o projeto para uma residência unifamiliar para Demétrio Lenzi, segundo as concepções da época, resultando assim em uma edificação característica do Movimento Moderno. Datada de 1957, seu projeto contou com a participação do Engenheiro Nagib Stella Elias.

Imagem 93 – Residência de Demétrio Lenzi, 1957. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Construído no ano de 1959, com projeto do engenheiro civil Nagib Stella Elias, o edifício de propriedade do casal João Domingos Fabris e Assunta Rigo Fabris chama a atenção as diversas sacadas dos segundo e terceiro andar.

O térreo era Loja Fabris, com confecções da moda infantil, juvenil e adulta, destacando-se pelos vestidos de noiva que ficavam expostos na vitrine. Vendiam-se também panos em metro, desde os mais simples, os chamados riscados e brim caqui, até tecidos de linho, de lã, etc. Era loja de com artigos de cama, mesa e banho também. Na década de 1960, na moda feminina faziam enorme sucesso as minissaias e os vestidos de bolinhas.

Muito populares eram as três balconistas: Assunta Rigo Fabris, proprietária e diretora dos serviços, e as irmãs Zélia Rigo e Geni Rigo. Enquanto o João Fabris, proprietário, administrava a Casa Comercial no todo.

Imagem 94 – Edifício Fabris, 2019. Autor Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Originalmente o imóvel era de propriedade de João Domingos Fabris, construído em 1958, adquirido pelo Banco do Estado do Rio Grande do Sul (Banrisul). Foi Agência do Banrisul de Nova Prata de 1959 a 1999, sendo que o térreo e o segundo andar eram para os serviços bancários. O terceiro andar era dividido em dois apartamentos, que serviam de residência do Gerente e do Subgerente.

No ano de 1999 o Banrisul decidiu vender o edifício por não atender suas necessidades. Foi adquirido em leilão pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Nova Prata. Atualmente, o edifício tem no pavimento térreo uma loja, o segundo e o terceiro pavimentos são ocupados pelo Sindicato dos Trabalhadores Rural e pelo Sindicato dos Bancários.

Imagem 95 – Edifício sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, 2019. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Imagem 96 – Edifício sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, 2019. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

O Estilo Moderno em Nova Prata coincide com a construção de Brasília e a presença de Roberto Burle Max em Congressos Científicos que aconteciam no Município. As edificações que o representam, em sua maioria, são para usos públicos tais como o Hospital, o Salão Paroquial, as agências financeiras, escolas, edificações horizontais como Hotel e moradia funcional. O uso de muito concreto e obra brutalista, como é a edificação da Caixa Econômica Federal. São elementos presentes na paisagem urbana que evidenciam o período de progresso difundido para a época. Outras características arquitetônicas, como o estilo Californiano, também foram registradas pela pesquisa.

## **2.5. ESTILO NEOCOLONIAL CALIFORNIANO**

Esse estilo se desenvolveu nas décadas de 1930 a 1950 mesclando a arquitetura rural espanhola das missões jesuíticas com as formas simples de antigas civilizações. Surgiu na Califórnia, por isso a nomenclatura. No Brasil, configura a busca pela identidade nacional na arquitetura, utilizando referências mais tradicionais como entrada sob varanda na frente, com um ou dois arcos; paredes rebocadas com textura, pintura na cor branca; pedras de granitos aparentes nos cantos, nos arcos e nas chaminés; cobertura com telhas cerâmicas coloniais e um quadro de azulejos.

Pode-se dizer que foi este foi um estilo puramente americano e que ia na contramão do modernismo. Tanto em Nova Prata quanto em várias cidades do Estado são encontrados exemplares de residências neocoloniais.

Uma das casas de estilo californiano que chama atenção pela beleza plástica e paisagística como um “castelinho”, foi edificada dos anos de 1954-55, construída pelos pedreiros Rissotto e irmãos “Mostaci”, com projeto de Nagib Stella Elias, para ser residência do casal Lezeire André Poletto e Norma Pierina Calliari Poletto.

Imagem 97 – Residência de Lezeire Poletto e Norma Calliari Poletto, 2019. Autor: Paula Fogaça



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Outra residência em estilo californiano foi construída nos anos de 1953-54, para o casal Jair Benazzi e Leni Benazzi. Conta-se que, quando noiva de Jair, “teve o privilégio de escolher a casa dos sonhos”. Aproveitando a oportunidade da vinda a Nova Prata do arquiteto italiano Chiomento, o mesmo mostrou aos noivos um álbum de fotografias de prédios residenciais que havia construído na Califórnia, Estados Unidos.

Em consenso, o casal Benazzi optou por um modelo que se adequava ao lar que pretendiam construir. Após a contratação de ótimos pedreiros, em fins de 1954 a casa estava pronta. Com fachada e avarandado característicos do estilo, a casa possui três dormitórios, sala de banho, cozinha e salas conjugadas e mais a garagem em construção anexa, harmonizada com o todo. Para cada dependência, conforme planejado, Carlito Ponzoni construiu forro de madeira. Os móveis originais que a residência ainda mantém, foram obra de Enriquelmo Dal Piva.

Chiomento, que era italiano de nascimento, residiu durante cinco anos na Califórnia, veio para o Brasil procurando se integrar na região italiana do Rio Grande do Sul, permaneceu alguns anos em Nova Prata no período áureo da indústria de extração e comércio de madeira. E depois retornou à Itália.

Imagem 98 – Residência de Jair e Leni Benazzi, 2019. Autor: Paula Fogaça



Fonte: Acervo da SMTCEL.

## 2.6. ESTILO ZAKOPANE

A imigração de europeus que foi tão importante na configuração da história e da cultura de Nova Prata que deixa suas marcas até os dias atuais não apenas no patrimônio vernacular, como já visto, mas também na implantação de hábitos e estéticas europeias.

O estilo Zakopane, proveniente da região montanhosa da Polônia é uma dessas linguagens que pode ser identificada na cidade. Baseada na arquitetura vernacular tradicional desta região da Polônia, é caracterizada pelo uso da madeira com telhado inclinado e sótão.

Imagem 99 – Casa polonesa, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

## 2.7. ESPAÇOS PÚBLICOS

O Parque Florestal que abriga a Gruta Nossa Senhora de Lourdes e o Viveiro Municipal, tem longa história associada ao prolongamento da cidade, ocorrido na década de 30 quando Mário Coradin efetivou o loteamento de terras próprias, que passaram a se chamar “Vila Coradin”, na área Norte da cidade do Prata, recém-emancipada, que necessitava ter maior número de casas no perímetro Urbano.

Além de uma centena de casas construídas, Mário Coradin mandou erigir a Gruta Nossa Senhora de Lourdes, então inserida em um poteiro onde pastavam algumas vacas. Aquele logradouro não foi loteado, tornando-se um parque. Na administração de João Carlos Schmitt (1977 a 1983), foi criado o Viveiro Florestal, bem no topo do terreno, inserido numa área de 2,6 hectares.

Neste pequeno reduto da natureza, são reproduzidos mudas de espécies nativas, ornamentais e exóticas. Em torno de 200.000 mudas por ano são ali produzidas para florestamento e reflorestamento, atendendo prioritariamente as demandas do município e o excedente é comercializado. Desde a sua criação, o mesmo tornou-se uma referência nacional na produção de mudas de espécie nativas. Na área funciona uma Bolsa de Sementes que armazena e distribui sementes de aproximadamente 150 espécies de árvore nativas. Estas sementes são acondicionadas em câmara fria, em embalagens especiais.

Imagem 100 – Gruta Nossa Senhora de Lourdes, 2019. Autor Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Imagem 101 – Viveiro Florestal Rubens Longhi, 2019. Autor Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Ao acessar a Cidade, encontra-se no trevo sul, painéis artisticamente elaborados que foram idealizados por um grupo de arquitetos prateses e executados por dois artistas plásticos, Aido Dalmás, de Bento Gonçalves e Antoninho Sbroglia, de Nova Prata. Os painéis representam a evolução do trabalho, tendo como matéria prima o basalto. São cinco painéis:

- 1 – A Religiosidade;
- 2 – A extração do Basalto;
- 3 – O aperfeiçoamento da técnica de aproveitamento da pedra;
- 4 – Descanso da meia-tarde, onde a mulher leva a merenda para os familiares na pedreira;
- 5 – O aproveitamento da pedra natural encontrada nas colônias, utilizada como cerca.

Possui cachoeiras entre os painéis que representam a abundância de águas no município. Ao todo são cinco painéis de alvenaria com artes em basalto e iluminação a noite.

Imagem 102 – Pórtico Sul, 2019. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Os painéis no trevo ao norte da cidade, também idealizados pelos mesmos arquitetos e artistas, mantiveram o Basalto como a base para a criação artística e expressam obras e a riqueza do Município.

Imagem 103 – Pórtico Norte, 2019. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

### **3. PESQUISA HISTÓRICA**

Quanto à pesquisa histórica, o objeto solicitado e aprovado pelo Fundo de Apoio à Cultura (FAC-RS) traz a seguinte conotação: Pesquisa histórica (serviço de pesquisa histórica com um mínimo de 45 e um máximo de 70 imóveis, justificando a fonte de pesquisa em publicações oficiais, ou relatos orais, devidamente elencados).

Para tanto, a pesquisa histórica valeu-se da organização e sequenciamento semelhante ao Detalhamento das características arquitetônicas apresentado no capítulo anterior. O conteúdo foi disposto de acordo com as tipologias arquitetônicas e características espaciais de bem cultural, contemplando suas especificidades históricas e o valor simbólico destes patrimônios para a comunidade pratense. Desta forma, a ordenação será:

- 1 – Edificações vernaculares;
- 2 – Edificações com linguagem Historicista Eclética;
- 3 – Edificações com linguagem Art Déco;
- 4 – Edificações com linguagem Modernista;
- 5 – Edificação em estilo Zakopane;
- 6 – Espaços;

Salienta-se que, por questões próprias de cada campo de pesquisa, algumas definições não seguiram hermeticamente a orientação do capítulo anterior, incluindo as edificações contempladas. Já a nomenclatura atribuída a cada bem cultural foi orientada pelo reconhecimento dado pela comunidade à ele ou em referências aos primeiros proprietários e/ou usos da edificação

#### **3.1. EDIFICAÇÕES VERNACULARES**

As primeiras edificações apresentadas nesta pesquisa são produto das técnicas construtivas vernaculares e dos saberes relacionadas aos processos de imigração ocorridos em fins do século XIX na região serrana do Rio Grande do Sul, principalmente sob influências das culturas de imigração alemã, italiana e polonesa. Destacam-se no município de Nova Prata edificações de usos variados, alguns modificados ao longo de suas trajetórias, de acordo com as necessidades de seus proprietários, conforme apresentado no capítulo anterior.

Constam ainda as comunidades do interior do município, com sua identidade cultural forjada sob a tríade trabalho, família e religiosidade, que ainda hoje resguardam resquícios dos costumes, práticas e tradições dos imigrantes europeus que por ali se estabeleceram entre o final do século XIX e início do XX (XERRI, 2002, p.133). A centralidade do elemento religioso, materializada em suas inúmeras capelas, igrejas, capiteis e cemitérios, traduzem as remanescências de uma cultura associativista, onde a edificação religiosa permaneceu enquanto “polo de convergência social” (HERÉDIA; PAVIANI, 2003, p. 62).

Os cemitérios que circundam as capelas destas comunidades, importantes locais de conservação da memória dos que se foram, constituem também importantes instrumentos de fortalecimento do imaginário local, bem como espaços de memória das respectivas comunidades.

Dada a relevância dos espaços mencionados para a cultura local, foram selecionados alguns dos seus exemplares, detentores de técnicas construtivas vernaculares e saberes herdados dos processos de imigração, os quais serão apresentados a seguir.

### **Museu Municipal Domingos Battistel**

Edificado nas primeiras décadas século XX, sua construção é atribuída, conforme referências da memória local (FARINA, 1986; GALEAZZI, 1998), ao mando de Henrique Lenzi, imigrante italiano que exerceu cargo de subintendente, conselheiro municipal e foi membro da comissão emancipatória de Capoeiras, em outras palavras, homem de prestígio político e social na localidade. A Escritura de traslado de compra e venda<sup>8</sup> do edifício, datada de 10 de fevereiro de 1923, indica que o primeiro proprietário do imóvel foi Henrique Lenzi, que o vendeu em 23 de março de 1920 a Gabriel Cherubini, este último permaneceu como proprietário do edifício até 17 de julho de 1922, quando vendeu-o ao casal Mario e Angela Coradin. O documento não informa os usos que cada um dos proprietários deu ao imóvel.

Os primeiros registros de sua ocupação indicam ter sediado o Colégio das Irmãs do Sagrado Coração de Jesus, conforme aponta a professora Adelina Cherubini Tomedi, em depoimento concedido a Geraldo Farina em dezembro de 1982, destacando: “Depois eu vim

---

<sup>8</sup> Traslado de escriptura publica de compra/venda, Prata, 10 maio 1926. Arquivo Histórico da Casa da Cultura Pe. Adolfo Fedrizzi, Nova Prata.

para Capoeiras lecionar no lugar das Irmãs que tiveram que sair daqui e ir para o Bassano. Tiveram que sair em vinte e quatro horas. A escola era ali no velho casarão que depois foi prefeitura, delegacia de polícia e tanta coisa” (FARINA, 1986, p.86). Tomedi, nascida em 1897, afirma ter lecionado na escola por volta de seus vinte anos, aproximadamente 1917, o que confirma a ocupação do edifício enquanto escola e sua construção nas primeiras décadas do século XX.

Na década de 1920 passou a exercer funções públicas ligadas ao executivo, abrigo a Subintendência e a Subdelegacia distritais. Adelina Cherubini Tomedi recorda das divergências políticas entre borgistas e assististas, conhecidos localmente como *pitocos* e *jagunços* respectivamente, trazendo o edifício como palco destas disputas pelo poder, que envolviam por vezes, o uso de violência:

Houve muitas rixas. Os jagunços seguidamente batiam em alguém e eram maltratados violentamente pelos soldados e postos na cadeia ali da casa que depois foi prefeitura, foi delegacia e se lá quanta coisa. A nossa casa era aqui bem pertinho. Só Deus sabe o que se passava na 150 Mquele porão imundo que era a cadeia. Quantos gritos horríveis! Quanta maldade tinha também naquele tempo. Era a guerra entre jagunços e pitocos. Mas a lei estava sempre do lado dos pitocos; eles eram a lei. (FARINA, 1986, p.103)

Após a emancipação do município em 1924, o local deixou de ser sede do executivo, mas posteriormente voltou a sediar a Intendência Municipal. A compra oficial do edifício é datada de 1926, trâmite positivado pelo então intendente Felix Engel Filho, que o adquiriu do farmacêutico Carlos Geyer e sua esposa Zelia Antunes Geyer, pelo valor de 13:000\$000. No Transalado de escriptura publica de compra/venda<sup>9</sup>, a propriedade é descrita: “Contendo de area total de mil seiscentos e vinte metros quadrados, a casa construida, parte de taboas e parte de material, com duas janelas e uma porta de frente”, características preservadas até os dias de hoje.

Com as reformas políticas ocorridas a partir do Golpe de 1930 e a transformação das Intendências em Prefeituras, o edifício passou a sediar a Prefeitura Municipal de Prata, função que exerceu até 1942, quando a instituição foi transferida para o espaço que ocupa até o tempo presente. A partir disso, continuou exercendo funções públicas importantes como Exatoria, Fórum e Delegacia de Polícia.

---

<sup>9</sup> Certidão de transferência de imóvel, Nova Prata, 29 ago. 2019.

Imagem 105 – Estudantes, professores e autoridades de Prata em frente ao edifício da prefeitura em cerimônia cívica comemorativa ao 11 de Agosto, data da Emancipação Política do município. Autor não identificado.



Fonte: Museu Municipal Domingos Battistel.

Imagem 106 – Posse dos subdelegados de polícia dos distritos de Prata em 1940. Sentados, da esquerda para a direita foram identificados: Nei Barbisan de Nova Araçá; Angelin Cattelan de Vista Alegre; João Goulart de Nova Bassano; João Fabris Sobrinho de Nova Prata; Leovegildo de Souza, Delegado de Polícia, Alcides Tarasconi, Escrivão da Delegacia; Belmiro Mezzomo de Paraí e Julio Schneider de Protásio Alves. Em pé, foram identificados: sd. Manoelão, sd. Idelbrando, cb. Ministro, sgt. Vasco, cb. Lima, sd. Adão e sd. Juracy. Autor não identificado.



Fonte: Museu Municipal Domingos Battistel

Por volta de 1970, já bastante deteriorado fisicamente, abrigou alguns escritórios de despachantes e foi utilizado como espaço para ensaios do Conjunto Musical Tecnosom. Entre 1976 e 1982 a Delegacia de Polícia voltou a ser instalada no local. No ano de 1987 passou a sediar o Museu Municipal Domingos Battistel, função que exerce até os dias atuais. No mesmo ano, foi tombado juntamente com seu entorno pela Coordenadoria de Patrimônio Histórico e Artístico do Estado, hoje IPHAE, devido sua relevância cultural e por ser um dos últimos exemplares em madeira que mantém suas características originais (BATTISTEL, 2018, p.4-6).

Localmente é conhecido como “Casarão Verde”, nome afetivo atribuído pela comunidade devido às sucessivas pinturas da edificação em tonalidades de verde.

Imagem 107 – Museu Municipal Domingos Battistel, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

### **Antigo Hotel De Nardi**

Localizado no bairro Rio Branco, antigo distrito de Nova Prata, localidade que também ficou conhecida no início do século XX pelo nome de “Maragata”, por ter sido local de combates durante a Revolução de 1893. Está situado às margens da antiga Estrada Geral Buarque de Macedo, onde transitavam tropas de gado, carroças e posteriormente, caminhões transportando madeira, charretes, ônibus e automóveis, tornando-se um ponto estratégico. Conforme Schmitt (2015), em 1910 Antônio Zottis erigiu uma casa de madeira para abrigar comércio e hospedaria, espaço conhecido como Casa de Pasto, espécie de pousada depois convertida em Hotel.

Em 1918, o estabelecimento é adquirido pela família Tomasi. De 1930 a 1962, abrigou o Hotel De Nardi, de propriedade de Alexandre De Nardi.

Imagem 108 – Propaganda do Hotel de Nardi, 1939.



Fonte: FARINA, 1986, p.127.

Paulo Lenzi, que durante mais de meio século passava semanalmente pelo “Maragata”, assim relatou para o *Jornal Popular* em 3 de novembro de 2011:

Na época áurea da exploração da madeira em toda a região e da Colonização do Norte do Estado e do Oeste de Santa Catarina, todos usavam a Estrada Geral Buarque de Macedo como a principal via. Quando a empresa colonizadora União Erechim estava em plenas atividades, décadas de 1950-60, pelo menos quatro ônibus lotados, paravam, diariamente, para almoço dos passageiros no Hotel De Nardi. Os caminhoneiros, igualmente, paravam no local em função do atendimento e pela deliciosa e tradicional gastronomia oferecida. Em épocas de chuva, cujo trânsito de caminhões era interrompido na região do campo, ficavam estacionados de 40 a 60 veículos nas proximidades do hotel, onde os motoristas almoçavam, jantavam, tomavam banho e muitos pernoitavam no próprio hotel, enquanto outros dormiam na cabina de seus caminhões. (SCHMITT, 2015)

De 1962 a 2011 foi de propriedade de Dionísio Gasparetto. Adquirido por Rosana e Eraldo da Silva, entre os anos 2013-2015, o imóvel foi totalmente reformado, passando a dispor de banheiros nos quartos e outras comodidades necessárias para sediar a Pousada dos Maragatos.

Imagem 109 – Pousada Maragatos, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

### **Antigo Moinho Balzan**

Localizado em propriedade pública, junto à Floresta Municipal, o Moinho Balzan foi ali instalado por Caetano Balzan no início do século XX, junto à então Cascata Grande do Prata, hoje conhecida como Cascata da Usina. Segundo Battistel (2013, p.733):

Em 1912, Caetano Balzan foi morar nessa localidade e, no mesmo ano, instalou o moinho, auxiliado pelo carpinteiro Ângelo (Angelino) Capelari e os irmãos Dall’Agnoll. Os Balzan compraram um conjunto de mós de uma família de alemães que morava onde hoje reside Ordólia Boaretto, em Capela São José de Nova Prata.

Além das edificações em madeira, foram necessárias outras adequações do espaço para sediar o moinho. O valo que auxiliava na condução da água para a roda do moinho foi aberto à base de fogo e água. A família enchia o valo com nós de pinheiro e ateavam fogo até a madeira tornar-se um braseiro. “Quando a rocha estava aquecida, largavam dentro água fria que fazia fragmentar a rocha. Depois, recolhiam o cascalho e arrebentavam algumas pontas de pedra com marretas e ponteiros de ferro”. Este processo foi repetido sucessivas vezes, até o valo atingir um metro e meio de profundidade (BATTISTEL, 2013, p.737).

A família dispunha de um conjunto de edículas destinadas ao beneficiamento de cereais, dos quais destacam-se o moinho maior, com dois conjuntos de mós, uma para trigo e outro para milho, um moinho menor somente para milho e uma edificação destinada ao descascamento de arroz (BATTISTEL, 2013, p.733).

Imagem 110 – Complexo de edificações da família Balzan, contando com moinhos e residência, 1941. Autor não identificado.



Fonte: Acervo Foto Perin

Nos trabalhos de construção do complexo do moinho, Caetano Balzan sofreu um acidente que cegou um de seus olhos, fato que levou a comunidade a chamar o empreendimento de *Molin del'orbo*, expressão em Talian que significa “Moinho do cego”. Nas referências consultadas não é especificada a natureza do acidente (BATTISTEL, 2013, p.733; *Jocelen Balzan Ghellere*, Nova Prata, nov. 2020<sup>10</sup>).

Jocelen Balzan Ghellere, em entrevista concedida em novembro de 2020, afirma que seu avô Caetano Balzan e posteriormente os filhos deste, além de prestarem serviços ligados ao beneficiamento dos cereais para os colonos da localidade, compravam cereais para produção de farinhas, que abasteciam as casas comerciais e armazéns da região. Battistel (2013, p.733) destaca que a importância deste empreendimento está relacionada principalmente ao seu local de inserção junto ao Rio da Prata, pela capacidade de vazão oferecida. Nos períodos de estiagem a maior parte dos moinhos hidráulicos da região paravam seu funcionamento, já o Moinho Balzan, que não era impactado tão drasticamente, trabalhava durante o dia e a noite para dar conta da demanda de moagem.

Na gestão do prefeito Vitor Pletsch (1983-1988), sob a LEI Nº 1804/1986 DE 03 DE DEZEMBRO DE 1986<sup>11</sup>, a propriedade passou a integrar a Floresta Municipal, juntamente com o complexo da antiga Usina Hidrelétrica Municipal e a cascata.

---

<sup>10</sup> Entrevista com Jocelen Balzan Ghellere, Nova Prata, nov. 2020.

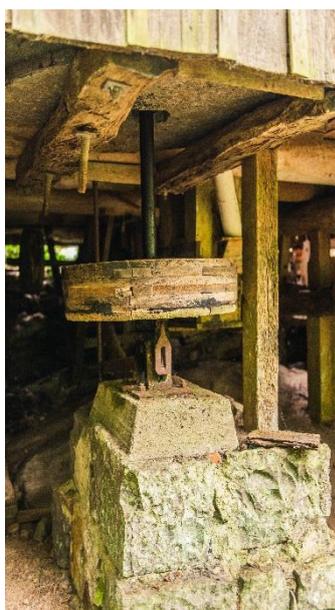
<sup>11</sup> LEI Nº 1804/1986 DE 03 DE DEZEMBRO DE 1986. Arquivo Público da Prefeitura Municipal de Nova Prata.

Imagem 111 – Instalação destinada à moagem do antigo Moinho Balzan, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



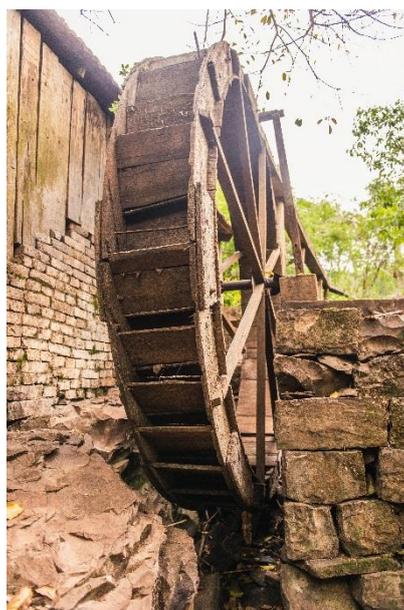
Fonte: Acervo da SMTCEL.

Imagem 111 – Estrutura da mó em uma das edículas do antigo Moinho Balzan, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Imagem 112 – Roda d'água do antigo Moinho Balzan, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

## **Instituto de Previdência e Assistência Municipal (IPRAM)**

Edificação construída no início da década de 1940 para abrigar a família de Avelino Lenzi. Ao longo de sua trajetória cumpriu função residencial, abrigando também as famílias de Guilherme José Nedeff<sup>12</sup> e Kleber Pereira de Souza<sup>13</sup>.

Essa situação se transformou em 1980, quando o imóvel foi adquirido pelo Instituto de Previdência e Assistência Municipal (IPRAM), passando ser sede do órgão, função que cumpre até os dias atuais.

Imagem 113 – Sede do IPRAM, Nova Prata, 2020.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

## **Capela Santo Estanislau**

Localizada na Linha General Osório, a Capela Santo Estanislau materializa a presença da cultura de imigração polonesa no município de Nova Prata através da religiosidade popular comunitária. “Entre os primeiros moradores estão as famílias Rabulka, Kaminski, Troski, Gaievski, Gregoski, Petrokovisk, Vaskievski, sendo que a primeira família italiana a residir na localidade foi Migliavaca” (XERRI, 2004, p.147).

Segundo Xerri (2004, p.147) na pedra da cruz da capela de Santo Estanislau está escrito que em maio de 1996 comemoraram-se seus oitenta anos de existência, podendo-se inferir que sua edificação seja datada da segunda década do século XX, aproximadamente

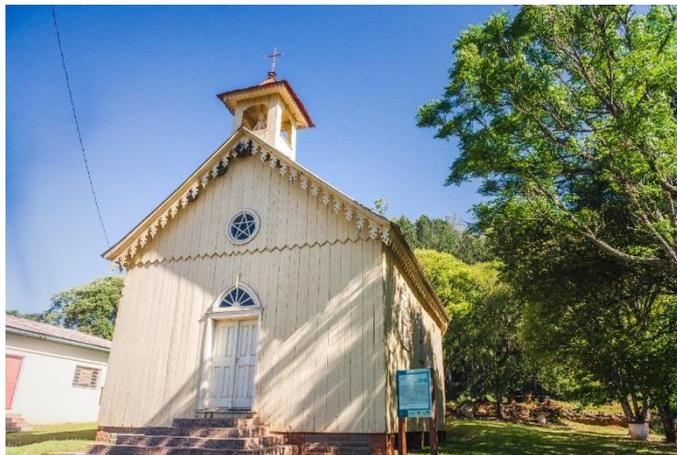
---

<sup>12</sup> Certidão de compra/venda Guilherme José Nedeff – Emília Leite Nedeff, Nova Prata, 10 dez. 1980.

<sup>13</sup> Certidão de compra/venda Kleber Pereira de Souza – IPRAM, Nova Prata, 10 dez. 1980.

1916. A autora ressalta que o primeiro templo religioso da comunidade foi uma pequena capela em honra a São José, porém alguns moradores, dentre eles Estanislau Buaski, Vadeslau Gaieski e outro de sobrenome Viginieski, decidiram trocar o santo padroeiro, optando então por Santo Estanislau, Bispo de Cracóvia e mártir polonês (XERRI, 2004, p.147).

Imagem 114 – Capela Santo Estanislau, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

A comunidade de Santo Estanislau foi desmembrada dando origem à uma nova comunidade, Santo Isidoro. No percurso entre elas encontra-se o cemitério de imigrantes poloneses, descrito por Xerri (2004, p.147) como um espaço de

singular beleza, sob um arvoredo ajardinado pela natureza e por uma espécie de palmas. Nas cruzes deste cemitério e do cemitério da comunidade de Santo Estanislau é possível ver o nome de famílias que desbravaram a região como: Waskiewicz, Modelski, Ziemniczak, Bzezinski, Stachuski, Rabulka, Knycpel, Brezezinki, Rapkiewicz, Petrekoska, Kaczawa, Gaieski, Prokoska, Kaminski, Buaski, Sobieski, Cortelini [família de origem italiana].

Em entrevista realizada com Romano Knispel, filho dos imigrantes poloneses Marin e Leocadia Knispel, em 30 de junho de 1999, a historiadora Eliana Xerri registrou fragmentos do cotidiano religioso da cultura de imigração polonesa na comunidade, destacando:

Nas missas era comum ter a impressão que os poloneses não sabiam rezar, pois não respondiam as orações feitas pelos padres, quem o fazia eram os italianos, devido ao idioma.

As festas religiosas como o Natal eram aguardadas com fé muito mais do que na expectativa de um presente. A Páscoa era celebrada com uma massa assada, também usada na celebração de Natal. (XERRI, 2004, p.147)

Imagem 115 – Cemitério de imigrantes poloneses, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Imagem 116 – Cemitério de imigrantes poloneses, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

### **Capela Três Mártires**

Segundo Xerri (2004, p.138) a Linha Bento Gonçalves, onde está localizada a Capela Três Mártires, foi colonizada por imigrantes europeus de origens variadas, destacando-se alemães, italianos e poloneses. A autora afirma que os primeiros instalados nas terras da localidade foram os alemães e, por conseguinte, italianos e poloneses, ressaltando: “Lourdes Simioni Busatto lembra que o pai comprou as terras da família Múchers e que a linha era toda povoada por alemães. De quando era criança, lembra das famílias: Loch, Licks, Gehring, Gnadt, Pich, Grizzon, Busatto, Guidolin” (XERRI, 2004, p.138).

“A escolha dos santos Três Mártires, como padroeiros da comunidade foi feita pelo padre Mascarello. Sua festividade ocorre no mês de novembro” (XERRI, 2004, p.139).

Baseada em depoimentos de moradores locais, somado à consulta do Livro-Tombo 2 da Paróquia São João Batista de Nova Prata, Xerri aponta o caráter comunitário empregado na edificação da capela:

A construção da igreja católica foi iniciada por Antônio Grizzon; os fundadores foram Renato Busatto, Mateus Simioni, Miguel Loch, Alberto Gehring, Francisco Licks, João Guidolin, Pedro Guidolin, José Guidolin e Miguel Guidolin. Quando a igreja foi construída não existia salão de festas. Para a edificação, os moradores colaboraram com materiais e mão-de-obra, por exemplo: Renato Busatto doou um pinheiro em tabuinhas para o telhado, Licks deu a madeira para o lado de fora da igreja. A terra para a construção da igreja foi adquirida por Augusto Han, que também colaborou para a compra do sino, assim como Felipe Pletsch. (XERRI, 2004, p.138)

A autora transcreve ainda as informações que constam no Livro-Tombo 2 da Paróquia São João Batista de Nova Prata, segunda ela, registradas pelo padre Luis Mascarello:

A capela foi inaugurada em 8 de novembro de 1942, tendo sido construída sobre uma parte do lote 25, adquirido por parte do senhor Augusto Han. Pouco tempo depois foi construído próximo à capela o cemitério local. Da mesma forma a madeira utilizada para a construção do cemitério foi doada por Francisco Licks e os demais sócios entraram com a mão-de-obra. [...]. Em 1950 aconteceu a festa de inauguração do sino. (XERRI, 2004, p.139)

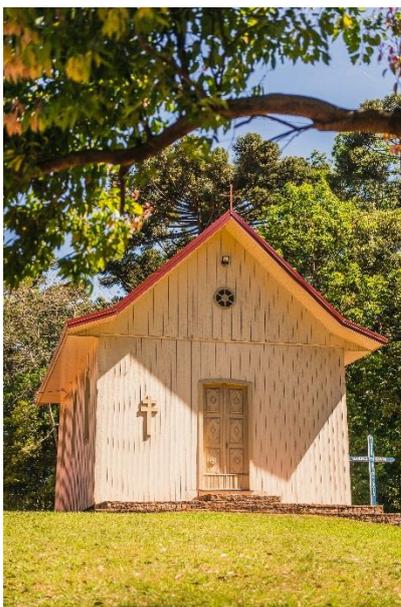
Agusto Han, apesar de professar fé Luterana, participou da compra do lote para edificação da capela, da compra do sino e doou as vigas de sustentação do campanário, para que, quando de sua morte os sinos pudessem badalar, desejo que foi atendido pela comunidade (XERRI, 2004, p.139). Com recursos oriundos dos associados, os melhoramentos na edificação foram sendo implementados aos poucos, assim a pintura da igreja ocorreu em 1956, um ano depois recebeu instalação de energia elétrica. A 11 de maio de 1959 o bispo diocesano de Caxias do Sul, Dom Benedito Zorzi, realizou a primeira visita pastoral à comunidade. Já o salão comunitário foi inaugurado em 1963 e a instalação de água canalizada ocorreu comente em 1983 (*Folha da Serra*, Nova Prata, 25 maio 1988.)<sup>14</sup>

Atualmente, a comunidade organiza e trabalha na festa anual em homenagem aos padroeiros, houve épocas que festejavam também o dia de Nossa Senhora Medianeira. Aos domingos os membros da comunidade reúnem-se para a reza do terço (XERRI, 2004, p.139).

---

<sup>14</sup> Capela Três Mártires, Linha Quinta, Bento Gonçalves – NP. **Folha da Serra**, Nova Prata, 25 maio 1988.

Imagem 117 – Capela Três Mártires, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

## **Igreja Luterana**

A pequena edificação de madeira da Igreja Luterana localizada na Linha Bento Gonçalves, interior do município de Nova Prata, não possui datação especificada para sua construção. Segundo Xerri (2004, p.248) “A construção de madeira da igreja luterana, instalada na Linha 5ª, representa uma das mais singelas marcas da presença da etnia alemã e o registro de sua religiosidade”. A autora destaca ainda que na localidade existiam duas vertentes do luteranismo, uma vinculada ao Sínodo de Missouri, oriunda dos EUA, que enviava pastores ao Brasil e outra ao Sínodo Rio-grandense, cujos pastores eram de origem alemã (XERRI, 2004, p.249).

Os primeiros registros das atividades religiosas protestantes na região apontam que “Nos anos iniciais do século XX, em documento traduzido por Carlos H. Moris, [...], ficou registrada a dificuldade de pregação à comunidade da Linha 5ª, devido às ‘inúmeras peripécias e carências a serem aguentadas nas viagens’”, considerado um fator para a emigração das famílias de origem alemã da região de Nova Prata (XERRI, 2004, p. 248). Desta forma, nos primeiros anos do século XX:

No 1º Domingo do Advento, o pastor George Daschner foi instalado na comunidade da Linha 5ª por Emil C. Wegehaupt. O pastor Daschner havia sido ordenado em Michigan nos EUA, pelo pastor H. Finke. A instalação do pastor ocorreu na pequena casa eu servia de escola e havia sido enfeitada com guirlandas e com palmas.

No ano de 1909, os pastores Gruell e Von Jutrzenka se dirigiram para a Linha 5ª, acompanhados pelos fiéis, onde aconteceu a instalação do reverendo Gruell; a

recepção foi ornamentada com palmas e flores na pequena igrejainha. (XERRI, 2004, p.248-49)

A partir da pesquisa da historiadora Eliana Xerri, pode-se inferir que a edificação da Igreja Luterana aconteceu nos primeiros anos do século XX, visto que, em 1909 nas festividades de recepção para o pastor Gruell, é citada a presença da mesma. Não especificada, é a vertente luterana que ocupava templo, pois segundo a autora havia outra igreja luterana localizada aos fundos da Capela Santa Catarina, da qual ainda existem elementos do cemitério.

Imagem 118 – Em primeiro plano a escola da Comunidade Luterana e ao fundo a Igreja Luterana, s/d. Autor não identificado.



Fonte: Arquivo Histórico da IECLB.

Imagem 119 – Cemitério luterano, s/d. Autor não identificado.



Fonte: Arquivo Histórico da IECLB.

Ilsa Rigoti, em entrevista concedida à Eliana Xerri em 30 de agosto de 1999, relembra aspectos do cotidiano religioso da comunidade, destacando que a maior dificuldade para

pregação se dava pela ausência de pastor, que visitava a comunidade cada dois ou três meses. Desta forma, o professor Franklin Hort organizava o culto de leitura todos os domingos, além de reger o coral que animava as festividades religiosas na Páscoa e no Natal (XERRI, 2004, p.249-50). Já o professor Francisco Krüger, que substituiu Franklin Hort, conta que durante a Segunda Guerra Mundial a Igreja vinculada ao Sínodo Rio-grandense foi fechada pois o pastor não falava português, somente alemão, sendo penalizado pelas restrições impostas pelo Estado Novo (1937-1945), aplicadas principalmente para estrangeiros ou em áreas de colonização alemã, italiana e japonesa (XERRI, 2004, p.250). O recenseamento de 1940 registrou 207 cidadãos pratenses que professavam a fé protestante (XERRI, 2004, p.77)

Na primeira década do século XXI, existiam aproximadamente quinze famílias luterana em Nova Prata, contando com cultos semanais aos sábados pela manhã no perímetro central e aos domingos, quinzenalmente, na Linha Bento Gonçalves. A vertente luterana que permaneceu no município é originária do Sínodo Rio-grandense, que posteriormente foi convertida na Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil (IECLB). Já o Sínodo de Missouri, tornou-se a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), do qual não foram apuradas informações sobre os percursos traçados no município, possivelmente todos os fiéis tenham migrado para outras localidades (XERRI, 2004, p.250).

Imagem 120 – Igreja Luterana, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Imagem 121 – Cemitério luterano, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

### Capela São Brás

A Capela de São Brás está localizada na Linha Décima ou Linha Garibaldi, interior do município de Nova Prata, em terreno doado pela família Zanquet na década de 1930. Segundo Xerri (2004, p.174):

A primeira capela localizava-se nas terras pertencentes a Inocente De Conto, ficava no início da propriedade. Como não se situava no centro da comunidade, dificultando o acesso de alguns, resolveram transferi-la para o local onde está situada atualmente.

A terra para a construção da nova igreja foi doada pela família Zanquet, tendo ocorrido há aproximadamente 65 anos. O santo padroeiro é São Brás que assim como a imagem de Nossa Senhora do Caravágio e o sino, foram doação de Inocente De Conto.

Segundo esta autora a nova capela foi erigida em 1939, aproximadamente. Com algumas divergências, a Prefeitura Municipal de Nova Prata (2015) apresenta narrativa semelhante em pesquisa realizada para implementação do Roteiro religioso:

[...] foi construída em 1905 em terreno doado por José Ely. Por volta de 1935 a comunidade decidiu transferir a Capela para uma localidade de maior concentração de residências, onde se encontra atualmente. As obras de transferência exigiram extremos cuidados e até critérios científicos para que nada se perdesse do original. Apenas a cobertura, que era de tabuinhas, foi substituída por zinco.<sup>15</sup>

Nesta versão, sugere-se que a capela teria sido desmontada e sua estrutura remontada em outra localidade, preservando o modelo de arquitetura original de 1905, exceto no telhado, originalmente de tabuinhas, conhecidas no Talian como *scandole*, substituídas por telha de zinco.

---

<sup>15</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA PRATA. Relatório Roteiro Religioso. Caxias do Sul, 2015.

Ambas narrativas foram constituídas a partir de relatos de moradores da localidade, baseadas na metodologia de pesquisa da história oral, ou seja, estão vinculadas às memórias e experiências dos sujeitos entrevistados, justificando as divergências nas informações apresentadas.

Imagem 122 – Capela São Brás, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

### **Capela São Miguel**

Construída em meados da década de 1950, a nova Capela de São Miguel foi benta e inaugurada em 31 de março de 1957, junto à Linha Oitava do Rio da Prata. Segundo Xerri (2004, p.166):

Em visita pastoral do bispo diocesano, realizada no ano de 1959, ficou registrado que a Capela de São Miguel é de madeira, nova, há um barracão de madeira para as festas e são 10 os sócios, sendo seis de Protásio Alves; há cemitério, e escola localiza-se em cima do morro e possui 22 alunos.

Em fins do século XX a Capela foi tombada pela Paróquia e, devido ao número reduzido de famílias residentes na comunidade, foi desativada (XERRI, 2004, p.166). No ano de 1999, em acordo positivado pela LEI Nº 4252/99 DE 16 DE SETEMBRO DE 1999, entre a Prefeitura Municipal de Nova Prata a Mitra Diocesana de Caxias do Sul, o território de inserção da capela foi cedido para fins turísticos ao poder público por tempo indeterminado, conforme consta no Art. 1º da referida Lei:

Art. 1º. Fica o Poder Executivo Municipal, autorizado a receber em cessão de uso turístico e manutenção, uma área de terras de propriedade da Mitra Diocesana de

Caxias do Sul (RS), com área total de 3.000,00 m<sup>2</sup> (três mil metros quadrados), localizada na Capela São Miguel, localidade de Fazenda da Pratinha.<sup>16</sup>

Imagem 123 – Capela São Miguel, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

O cemitério da comunidade localiza-se próximo à capela, possuindo diversos túmulos com rica arte cemiterial, destacando-se as cruzes de ferro, as coroas funerárias de latão, lápides em pedra e concreto.

Imagem 124 – Jazigo não identificado junto ao cemitério da Capela São Miguel, 2020. Autor Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Imagem 125 – Jazigo não identificado junto ao cemitério da Capela São Miguel, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

<sup>16</sup> LEI Nº 4252/99 DE 16 DE SETEMBRO DE 1999. Arquivo da Prefeitura Municipal de Nova Prata.

Imagem 126 – Jazigo não identificado junto ao cemitério da Capela São Miguel, 2020. Autor Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

### **Capela São Luiz**

A Capela São Luiz está localizada na Linha Garibaldi, território integrante do antigo Distrito de Rio Branco. A região teve como primeiros proprietários o casal Silvério Antonio de Araújo e Placidina Vieira de Araújo. Após a morte de Silvério em 1903, a viúva e seus herdeiros passaram a vender lotes de terras para famílias de origem italiana, destacando-se as João Cunico, José Poleselo, Martin De Conto, Santo Perin, José Perin, Adolfo Nichetti, Marcos Polesello, Gerônimo Cunico, Primo Luvison, João Polesello, José Tochetto, Pedro Ferronato, Antônio Gotardo, Ilário Fedatto, José Bussolotto e Arlindo Perin (XERRI, 2004, p.172).

Segundo Xerri (2004, p.173):

No mês de janeiro de 1928, o Padre Vigário José Sanson recebeu provisão para benzer o sino para a capela de São Luiz. A primeira capela também era de madeira e localizava-se no mesmo lugar que a atual, foi construída pelos carpinteiros Butini, Fedatto, Piete Marin. Em 11 de outubro de 1944, comungaram pela primeira vez 37 crianças na Capela São Luiz.

A capela foi inaugurada no ano de 1940, e construída no mesmo local que a anterior, em terras doadas por José Perin e teve como construtor Caetano Polesello.

A comunidade possuía salão de festas localizado junto à capela, posteriormente foi transferido e construído em terreno doado por Antônio Lovison. “Da visita pastoral de 1959, ficou registrado que a capela era de madeira com barracão de madeira, 21 sócios e 65 alunos na escola” (XERRI, 204, p.173).

Na capela, além da escultura de São Luiz Gonzaga, encontram-se as de Santa Lúcia, São Francisco de Assis e Nossa Senhora do Bom Conselho. A comunidade realiza três festas anuais para homenageá-los, sendo em honra a São Luiz, Santa Lúcia e São Francisco na mesma data e Nossa Senhora do Bom Conselho (*Folha da Serra*, 22 mar. 1988)<sup>17</sup>. Além disso, costumam reunir-se aos domingos para rezar o terço e cantar em comunidade, posteriormente os homens jogam bochas ou cartas, cantam músicas em italiano e português reunidos no salão comunitário (XERRI, 2004, p.173.)

Imagem 127 – Capela São Luiz, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

### 3.2. EDIFICAÇÕES COM LINGUAGEM HISTORICISTA ECLÉTICA

#### **Igreja Matriz São João Batista e Santuário de Nossa Senhora Aparecida**

Segundo Xerri (2004, p.43) a devoção comunitária a São João Batista está relacionada à devoção pessoal de Silvério Antônio de Araújo, doador das terras onde se desenvolveu o município de Nova Prata. O fazendeiro, devoto de São João Batista, doou em 1889 uma porção de terras para estabelecimento de um novo povoado e para a edificação de uma pequena igreja de madeira em homenagem ao santo, que passou a ser padroeiro e dar nome à localidade, São João Batista do Herval. A autora afirma ainda que são poucas as informações a respeito dos primeiros anos do povoado e de sua vida religiosa, visto que o registro através de Livros-Tombo iniciou somente em 1914, pelo então cura Vincenzo Testani, que coletou

---

<sup>17</sup> Capela São Luiz – Linha Garibaldi, Rio Branco. *Folha da Serra*, Nova Prata, 22 mar. 1988.

informações a respeito do cotidiano religioso da localidade com seus moradores mais antigos. A primeira igreja de São João Batista é descrita nos relatórios dos padres carlistas como “uma singela Capela em madeira, muito pequena para o que é preciso”<sup>18</sup> (FARINA, 1982, p. 39).

O crescimento do povoado e a elevação da capela à curasia em 1893 projetaram a construção da primeira igreja matriz. Segundo Farina (1982, p.37) as construções do novo templo foram iniciadas em 1898, sendo finalizada por volta de 1905. Para sua edificação fez-se necessária a ajuda dos colonos e a venda dos lotes doados por Silvério Antonio de Araújo, conforme relatórios do Arquivo dos Padres Carlistas de Roma: “Com a ajuda dos colonos e com a venda dos lotes doados para esse fim pelo proprietário daquelas colônias, não sem muitas dificuldades, conseguiu-se construir uma bela igreja de três naves dedicada a São João Batista do Herval Grande” (FARINA, 1982, p.39).<sup>19</sup>

Imagem 128 – Vista da Igreja Matriz São João Batista de Capoeiras, 1911. À direita da igreja vê-se a primeira Casa Canônica, à esquerda o Campanário, aos fundos deste, a primeira igreja em honra ao padroeiro.  
Autor não identificado.



Fonte: FARINA, 1982, p.39.

<sup>18</sup> Livre tradução dos autores: “una discreta Capella in legno, ma troppo piccola al bisogno”.

<sup>19</sup> Livre tradução dos autores: “Coll’aiuto dei coloni e colla vendita di lotti di terreno donato all’uopo dal proprietario di quelle colonie, non senza molti fastidi riusci a fabbricare una bella chiesa a tre navate dedicata a San Giovanni Battista do Herval grande”.

Imagem 129 – Cerimônia pública em frente à Igreja Matriz São João Batista, s/d.  
Autor não identificado.



Fonte: Acervo Foto Perin.

Nos primeiros anos do povoado, a vida religiosa local foi administrada pelos padres carlistas, repassada aos frades capuchinhos em 1920, sendo assumida definitivamente pelos padres seculares em 1924 (XERRI, 2004).

Com projeto do arquiteto caxiense Criciano Bettanin, sob responsabilidade do construtor Hercules Romanzini, foi lançada a pedra fundamental para a construção da Nova Igreja Matriz de Nova Prata em 11 de maio de 1938. Em estilo eclético, com predominância de elementos neogóticos, o novo templo foi construído com recursos econômicos gerados pela coleta do dízimo e auxílio da mão de obra dos moradores<sup>20</sup>. Cabe ressaltar também ampla maioria de habitantes que professavam a fé católica no município que, de acordo com o recenseamento de 1940, totalizavam 22.398 dos 22.625 residentes locais (XERRI, 2004, p.77). Conforme Xerri (2004, p.244):

Na data de 20 de agosto de 1937, em assembleia na sede da Ação Católica, no Salão Santo Antônio, ficou deliberada a aquisição da área onde estava construída a casa de Francisco Favero para a construção da nova igreja, sendo que a casa seria usada como casa canônica. A reunião foi presidida pelo vigário Luiz Mascarello. Foi responsável pela construção da atual igreja, inaugurada em 11 de maio de 1942, sendo que nesta data a igreja foi elevada a Santuário Diocesano de Nossa Senhora Aparecida pelo bispo diocesano D. José Baréa.

---

<sup>20</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA PRATA. Relatório Roteiro Religioso. Caxias do Sul, 2015.

Imagem 130 – Finalização das obras da Igreja São João Batista de Nova Prata, 1942. Autor não identificado.



Fonte: Museu Municipal Domingos Battistel, adaptado pelos autores.

Imagem 131 – Finalização das obras da Igreja Matriz São João Batista, 1941-42. Autor não identificado.



Fonte: Museu Municipal Domingos Battistel.

Com a nova igreja apta a exercer suas funções, o edifício desocupado passou por reformas que o descaracterizaram, sediando o Salão Paroquial e posteriormente, a dividir espaço com o Cine São João, cinema dirigido pelos irmãos Aberlino Perin e João Basílio Perin (*Perin*, Nova Prata, 04 nov. 2021)<sup>21</sup>. O salão permaneceu neste local até o final da década de 1960, quando a Mitra Diocesana de Caxias do Sul adquiriu um terreno para construção do atual.

---

<sup>21</sup> **Entrevista com André Perin**, Nova Prata, 04 nov. 2020.

Imagem 132 – Em primeiro plano a nova Igreja Matriz São João Batista, ao fundo o edifício reformado para abrigar o Salão Paroquial, s/d. Autor não identificado.



Fonte: Acervo Foto Perin.

Após o fim das obras externas do edifício, restaram os acabamentos internos, que foram retomados pela gestão paroquial do padre Adolfo Luiz Fedrizzi (1943-1967). Com fundos arrecadados através das festas em honra a São João Batista, que contavam com leilões e bingos, promoveu-se a substituição do forro de papelão da igreja e a aquisição de vitrais da empresa Heitor Weit. Além disso, em 1951 iniciou-se a novena para consagração do altar-mor, idealizado pelo próprio pároco, desenhado pelo artista Vitorino Zani e executado pela firma Faviani de Porto Alegre em mármore (XERRI, 2004, p.245). Segundo o Padre Adolfo Fedrizzi, em entrevista concedida ao jornal *Folha da Serra*:

Foi reformado o forro e o piso, fizemos as portas, os armários da sacristia, reformamos janelas com aberturas novas, fizemos a rosácea iluminada em forma de cruz para enfeitar o teto nos dias de festas, mandamos fazer o altar que é a maior maravilha, em mármore nacional e mármore translúcido português (cujo complemento, o Cristo esculpido em três peças, corpo e dois braços, veio do Rio de Janeiro e foi doado por Eufrosina Cherubini em memória do seu esposo falecido), fizemos o batistério esculpido também, os medalhões de cima das janelas, calçadas e muros. (*Folha da Serra*, 09 jul. 1988)<sup>22</sup>

Após a finalização do edifício, a paróquia realizou inúmeras atividades junto à comunidade pratense, dentre elas destacam-se as de cunho religioso como a Festa da Ascensão de Nossa Senhora, encontros de casais, promoções nas comunidades do interior, visitas e bênçãos nas residências dos fiéis, diversas celebrações e festividades em honra à Nossa Senhora Aparecida. Além disso promoveu serviços pastorais e formação para a comunidade (XERRI, 2004, p.245-46).

---

<sup>22</sup> Suplemento História viva, **Folha da Serra**, Nova Prata, 09 jul. 1988.

Imagem 133 – Igreja Matriz São João Batista e Santuário de Nossa Senhora Aparecida, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Em junho de 1981, sob responsabilidade técnica dos engenheiros Gelson Ponzoni e Paulo Antonio Faggion e de emprego da obra de Daniel A. Carlotti, iniciou-se o processo de construção da torre do campanário, finalizada até 1985, quando foi feita a primeira pintura da nova edificação.

Imagem 134 – Torre do campanário da Igreja São João Batista recém-finalizada, antes da primeira pintura, 1981-85. Autor não identificado.



Fonte: Acervo da Paróquia São João Batista.

Imagem 135 – Torre do campanário da Igreja São João Batista, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

### **Casa da Cultura Pe. Adolfo Fedrizzi**

O edifício sede da Casa da Cultura Pe. Adolfo Fedrizzi teve sua construção iniciada a partir de 1926 e finalizada em 1929, datação materializada em sua fachada. Foi idealizado para substituir o casarão de madeira que sediava o hotel e a residência da família de Mario Coradin, descrito em depoimento por Vitorio Rigo: “Chegamos ao meio dia no Hotel do tio Mario Coradin, que ficava em frente à igreja. Um casarão de madeira de dois andares: no primeiro, uma grande sala de refeições e cozinha. Em cima estavam os quartos. Uma escada de cada lado do salão conduziam aos quartos” (FARINA, 1986, p.94). Adelina Cherubini Tomedi também recorda do casarão da família Coradin e lhe atribui outros usos, destacando: “Era um hotel. Se não me engano do Mário Coradin. Naqueles tempos se faziam bailes também. Era costume. O hotel tinha um salão central onde se faziam as refeições e no caso de baile, se amontoavam as mesas e cadeiras, um gaiteiro e vá dançar” (FARINA, 1986, p.104).

Os depoimentos citam o hotel pertencente à família Coradin e destacam-no como um espaço de sociabilidade para a comunidade: um local de acolhida para os passantes ou novos residentes da localidade, assim como, de convívio social e entretenimento. Esses fatores podem ser interpretados também como fontes de renda para a família Coradin, que geraram uma ascensão econômica e a possível expansão dos negócios, possibilitando a Mario Coradin

adquirir um novo terreno em 1926, pertencente ao casal José Colla e Thereza Zuchetti, pelo valor de 4:500\$000.<sup>23</sup>

A idealização e responsabilidade pela construção da nova sede do hotel são atribuídas a Hércules Romanzini, obra que possuía proporção e estética que lhe conferiam distinção perante outras edificações do perímetro urbano do Prata. Conforme ressalta Lorenset (2017, p.21):

Os principais edifícios construídos na cidade a partir de 1910, foram sendo implantados na região central da cidade – sejam eles de caráter institucional, comercial ou residencial. Obviamente, com o passar do tempo, este centro passou a agregar um valor comercial mais elevado do que o dos lotes dispostos na periferia da cidade. Logo, as construções edificadas dentro dessa região, tendiam a ser mais nobres, construídas com materiais de qualidade e de permanência, com fachadas, na maior parte das vezes, extremamente ornamentadas e elaboradas.

Além destes fatores, pode ser destacado que o hotel dispunha de vinte quartos com energia elétrica e água quente, mobiliário novo, porteiro, garagem, entre outros atributos destacados na propaganda do estabelecimento:

Imagem 136 – Propaganda Hotel Coradin, 1939.



Fonte: Karnal, 1939, p.6.

Em 1942, Mario Coradin vendeu o edifício para o médico Mário Cini, pelo valor de Cr\$ 50.000.000<sup>24</sup>, permanecendo como residência da família Cini até 1947. Não foram

<sup>23</sup> Certidão de transferência de propriedade José Colla – Mario Coradin, Nova Prata 08 set. 2020.

<sup>24</sup> Certidão de transferência de propriedade Mario Coradin – Mario Cini, Nova Prata 08 set. 2020

encontrados registros que apontem se o espaço foi utilizado como consultório médico do proprietário. Em 1947 foi novamente vendido, desta vez à viúva Euphrosina Cerri Cherubini.<sup>25</sup>

Imagem 137 – Terraplanagem para a construção do Hospital São João Batista, ao fundo, vê-se o edifício do antigo Hotel Coradin, 1956. Autor não identificado.



Fonte: HSJB, 2008. Adaptado pelos autores.

Foi adquirido via desapropriação amigável pela Prefeitura Municipal de Nova Prata de Euphrosina Cerri Cherubini em 12 de junho de 1991. A partir daí passou a exercer função pública, sediando a Casa da Cultura Pe. Adolfo Luiz Fedrizzi. Atualmente abriga em suas dependências a Biblioteca Pública Municipal, salas de exposição, Secretaria Municipal de Turismo, Cultura, Esporte e Lazer, salas para conferências e estúdio de dança e música no subsolo. O edifício foi tombado como Patrimônio Cultural do Município de Nova Prata pelo Decreto Executivo nº 6593/2016.

Imagem 138 – Casa da Cultura Pe. Adolfo Fedrizzi, 2020. Autor: Ana Cri Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

---

<sup>25</sup> Certidão de transferência de propriedade Mario Cini – Euphrosina Cerri Cherubini, Nova Prata 08 set. 2020.

## Antigo asarão Lenzi

A construção da primeira Casa de Comércio e residência de Henrique Lenzi, situada em local estratégico às margens da antiga Estrada Geral Buarque de Macedo, segundo Galeazzi (1998), fora instalada ainda em meados do século XIX. Conforme esta autora, que também é neta do proprietário, Henrique Lenzi:

[...] era natural da Toscana. Província de Lucca, Itália. Por volta de 1885 emigrou para o Uruguai. Durante quase uma década percorreu os Campos de Cima da Serra como mascate. Casou com Valentina Mariotti, imigrante italiana de Beluno. O casal fixou residência no Turvo, à trinta quilômetros da cidade de Lagoa Vermelha, com casa de comércio, junto à estrada Geral Buarque de Macedo, que passava por vários municípios da região. Com a Revolução Federalista de 1893 e para fugir dos horrores da mesma, Henrique Lenzi com sua família embrenhou-se no mato na linha General Osório, hoje Vista Alegre do Prata e ali permanece até o término da revolução. Em 1893 tem permissão de Silvério de Araújo para estabelecer-se, com casa de comércio, nas suas terras à beira da estrada Buarque de Macedo. O local escolhido tinha duas boas vertentes de água, além de um riacho à esquerda da rodovia, lugar perfeito para os animais tomarem água. A casa comercial de Henrique Lenzi começou a atrair muita gente trazendo progresso à vila. Em 1895-96 constroem o belo e espaçoso casarão. Em 1898, Henrique Lenzi é nomeado, pelo Presidente do Estado Dr. Augusto Borges de Medeiros, Juiz distrital do povoado São João Batista do Herval, que ficava dentro da conhecida região das Capoeiras, segundo distrito de Alfredo Chaves. (GALEAZZI, 1998, p.10).

Não foram encontradas fontes que confirmem à qual edificação a autora se refere em seu texto, visto que, em 1923, a Casa Comercial de Henrique Lenzi é divulgada no *Diccionario Hitorico Geographico e Estattistico do Municipio de Alfredo Chaves*, apresentando outra construção com tipologia mais coerente ao fim do século XIX, conforme propaganda da imagem 139:

Imagem 139 – Propaganda Casa Comercial de Henrique Lenzi, 1923.



Fonte: PIMENTEL, 1987, p.98.

O estilo arquitetônico historicista eclético, somado ao desenvolvimento urbano e econômico do município, são fatores que apontam para a construção do Casarão Lenzi a partir da década de 1920. Cumprindo função mista, a parte superior serviu de moradia da família de Henrique Lenzi e também de dormitório para os tropeiros e colonos que vinham fazer suas compras e permaneciam na vila de Capoeiras, distrito de Alfredo Chaves e posteriormente cidade de Prata. Além disso, abrigou a casa de comércio da família, tendo como principais mercadorias em oferta, produtos de primeira necessidade, tais como sal, cal, querosene, arames, miudezas, fazendas, ferragens, secos e molhados, conforme indica a propaganda da mesma:

Imagem 140 – Propaganda da Casa Comercial de Henrique Lenzi, 1939.



Fonte: KARNAL, 1939, p.10.

Segundo Galeazzi (1998), em 1924 o Governador Augusto Borges de Medeiros hospedou-se na casa de Henrique Lenzi e, por ocasião das comemorações do Cinquentenário da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul, em 1925, o Conde Chiano Galeazzo Lisi, também se hospedou nesta residência.

Após a morte de Henrique Lenzi, a edificação teve como proprietários os irmãos Atílio e Avelino Lenzi. A seguir foi de propriedade de Rogério Galeazzi e Adelina Lenzi Galeazzi, que mantiveram comércio até 1958, quando faliram. Na década e 1960 o imóvel foi a leilão público, sendo adquirido por Belmiro Dionysio Lazzarotto e Círio Soletti. Atualmente, o imóvel pertence parte a Cassio Polesello e parte à Euduci Lazzarotto, tendo uso comercial.

Imagem 141 – Antigo Casarão Lenzi, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



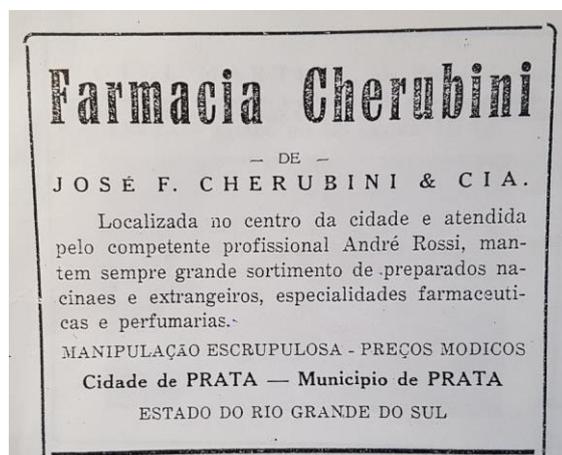
Fonte: Acervo da SMTCEL.

### **Antiga Casa e Consultório de Juracy Cherubini**

A edificação foi construída em meados da década de 1930 e seu primeiro proprietário foi José Silvério Cherubini Sobrinho. Seu espaço era de uso misto, sendo residencial no pavimento superior e comercial no pavimento térreo (*Jornal Correio Livre*, 06 ago. 2020, p.11)<sup>26</sup>

A parte frontal, durante muitos anos, abrigou a Farmácia Pratense, indicação materializada em sua fachada, por vezes referenciada como Farmacia Cherubini. A farmácia estava sob responsabilidade de André Rossi e comercializava medicamentos e perfumaria de origem nacional e estrangeira, conforme indicado em propaganda:

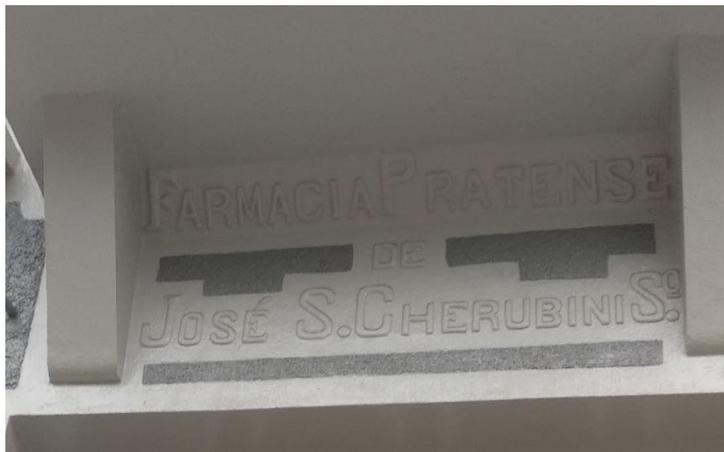
Imagem 141 – Propaganda Farmacia Cherubini, 1939.



Fonte: KARNAL, 1939, p.16.

<sup>26</sup> Cara Cherubini. *Jornal Correio Livre*, Nova Prata, 06 ago. 2020, p.11

Imagem 142 – Detalhe na fachada indicando o primeiro proprietário do edifício e seu uso, 2019. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL, adaptado pelos autores.

Atualmente o espaço da farmácia é ocupado pela loja de Nery Cherubini Lenzi e no outro lado, permanece o gabinete dentário de Juracy Cherubini.

Imagem 143 – Antiga Casa e Consultório de Juracy Cherubini, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

### **Antiga Casa Elias**

No Líbano, período que compreende os conflitos comunais de meados do século XIX até o domínio francês, em 1920, presenciou-se uma sucessão de acontecimentos que acabou por provocar, entre 1880 e 1940, um grande movimento de emigração de seus habitantes para diversos cantos do mundo, incluindo o Brasil. Segundo Gattaz:

O fator que se encontra na origem da emigração libanesa, e que ao longo dos anos desempenhou importante papel, é constituído pelo conjunto de necessidades econômicas e materiais decorrentes da relação entre a pequena produtividade

agrícola e a alta densidade populacional que desde meados do século XIX caracterizou aquele país. (GATTAZ, 2012, p. 25)

Por volta de 1910, seguindo o rumo milhares de famílias libanesas, Abdallah (Antônio) Manssur Elias e os irmãos Tufik e Amin (Emílio), filhos de Manssur Elias Nasrallah e Qatur (Catharina) Bittar Nasrallah, chegaram ao Brasil, ingressando pelo Porto de Santos e, em seguida, estabelecendo-se na cidade de Porto Alegre, onde passaram a praticar comércio com a abertura da Casa Comercial “Tufik Elias & Irmãos”. A partir daí, através de Antônio e Emílio, deu-se o processo de dispersão dos membros da família pelo interior do estado do Rio Grande do Sul, deslocando-se por diversas regiões até, em um primeiro momento, fixarem-se na localidade de Protásio Alves e, posteriormente, no ano de 1919, no então Distrito de Capoeiras.

Antônio e Emílio, logo após fixarem residência em Capoeiras, deram início às atividades comerciais, fundando, assim, a Sociedade “Antonio Elias & Irmão”, que perdurou até 1937, ano em que Emílio optou por retornar à Porto Alegre. A partir daí, foi Antônio quem seguiu residindo e empreendendo no município, dedicando-se, essencialmente, ao comércio.

O primeiro imóvel adquirido pelos irmãos em Capoeiras, ainda em 1919, foi uma grande casa de madeira, com sobrado e porão, localizada na esquina das atuais Avenidas Borges de Medeiros com Adolfo Schneider.

Imagem 144 – Procissão de inauguração da Gruta Nossa Senhora de Lourdes, 1934. Ao fundo a primeira Casa Comercial de Antonio e Emílio Elias. Autor não identificado.



Fonte: GHIGGI, 2015.

Tendo suas obras iniciadas no início da década de 1930, a construção da Casa Elias foi concluída em 1933 e, segundo Ghiggi (2015, p. 79), destacou-se por figurar entre as primeiras edificações de alvenaria da localidade. Após a transferência do antigo prédio de madeira que ocupava a localidade, serviu enquanto loja para a Sociedade Comercial de Antonio Elias & Irmão; posteriormente, vários outros estabelecimentos ocuparam o seu amplo e privilegiado espaço.

Imagem 145 – Casa Comercial de Antonio Elias e Irmão



Fonte: Museu Municipal Domingos Battistel.

Dentre esses estabelecimentos, consta destacar o primeiro Posto de Saúde Pública do município, o “Posto de Higiene 46”, que, além do Prata, atendia também aos distritos de Nova Bassano, Vista Alegre do Prata, Nova Araçá, Paraí, São Jorge, Guabiju e Protásio Alves. Durante esse mesmo período, no segundo andar, também esteve em operação a Casa de Saúde Dr. Squeff. O subsolo da casa, que originalmente abrigava uma cantina de vinhos, com o passar dos anos, passou a servir como sede para uma fábrica de tamancos; de palhas para cigarros; acolheu também o núcleo do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), período em que ficou conhecido como “Porão do Catete” e, posteriormente, já na década de 1980, o restaurante “Cantina Itália”, de Inocente Justo Bocchi (GHIGGI, 2015).

Imagem 146 – Propaganda da Farmácia Previdencia de Cesar Segre, 1939.



Fonte: FARINA, 1986, p.129.

Imagem 147 – Cantina Itália, s/d. Autor não identificado.



Fonte: GHIGGI, 2015.

Atualmente, cumpre função comercial no pavimento térreo e abriga a Rádio Pratense S.A. no andar superior.

Quanto à aparência estética da edificação, consoante denota-se pelas fotografias, manteve-se fiel à constituição inicial, sofrendo apenas pequenas alterações quanto às cores e pontuais reformas em vias de adequá-la aos novos empreendimentos estabelecidos com o passar dos anos. Em 1983, na data de comemoração do seu cinquentenário, a Casa Elias recebeu uma série de restaurações que contaram, além das ilustres presenças de Pároco Pe. José Meneguzzo e Vice Prefeito Mario Minozzo, com a instauração de uma placa alusiva que se encontra no local até hoje.

Imagem 148 – Antiga Casa Elias, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Imagem 149 – Antiga Casa Elias, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

### **Antiga Casa Dona Lúcia Leal**

A “Casa da Dona Lúcia Leal”, também conhecida por atualmente abrigar a loja de instrumentos musicais “Berimbau”, segundo registros encontrados Ghiggi (2015), pertenceu durante meados dos anos 1920, à família de Carlos Wolf. Tempos mais tarde, após ter sido vendida para Armando Lorenzini, foi adquirida pelos irmãos Elias, que já residiam e desenvolviam suas atividades comerciais em uma casa localizada ao lado.

Antes de passar para as mãos dos Elias, a casa abrigou um bar, sala de jogos e uma selaria: “local onde eram produzidas peças para montaria, selas e também selins para montaria feminina, alguns forrados de veludo.” (GHIGGI, 2015, p.71). Já sob propriedade de Armando Lorenzini, serviu de anexo para o funcionamento de uma ferraria.

Após ter sido adquirida pelos Elias, a casa passou a ser alugada como residência para diversas famílias, como por exemplo, Belíssimo e Reginatto. O Comércio de Representação das Confeccões Renner, do Sr. Ernesto Ghidini (*Seu Ernestin*), também funcionou na edificação.

Serviu também enquanto sede da Cooperativa dos Funcionários Públicos, sob gerência de Luiz Greaff e Nelson Ghidini e, posteriormente, como residência para as senhoras Lúcia Baldi Leal e Olímpia Ferreira Benazzi, Oficial do Registro Civil até o ano de 1989. Logo após, a última pessoa a residir na casa foi Eliseu Cassol, que também punha em prática na casa suas atividades de fotógrafo. Por fim, em 2009, foi adquirida por Nagibe Elias e abriga, como dito anteriormente, o comércio de instrumentos musicais e CDs “Berimbau”.

Imagem 150 – Antiga Casa Dona Lúcia Leal, hoje Loja Berimbau, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

### **Antiga Casa Clemente Tarasconi**

Concluída em 1939, a casa foi construída para ser residência de Clemente Tarasconi e Therezinha Ponzoni Tarasconi. Segundo o jornal *Correio Livre*, “Clemente Tarasconi, membro do movimento emancipacionista e emancipador da cidade de Nova Prata, já que a ele coube, dentre outras, a tarefa de se deslocar à Capital, em 1924, para colher a anuência do Presidente da Província”, além de exercer o cargo de exator estadual e empresário local (*Correio Livre*, 12 ago. 2020)<sup>27</sup>, um homem prestígio político es social junto à comunidade.

---

<sup>27</sup> Casa Boito e Casa Tarasconi, **Correio Livre**, Nova Prata, 12 ago. 2020. Disponível em: <<http://www.jornalcorreiolivre.com/noticias/entrevista/863/casa-boito-e-casa-tarasconi>>. Acesso em 21 out. 202

Imagem 151– Evento cívico da Semana da Pátria, década de 1940, ao fundo a casa de Clemente Tarasconi.  
Autor não identificado.

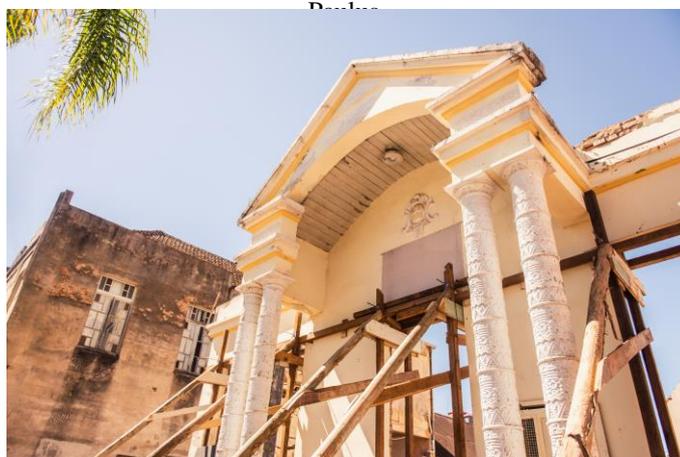


Fonte: Museu Municipal Domingos Battistel, adaptado pelos autores.

Com o falecimento do casal Tarasconi na década de 1960, o imóvel foi adquirido pela filha e genro dos mesmos, Antônio Boito Sobrinho e Maria Adele Tarasconi Boito, proprietários e residentes do imóvel ao lado. Desta forma, o espaço do edifício passou a ser locado, tendo abrigado por vários anos, a sede da agência do Instituto de Previdência do Estado do Rio Grande do Sul (IPERGS), já o espaço dos fundos passou a ser de uso para lazer da família Boito.

Em 2020 a Casa Clemente Tarasconi teve parte de sua estrutura física demolida com objetivo de integrar, juntamente com a Casa Boito, um edifício de uso misto, comercial e residencial. Sua fachada e outros elementos arquitetônico internos serão restaurados e farão parte da estrutura estética do imóvel em construção, sob responsabilidade das empresas Marcelo Nedeff Arquitetos e Postal Engenharia.

Imagem 152 – Antiga Casa Clemente Tarasconi com parte de sua estrutura demolida, 2020. Autor: Ana Cris



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Imagem 153 – Antiga Casa Clemente Tarasconi com parte de sua estrutura demolida, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Imagem 154 – Antiga Casa Clemente Tarasconi com parte de sua estrutura demolida, 2020. Autor: Marcelo Nedeff Arquitetos



Fonte: Facebook Marcelo Nedeff Arquitetos.

Imagem 155 – Maquete eletrônica realista do edifício projetado pelas empresas Marcelo Nedeff Arquitetos e Postal Engenharia



Fonte: Facebook Marcelo Nedeff Arquitetos.

### **Antiga Casa Boito**

Conhecido localmente como Casa Boito, o edifício foi concluído em 1938 para abrigar a família de Antônio Berto Boito, também referenciado como Antônio Boito Sobrinho, nome materializado em sua fachada através do indicativo “A. BOITO S.”. Segundo o jornal *Correio Livre*, que entrevistou Luci Maria Boito, filha do primeiro proprietário, a casa:

Foi concluída em outubro de 1938 e, em dezembro de 1938, passou a ser habitada pela família do proprietário, então composta pela esposa, Maria Adele Tarasconi Boito, e as filhas Neuza e Elenice, essa última recém-nascida. Nos anos posteriores, ali nasceram os demais filhos do casal, Luci, Ana Virgínia, Eloni e Clenio. (*Correio Livre*, 12 ago. 2020).<sup>28</sup>

Ao longo de sua trajetória, a casa abrigou também estabelecimentos públicos e privados. Dentre eles, já sediou em seu pavimento superior Fórum, Cartório de Registro Civil e Crimes, Cartório de Órfãos e Ausentes e Cartório Eleitoral, tornando-se um ponto de referência para a comunidade local. Já a o pavimento térreo serviu como residência, e posteriormente sediou o comércio da família, conhecido como Casa Boito, comercializando

---

<sup>28</sup> Casa Boito e Casa Tarasconi, *Correio Livre*, Nova Prata, 06 ago. 2020, p.9. Ver também: Casa Boito e Casa Tarasconi, *Correio Livre*, Nova Prata, 12 ago. 2020. Disponível em: <<http://www.jornalcorreiolivre.com/noticias/entrevista/863/casa-boito-e-casa-tarasconi>>. Acesso em: 11 nov. 2020.

produtos importados da Europa, oriundos principalmente da França, Espanha e Alemanha, tornando-se o primeiro importador da região. O pavimento térreo ainda possuía escritório. No início da década de 1960, a família mudou-se para o pavimento superior da casa, ampliando os espaços do térreo para lojas e escritórios (*Correio Livre*, 06 ago. 2020, p.9).

Imagem 156 – Ana Virginia Boito, Eloni Maria Boito e Clenio Boito em frente à residência da família, 1955. Neste período a edificação sediava também o Fórum, conforme indicado pela placa.



Fonte: *Correio Livre*, 12 ago. 2020.

Conforme mencionado anteriormente, em 2020 a Casa Boito teve parte de sua estrutura física demolida com objetivo de integrar, juntamente com a Casa Clemente Tarasconi, um edifício de uso misto, comercial e residencial. Sua fachada e outros elementos arquitetônico internos serão restaurados e farão parte da estrutura estética do imóvel em construção, sob responsabilidade das empresas Marcelo Nedeff Arquitetos e Postal Engenharia.

Imagem 157 – Antiga Casa Boito, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Imagem 158 – Antiga Casa Boito com parte de sua estrutura demolida. Autor: Marcelo Nedeff Arquitetos.



Fonte: Facebook Marcelo Nedeff Arquitetos.

Imagem 159 – Antiga Casa Boito com parte de sua estrutura demolida. Autor: Marcelo Nedeff Arquitetos.



Fonte: Facebook Marcelo Nedeff Arquitetos.

Imagem 160 – Maquete eletrônica realista do edifício projetado pelas empresas Marcelo Nedeff Arquitetos e Postal Engenharia, 2020. Autor: Matheus Lorenzet.



Fonte: Facebook Marcelo Nedeff Arquitetos.

## **Capela Nossa Senhora de Caravaggio**

A Capela Nossa Senhora de Caravaggio está localizada na Linha Buarque de Macedo, território também conhecido como Povoado Colla, interligando o centro do município ao Bairro Rio Branco. A denominação surgiu em virtude da instalação de uma serraria na região, empreendimento de propriedade de Ernesto Colla e família. Segundo Xerri (2004, p.167), em meados do século XX, existiam poucas famílias que habitavam a região, sendo uma localidade com predominância de mata nativa e grande quantidade de araucárias, fatores esses que favoreceram a instalação da serraria. Das poucas famílias ali residentes, destacam-se Gebeluka, Rigo, Trucollo, Miotto e Gasparini.

Em transcrição do Livro-Tombo 1, da Paróquia São João Batista de Nova Prata, a historiadora Eliana Xerri aponta:

No dia 16 de abril de 1950 foi instalada e benta a pequena capela dedicada à Nossa Senhora do Caravaggio, situada na Estrada Buarque de Macedo – Norte. Foi cedida a antiga e belíssima imagem que desde muitos anos fora trazida da Itália e estava na Igreja Matriz. A transladação da imagem foi feita em procissão solene desde a matriz até a capelinha, onde foi celebrada uma grande festa, para arrecadar fundos para construção de uma capela definitiva. O contentamento do povo foi enorme e os próprios descendentes dos doadores da imagem, o Sr. Sextilio Peruzzo, achou boa idéia, pois seria mais cultuada, com festas próprias. (XERRI, 2004, p.167)

Construída de modo a substituir a pequena capela em honra à Nossa Senhora de Caravaggio, a atual capela teve sua pedra fundamental lançada e abençoada em 8 de março de 1953, dois anos após o início das obras, foi solenemente inaugurada, em 09 de janeiro de 1955.

No ano seguinte, uma imagem de Santa Lúcia fora doada pela paróquia e transferida da Igreja Matriz à nova Capela de Nossa Senhora de Caravaggio, iniciando-se assim a tradição das festas comunitárias também em honra à Santa Lúcia.

“Da visita pastoral realizada em 1959, ficou registrado que a capela é de material, grande e de bom aspecto, com salão de madeira, 37 sócios e seis não-sócios, 57 alunos na escola estadual” (XERRI, 2004, p.167). Atualmente, a comunidade possui capela, cemitério e salão de festas, e realiza anualmente festas religiosas em honra à Nossa Senhora de Caravaggio e Santa Lúcia.

Imagem 161 – Capela Nossa Senhora de Caravaggio, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

### **Capitel São Cristóvão**

Conforme a Prefeitura Municipal de Nova Prata (2015), a construção do Capitel de São Cristóvão está relacionada ao tráfego de veículos gerado pelo ciclo de desenvolvimento econômico da extração da madeira, tendo como espaço central a Estrada Geral Buarque de Macedo. Erigido em 1946, impulsionado pela religiosidade local e pela comoção gerada por dois acidentes de trânsito, o capitel foi construído sob responsabilidade de Hercules Romanzini com auxílio de caminhoneiros voluntários. Inaugurado em 15 de julho de 1946, contando com missa solene e bênção.<sup>29</sup>

Imagem 162 – Capitel de São Cristóvão, s/d. Autor: Foto Perin.



Fonte: Acervo Foto Perin.

<sup>29</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA PRATA. Relatório Rota religiosa. Caxias do Sul, 18 nov. 2015.

Imagem 163 – Festa em honra à São Cristóvão de frente ao Capitel de São Cristóvão, s/d. Autor: Foto Perin.



Fonte: Acervo Foto Perin.

“Anualmente no mês de julho ocorre a Festa de São Cristóvão organizada pela comunidade e, em dezembro, a Festa dos Motoristas, com grandes barulhentas, carreatas, missa campal e a tradicional bênção dos caminhões e seus condutores e familiares”.<sup>30</sup>

Imagem 164 – Capitel São Cristóvão, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

### 3.3. EDIFICAÇÕES COM LINGUAGEM ART DÉCO

As primeiras edificações apresentadas neste item configuram um processo transição estética entre as linguagens Historicista eclética e Art Déco.

---

<sup>30</sup> Idem.

## Colégio Aparecida

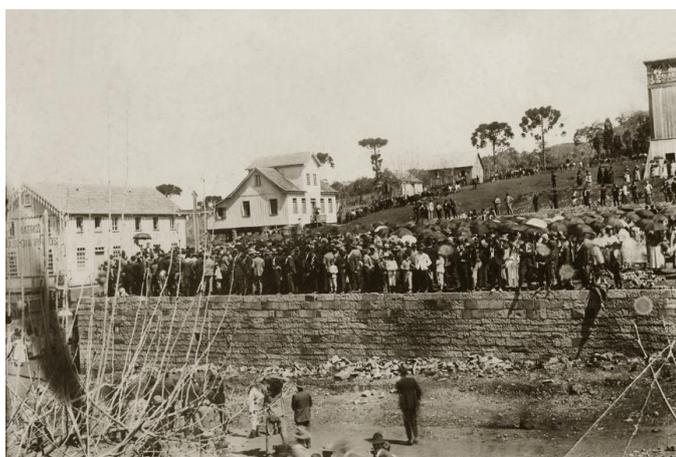
Os primórdios da criação do Colégio Nossa Senhora, conhecido localmente como Colégio Aparecida, que remontam ao ano de 1915, são assim descritos por Xerri:

No termo de visita do arcebispo metropolitano de Porto Alegre, Dom João Becker, ocorrida de 25 a 28 de abril de 1915, está registrado o pedido de que o vigário e o povo de Capoeiras auxiliem as Irmãs da Congregação do Sagrado Coração de Maria, para que continuem no estabelecimento de ensino, pois encontram grandes dificuldades para fazê-lo, com número de alunos deficiente. O Arcebispo sugere que os moradores de Capoeiras auxiliem as Irmãs com oferta de produtos coloniais. Mesmo com os pedidos do arcebispo, o estabelecimento de ensino foi fechado temporariamente.

Em 1935, tendo como pároco local o Padre Luiz Mascarello, ficou registrada a urgência de se organizar uma comissão pró-colégio dirigido por Irmãs para a instrução de crianças. (XERRI, 2004, p.197)

Em 1937, as irmãs do Imaculado Coração de Maria – em algumas fontes, a denominação da congregação também aparece como “Puríssimo Coração de Maria – teriam retornado ao Prata, convidadas pelo Padre Luiz Mascarello e adquirido em 24 de fevereiro, com as doações recebidas da comunidade, a então casa de Clemente Tarasconi. A partir de então, dava-se início a história da Escola Particular Nossa Senhora Aparecida. Durante os primeiros anos, por conta da precariedade de sua estrutura, cabendo destacar a carência de salas de aula e de ambientes para recreação, foi adquirido, pelo valor de Cr\$ 15.000,00, um novo lote de terras e uma nova casa de madeira.

Imagem 165 – Casa da família Tarasconi onde iniciou o Colégio Aparecida, s/d. Autor não identificado.



Fonte: Acervo Foto Perin.

Segundo informações do Histórico do Colégio Nossa Senhora Aparecida<sup>31</sup>, como reflexo do crescente número de novas matrículas ofertadas para o ensino primário, que passou de 156 alunos em 1937, para 230 em 1942, após visita da Madre Superiora Maria Imilda do Santíssimo Sacramento, decidiu-se por dar início às obras para a construção de um novo edifício, mais amplo, feito em concreto e que, inicialmente, estaria orçado no valor de Cr. \$. 200.000.00<sup>32</sup>.

A pedra fundamental da nova edificação, segundo Xerri (2004, p.198), foi lançada e abençoada no dia 4 de abril de 1943, após visita empreendida pelo Bispo Diocesano Dom José Baréa que, na ocasião, teria manifestado entusiasmo e aprovação frente ao trabalho das irmãs. As festividades de inauguração, ocorreram em 19 de novembro de 1944 e contaram com tríduo solene na capela da escola e festejos no Salão São João.

Imagem 166 – Inauguração do edifício do Colégio Aparecida, 1944. Autor: Foto Perin.



Fonte: Acervo Foto Perin.

Em 1945, sob gerência da Madre Maria de São Félix e da Irmã Maria Nunila do Sagrado Coração de Jesus, tratou-se de registrar o corpo docente e administrativo e, no ano seguinte, em 1946, deu-se a inauguração do ensino ginásial (atualmente denominado “anos finais do ensino fundamental”) e da Sociedade de Amigos do Ginásio Nossa Senhora Aparecida, responsável por fornecer apoio e sustentação à estrutura da escola.<sup>33</sup>

Em 8 de dezembro de 1949, já como Ginásio Nossa Senhora Aparecida, realizou-se a primeira cerimônia de formatura, que contou com os seguintes formandos: D’Artagnan

<sup>31</sup> COLÉGIO NOSSA SENHORA APARECIDA, 2017. Disponível em: <aparecidanp.com.br>. Acesso em: 23 set. 2020.

<sup>32</sup> Deferimento para Concessão do Alvará do Novo Prédio do Colégio Aparecida, Prata 27 jan. 1943. Arquivo da Prefeitura Municipal de Nova Prata.

<sup>33</sup> COLÉGIO NOSSA SENHORA APARECIDA, 2017.

Gallego, Dorvalino Túlio Zamin, Maria Estela Dal Pai, Gabriel Krüger, Gema Eleonilde Peruzzo, José Callegaro Neto, Maria Hildegard Oppermann, Maria Teresinha Ghidini, Ottorino Ailcor Ponzoni, Omar Barcellos de Oliveira, Reni Francisco Zardo e Ramiro Pletsch.

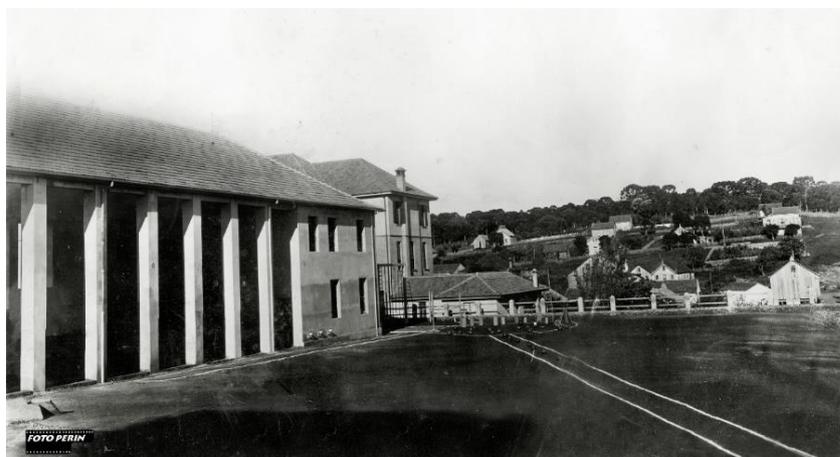
Após abrigar turmas de ensino primário e ginásial, em 1951 o prédio também passou a contar com a Escola Técnica de Comércio Imaculado Coração de Maria e, em 1969, com o Curso Científico do Colégio Nossa Senhora Medianeira, mantido pelo Círculo Operário Pratense, que vigorou até meados de 1974. Durante aquele mesmo ano, no dia 03 de abril, foi criado o Curso Técnico de Contabilidade.

Imagem 167 – Vista aérea do centro de Nova Prata, ao centro da foto, complexo do Colégio Aparecida, década de 1960. Autor: Foto Perin



Fonte: Acervo Foto Perin.

Imagem 168 – Espaço esportivo do Colégio Aparecida, s/d. Autor: Foto Perin.



Fonte: Acervo Foto Perin.

No ano de 1969, as dificuldades impostas à administração das irmãs propiciaram a criação da Associação Comunitária de Educação e Ação Social de Nova Prata (ACEASNOP),

entidade responsável por manter a Escola Nossa Senhora Aparecida e que muito deveu à figura do professor João Carlos Schmitt. Foram membros da primeira diretoria da ACEASNOP: Gilberto Spiller (presidente); Oscar Nedeff (vice-presidente); João Carlos Schmitt (superintendente). No período que se sucedeu, embora sob uma nova mantenedora, o colégio seguiu sob a tutela organizacional e pedagógica das irmãs. O que, por sua vez, viria a mudar somente em 1990, quando deixariam de exercer as funções de direção, mas seguiram atuando enquanto funcionárias (XERRI, 2004, p.199).

Conformem Xerri (2004, p.200), o prédio, que além de acolher a Escola Particular Nossa Senhora Aparecida, também já tivera servido de sede para a Escola Estadual Tiradentes e para o Fórum, em 4 de agosto de 1993, recebeu as instalações do Núcleo Universitário de Nova Prata (NUPRA), fruto do projeto de regionalização empreendido pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) durante a década de 1990. Tendo, inicialmente, suas aulas ministradas junto ao prédio da Casa da Cultura, em 28 de agosto de 1993, transferiu-se para o prédio anexo do Colégio Nossa Senhora Aparecida e, em 1997, fora integralmente adquirido pela UCS.

Em 2015, uma grande conquista: o Núcleo Universitário ganhou status de Campus Universitário, o que lhe conferiu, além de maior autonomia, uma perspectiva de expansão de ofertas, cursos de pós-graduação e ampliação das instalações.

Desta forma, falar sobre este espaço, é falar sobre a memória que foi e segue sendo construída entre as avenidas Cônego Peres e Borges de Medeiros, na rua Clemente Tarasconi. É falar sobre as práticas, as conexões e os espaços de memória escolar e comunitária que, representados na estética e na materialidade da presente edificação, conferem, segundo Escolano Benito (2012), a potencialidade de transmissão de significados e de revigoração dos laços de solidariedade entre as gerações do povo prantese.

Imagem 169 – Colégio Aparecida, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

### **Capela São Julião**

Localizada na Linha Pinheiro Machado, conhecida também como Gramado, a Capela São Julião teve sua primeira edificação construída em madeira, assim como seu campanário, ambos situados para o lado de cima da estrada, à frente da capela atual. Já o salão comunitário destinado às festas em honra ao padroeiro, era apenas coberto, suas laterais eram abertas, somente a cozinha possuía fechamento com paredes. Em 1917, com autorização do bispo metropolitano, o padre Francisco Carchia promoveu a benção do cemitério da comunidade. Afonso Pagnoncelli, Angelo Marchesini, Pedro Marchesini, Rico Biavatti e João Dilda e suas famílias, foram os primeiros moradores da localidade e, possivelmente os fundadores da comunidade. “Em dezembro de 1931, o padre José Sanson recebeu provisão para benzer a imagem de São Julião para a capela do Gramado” (XERRI, 2004, p.148).

Segundo Xerri (2004, p.148) “Entre os fundadores da nova igreja, estão Arcangelo Pagnoncelli, que era fabriqueiro. A nova construção foi executada no lado de baixo, onde se encontra atualmente, contrariando a anterior que ficava no lado de cima”. A autora acrescenta:

No dia 13 de janeiro de 1957, foi benta e lançada a pedra fundamental da Capela de São Julião. No dia 12 de janeiro de 1958, foi solenemente inaugurada pelo Bispo Diocesano a nova capela. Da visita pastoral realizada em 1959, ficou registrada que a capela era nova, de alvenaria, possuindo 48 sócios e três não-sócios, 64 alunos na escola, existia cemitério, barracão de madeira e a capela velha seria derrubada. Para a construção do salão de festas foram fabriqueiros: Luiz Moretto, Ilário Migliavaca, Raimundo Sbroglio, João Buaski. Sua construção foi posterior à igreja e contou com a participação de todas as pessoas da comunidade, através de trabalhos e materiais. Atualmente há dois salões de festas na comunidade: o da igreja e o da sociedade bochófila. (XERRI, 2004, p.148-9)

Os membros da comunidade se reuniam para a reza do terço aos domingos à tarde. Após o momento de fé, os homens costumavam jogar cartas na bodega do salão e as mulheres reuniam-se para conversar ou retornavam para casa para dar conta de seus afazeres domésticos (XERRI, 2004, p.148-9).

Imagem 170 – Capela São Julião, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Imagem 171 – Interior da Capela São Julião, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

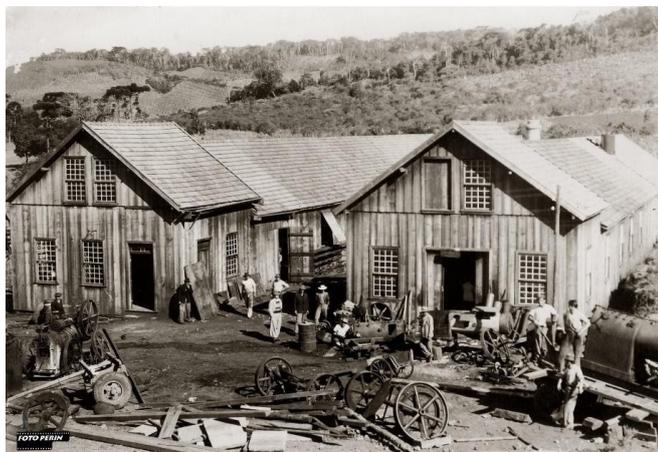
### **Antiga Fundiferro**

Segundo Galeazzi (1998, p.49) a Fundiferro foi fundada em 1939, tendo como denominação inicial Cerri, Lorenzini & Cia Ltda. Seus primeiros artífices foram Armando Lorenzini, Ernesto Cerri, José Silverio Cherubini, Gabriel Cherubini, Felix Cherubini, Balduino Lorenzini e os irmãos Ciro, João, Alfredo e Vitor Madalosso, iniciando suas atividades contando com capital inteiramente local, perfazendo o valor de 575.000 réis. No ano de 1945, alterando sua razão social, passou a chamar-se Fundação de Ferro Ltda., conhecida como Fundiferro, dedicando-se à fundição de ferro gusa, bronze e alumínio para produção de peças para serrarias, plainas, locomóveis e reboques para transporte de toras. Em 1949 é promovida a expansão da produção através da fundação de uma filial junto ao município de Lagoa Vermelha (*Folha da Serra*, 1986, p.9)<sup>34</sup>.

---

<sup>34</sup> Fundiferro resgata a tradição industrial. **Folha da Serra**, Nova Prata, 23 set. 1986, p.

Imagem 172 – Primeira sede da Fundiferro, possivelmente ainda sob denominação Cerri, Lorenzini & Cia Ltda, s/d. À frente dos pavilhões podem ser vistas partes dos locomóveis produzidos pela empresa. Autor: Foto Perin.



Fonte: Acervo Foto Perin.

A empresa permaneceu nesse ramo até 1958, quando na gestão de Edir Cerri transformou-se em revenda autorizada de automóveis da marca Ford. A partir de 1963 começou a produzir *trucks*, o que levou, por volta de 1967, à construção de seu primeiro pavilhão em alvenaria, passando a contar com 750m<sup>2</sup> de área industrial. No ano seguinte, o leque de produção é expandido novamente, quando a empresa acrescentou à sua linha lixadeiras, polidoras e serras de basalto, acompanhando a expansão da extração do produto no município de Nova Prata, contando com efetivo de noventa funcionários com capacidade de produção de quinze *trucks* por mês. Em 1970, promove uma nova expansão de seu parque fabril através da construção de um pavilhão com 1.500m<sup>2</sup> (*Folha da Serra*, 1986, p.9).

O crescimento e a produção da Fundiferro foram abalados pela recessão iniciada nos anos posteriores ao chamado Milagre Econômico Brasileiro (1969-1973), durante a Ditadura Civil-Militar, momento de retração no mercado consumidor que gerou inúmeras dificuldades econômicas à empresa, declinando substancialmente a produção dos *trucks*, até a desativação desta linha de produção em 1983, tida como carro-chefe econômico da Fundiferro. A saída para a empresa evitar a ruína deu-se através da fabricação de renovadoras de pastagem e outros implementos agrícolas. Em meados da década de 1980, com suas contas equilibradas, somadas à retomada da produção, a Fundiferro dispunha de um capital social de 1 milhão de cruzados e 3,5 milhões de cruzados em reserva, contando com produção e prestação de serviços diversificados (*Folha da Serra*, 1986, p.9).

Dentre os principais artigos produzidos destacavam-se as Renovadoras de pastagem RP-100 e RP-101, implementos fabricados com tecnologia própria da empresa, constituindo-se em uma:

[...] máquina de plantio direto que permite a renovação das pastagens com uma economia de tempo significativa, de duas horas por hectare. Descompacta o solo, elimina a erosão, introduz culturas diversificadas, planta aveia e azevém sobre campo nativo ou sobre gramíneas tropicais numa única operação e combina espécies com ciclos diferentes. [...] A elas somam-se a PD-82, plantio direto de soja, também com excelente aceitação pelos agricultores (*Folha da Serra*, 1986, p.9).

A empresa retomou a produção de *trucks* e carrocerias, com fabricação média mensal de quatro trucks e seis carrocerias, obtendo certificado junto ao INMETRO para adaptação de eixo veicular em caminhões. Foram considerados produtos que, além de assegurar qualidade, proporcionavam “maior carga útil, menor custo e outras vantagens aos compradores, sendo fabricado em aço especial, com perfeita estabilidade, maior resistência, rendimento e economia, e podendo adaptar-se aos caminhões Mercedes, Ford, Chevrolet, Dodge e Fiat” (*Folha da Serra*, 1986, p.9).

Destacaram-se ainda nas linhas produção da Fundiferro: a máquina radial para polir mármore, granitos e pedras de basalto, disponíveis nos modelos LP-25, LG-15 e a SG-10, máquina para cortar as pedras mencionadas anteriormente. Sem abandonar sua tradição, a empresa fundia de oito a dez toneladas de metal mensalmente, destinados à fabricação de peças para uso interno e externo (*Folha da Serra*, 1986, p.9).

Suas filiais da nos municípios de Lagoa Vermelha e Sananduva prestavam serviços comerciais nas áreas de revenda de automóveis Ford, oficina autorizada da marca, seção de peças e posto de lavagem automotiva, gerando vinte empregos diretos (*Folha da Serra*, 1986, p.9).

Em reportagem publicada em 23 de setembro de 1986, o jornal *Folha da Serra* considera:

A história da Fundiferro confunde-se com a própria História da economia de Nova Prata, especialmente o setor secundário ou industrial, onde revestiu-se de caráter pioneiro e nasceu como resposta às necessidades decorrentes da estrutura sócio-econômica em que se inseria, produzindo a maquinaria necessária à expansão das demais empresas da região que acompanhou com dinamismo e pujança durante anos.

Elencados os edifícios que representam o processo de transição estilística anteriormente mencionado, serão apresentados a seguir aqueles que possuem linguagem Art Déco mais demarcada.

### **Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos**

A sede dos Correios de Nova Prata foi inaugurada em 1950, tendo como primeiro gerente Amilcar Kontz (GALEAZZI, 1998, p.59). A construção do edifício está inserida no contexto de reformas do serviço público iniciadas a partir de 1930, durante o governo de Getúlio Vargas. A partir da criação do Departamento de Correios e Telégrafos, unindo a Diretoria Geral dos Correios e a Repartição Geral dos Telégrafos, objetivou-se a estatização e racionalização administrativa do órgão, lançando um grande programa de construção de agências e reformas das existentes, conferindo feições modernas aos edifícios, sobretudo na linguagem Art Déco (REIS, 2014, p.162-163).

A nova sede dos Correios e Telégrafos foi projetada e construída a partir do Edifício-tipo especial X, semelhante às agências de Soledade, Carazinho e Estrela. Os edifícios-tipo eram projetados e construídos em conformidade com as peculiaridades programáticas e funcionais dos tipos de agências e da disponibilidade de recursos técnico-financeiros relacionados à localidade de sua inserção (REIS, 2014, p.167)

Imagem 173 – Edifício-tipo especial X, construído para a agências de Soledade, Carazinho, Estrela, Nova Prata e Ponta Porã (MT).



Fonte: REIS, 2014, p.200.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

### **Antiga Sociedade Grêmio Pratense**

O surgimento da ideia que, dias mais tarde, viria a permitir a criação do Clube Grêmio Pratense, remonta ao dia 1 de janeiro de 1932, durante as comemorações da virada do ano, quando um grupo de jovens reunidos no Café Central, de propriedade de Alberto Sbroglia, discutiam sobre a necessidade de se criar um clube para a prática do futebol no município. Após esse primeiro momento, decidiu-se por formar uma comissão organizadora, cujos integrantes foram Jorge Peruzzo, Alcides Tarasconi, Oscar Goron e Mário Cini, este último, tendo sido o primeiro presidente (XERRI, 2004, p.221).

De acordo com Xerri (2004, p.222), em 6 de janeiro daquele mesmo ano houve a primeira assembleia geral ocorrida junto ao espaço do Salão Três de Outubro, presidida por Emílio Cerri, onde se decidiu a composição da primeira diretoria, assim disposta: Mário Cini (Presidente), Adolfo Schneider (Vice-presidente), Hercílio Castilhos (1º secretário), Juvenal Vieira (2º secretário), José S. Cherubini (1º tesoureiro), Antônio Peruzzo (2º tesoureiro). O nome do clube, ao que consta, deve-se ao fato de inúmeros gremistas e colorados fazerem parte do grupo fundador. Para contento de todos, após muitas divergências, chegaram ao consenso de o nome ser "Grêmio", mas a cor que identificaria o Clube deveria ser vermelha. Cores e nome que permanecem até os dias atuais.

Para possibilitar a prática do esporte, Atilio Lenzi tratou de providenciar um terreno, encontrando-o junto à propriedade de Rodolfo Schneider. Ali, uniram-se os esforços, ergueu-se a estrutura e dispuseram-se os atletas que passariam a comparecer diariamente aos treinos.

A partida de inauguração, contra o Juventude de Veranópolis, acabou com o resultado de 1 x 0 para os veranenses, já a segunda partida do confronto, ficou no 0 x 0. Posteriormente, uma derrota dramática por 12 x 0 contra o time do Guaporé e outra por 3 x 1 frente ao Vista Alegre.

As frustrantes derrotas que marcariam o início da trajetória do clube, posteriormente, viriam a motivar as ações que, poucos anos depois, elevariam o Grêmio Pratense a uma posição respeitável frente ao cenário estadual. A contratação de jogadores de destaque da equipe do Guaporé, como Cripa, Cavaco e Manha, bem como o deslocamento para um campo maior, foram fundamentais para que o clube atingisse, um novo patamar no âmbito futebolístico (XERRI, 2004, p.222).

Chegados os anos 1940, as dificuldades em manter uma sede fixa fez-se premente. O salão Três de Outubro, que servira de sede ao Clube desde a sua fundação, fora vendido ao grupo que posteriormente fundaria o Clube Aliança, e o Hotel Central, de propriedade de João Fabris Sobrinho e que tivera servido como sede provisória ao Grêmio Pratense, não supria mais as necessidades do clube em ascensão.

Diante deste cenário, em 29 de outubro de 1942, o então presidente Demétrio Lenzi retificou em ata a compra do terreno para a construção da nova sede do clube. Este, segundo Xerri: “Foi adquirido dos irmãos Grazziotin de Antônio Prado e, para o pagamento da primeira prestação foi aberta uma lista de doações” (XERRI, 2004, p.223). O início das construções, deu-se apenas sob a nova administração, presidida por Mário Cini e Guilherme Nedeff, sendo finalizada em 1949.

Imagem 175 – Sede da Sociedade Grêmio Pratense, s/d. Autor não identificado.



Fonte: Acervo da Sociedade Grêmio Pratense.

Imagem 176 – Inauguração da sede da Sociedade Grêmio Pratense, 1939. Autor: Foto Perin.



Fonte: Acervo de Foto Perin.

Imagem 177 – Vista aérea da sede da Sociedade Grêmio Pratense, s/d. Autor: Foto Perin



Fonte: Acervo da Sociedade Grêmio Pratense.

Imagem 178 – Baile sem natureza especificada na Sociedade Grêmio Pratense, s/d. Autor não identificado.



Fonte: Acervo Foto Perin.

Segundo Xerri (2004, p.223), foi durante 1956 que o Clube se estabeleceu social e recreativamente, tendo acolhido, além de um time de futebol, outras modalidades esportivas, como o tênis, através da formação do quadro social do Tênis Clube de Nova Prata. Em 15 de dezembro de 1968, durante a administração de Oscar Froener, também foi inaugurada a piscina. Todavia, para além do espaço de sociabilidade e das atividades desportivas, o clube também se destacou por promover a cultura no município, realizando bailes, peças teatrais e as duas primeiras edições da feira do livro municipal, em 1983 e 1984 respectivamente.

O clube seguiu atuante e assim estruturado até meados do ano de 1995, quando, segundo informações disponibilizadas no site da própria entidade<sup>35</sup>, foram iniciadas as obras de construção da sua nova sede social, situada na rua Luiz Marafon, esquina com a Avenida Cônego Peres.

Imagem 179 – Antiga sede da Sociedade Grêmio Pratense, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

### **Palácio 11 de Agosto – Prefeitura Municipal de Nova Prata**

Os dois terrenos destinados à construção do novo edifício da Prefeitura de Prata foram adquiridos pelo prefeito Adolpho Schneider em 1939, pelo valor 20:000\$000, perfazendo uma área de 3.000m<sup>2</sup>, sendo originalmente propriedade do fazendeiro Silvério Antonio de Araújo, posteriormente adquiridos por Henrique Lenzi e vendidos por este último ao executivo municipal.<sup>36</sup>

---

<sup>35</sup> GRÊMIO PRATENSE. Nova Sede - A Concretização de um sonho. Disponível em: <<http://www.gremiopratense.com.br/site/home.php>>. Acesso em: 08 out. 2020.

<sup>36</sup> Certidão de transferência de imóvel Henrique Lenzi – Prefeitura de Prata, Prata, 08 fev. 1939. Ver também: Escritura de compra e venda Henrique Lenzi – Prefeitura de Prata, 06 fev. 1939.

A nova sede da prefeitura, denominada Palácio 11 de Agosto, em alusão ao dia da Emancipação Política do Município, foi projetada pelo engenheiro Teófilo Borges de Barros, que foi responsável por projetos de importantes edifícios públicos como da Secretaria Estadual da Fazenda e pela finalização da Biblioteca Pública do Estado, assim como de edifícios privados, destacando-se o Grande Hotel de Pelotas e a sede do jornal *A Federação*, hoje o Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa.

“Com grandes manifestações de regozijo, o imponente palácio municipal é inaugurado em 7 de setembro de 1944, com a presença, inclusive do então Governador do Estado, Dr. Ernesto Dornelles, que governava como Interventor” (FARINA, 1986, p.125). O Palácio 11 de Agosto abrigou também a Câmara Municipal de Vereadores, até que o legislativo municipal construísse sua de sua sede própria.

Imagem 180 – Palácio 11 de Agosto, sede do executivo de Nova Prata, s/d. Autor não identificado.



Fonte: Museu Municipal Domingos Battistel.

Imagem 181 – Fachada oeste do Palácio 11 de Agosto, s/d. Autor não identificado.



Fonte: Museu Municipal Domingos Battistel.

Imagem 182 – Câmara de Vereadores de Nova Prata, que funcionou junto ao Palácio 11 de Agosto, s/d. Autor não identificado.



Fonte: Museu Municipal Domingos Battistel.

## **Hidráulica**

Segundo Galeazzi (1998, p.60-61), a Prefeitura Municipal de Nova Prata assinou convênio com o governo do Estado em 1956 para a construção da Hidráulica da cidade, durante a gestão do prefeito Reinaldo Cherubini (1956-1959). Em junho de 1957, a Câmara de Vereadores aprovou e autorizou a compra dos terrenos destinados à instalação (XERRI, 2004, p.88). No ano de 1959, foi iniciada a construção dos dois reservatórios de água da Hidráulica, projetados para comportar 330m<sup>3</sup> e outro com 100m<sup>3</sup> de água, com capacidade total de 430.000 litros armazenados. O reservatório maior foi construído sob responsabilidade da empresta Construtora Willy Ltda., já o menor, ficou sob responsabilidade do engenheiro Nagib Stella Elias, perfazendo um investimento total de Cr\$ 1.000.000, pagos pelo governo do Estado.

Em 1962, durante a administração de Guerino Somavilla, foram abertos 1.060m de valos e assentados 1.039m de canos, encontrava-se edificada a casa do laborista, os reservatórios de água foram praticamente concluídos, restando finalizar os tampões de concreto armado e os depósitos para tratamento subterrâneo da água (XERRI, 2004, p.95).

Com obras finalizadas somente em 1964, sob gestão de Ulisses Pandolfo, a Hidráulica de Nova Prata foi inaugurada em 1º de novembro daquele ano, pelo então Secretário de Obras Públicas do Estado, Sinval Guazzelli (GALEAZZI, 1998, p.64). Conforme aponta Xerri (2004, p.98), naquele momento, a rede de canos condutores perfazia um total de 10.745m de extensão e mais 133m de prolongamentos com canos de ferro galvanizado.

Imagem 183 – Complexo da Hidráulica, s/d. Autor: Foto Perin



Fonte: Acervo Foto Perin

A partir da criação da Companhia Riograndense de Saneamento (CORSAN) em 21 de dezembro de 1965 e oficialmente instalada em 28 de março de 1966, a Hidráulica passou sob gestão desta empresa estatal. No ano de 1970, da parceria estabelecida entre a CORSAN e a Prefeitura Municipal de Nova Prata, foram construídos 5.787m de rede hidráulica (XERRI, 2004, p.106).

### **Antiga Casa Manfredi**

Edificação datada do início da década de 1940, foi idealizada para sediar a residência e as atividades econômicas da família Manfredi.

De origem Cremonesa, a família de Antonio Manfredi e Adelaide Peliciolli migrou da Itália para o Brasil, instalando-se em uma fazenda de café no estado de São Paulo. Dadas as más condições de vida e trabalho nos cafezais, migraram para o Rio Grande do Sul em fins do século XIX, radicando-se na Colônia Alfredo Chaves, mais precisamente no lote n.10 da Linha Sétima, Distrito de Capoeiras. Sob posse da terra, o casal Manfredi passou a viver no regime de agricultura de subsistência, onde criaram seus nove filhos: Emilio, Rosa e Aristides, nascidos na Itália, Isaias, Francisco, Lucia, Carolina, Emilia e João, nascidos no Brasil (FARINA, 1986, p.89).

Em depoimento concedido a Geraldo Farina, em 27 de julho de 1982, Isaias Marcos Manfredi aponta que, por volta de 1907, quando possuía aproximadamente oito anos, além de trabalhar na lavoura, deslocava-se para o centro de Capoeiras para trabalhar como barbeiro para auxiliar na renda familiar:

[...] e assim, de um lado e de outro fomos ajuntando algum dinheiro até que toda a nossa família veio para Capoeiras. Aqui colocamos uma alfaiatariuzinha e continuávamos cortando barba. Depois comprei umas máquinas velhas e iniciamos uma pequena gráfica” (FARINA, 1986, p.91).

Em propaganda publicada junto ao *Diccionario Historico Geographico e Estatistico do Municipio de Alfredo Chaves* em 1923, o empreendimento era denominado Alfaiataria Modelo, de propriedade de Marcos e Antonio Manfredi, oferecendo também serviços de barbearia em um espaço anexo, conforme indicado:

Imagem 184 – Propaganda da Alfaiataria e Barbearia Manfredi, 1923.



Fonte: PIMENTEL, 1987, p.101.

Já em 1939, na propaganda publicada no *Indicador Comercial, Industrial e Profissional do Municipio de Prata*, o empreendimento é apresentado como representante da Casa Guaspari de Porto Alegre, uma das maiores empresas de vestuário do Brasil. Além disso, Isaias Marcos Manfredi aparece como único proprietário do estabelecimento, que oferecia serviços de confecção, comércio de roupas feitas e barbearia.

Imagem 185 – Propaganda da Alfaiataria e Barbearia Manfredi, 1939.



Fonte: KARNAL, 1939.

Imagem 186 – Desfile cívico da Ala Feminina do Círculo Operário 1º de Maio na década de 1940. Ao fundo vê-se a casa de Isaias Marcos Manfredi. Recorte com aproximação, destacando a Casa Manfredi.



Fonte: Museu Municipal Domingos Battistel, adaptado pelos autores.

Imagem 187 – Antiga Casa Manfredi, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

## **Antigo Seminário São José**

Segundo Xerri (2004, p. 200):

Atualmente é conhecido por Casa Pastoral São José. No dia 27 de dezembro de 1952, o bispo diocesano Dom Benedito Zorzi visitou a paróquia e local onde seria erguido o Seminário São José

Em 16 e 17 de janeiro de 1953, durante um retiro religioso, o bispo anunciou ao clero a idéia de construir o Seminário São José de Nova Prata. No dia 7 de fevereiro o bispo trouxe para Nova Prata as plantas do seminário para determinar definitivamente o local da construção.

Durante a visita pastoral de 12 de julho de 1953, o bispo Dom Benedito Zorzi benzeu a pedra fundamental do futuro Seminário São José. O terreno para construção foi doado pela Paróquia e Mitra Diocesana.

Durante o ano de 1953, foi benta a coleta de milho, ou seja, cada família doava ½ de saco para a construção do seminário. A construção foi em parte financiada pela paróquia através de empréstimos e doações.

Com a presença bispo diocesano foi inaugurado o Seminário São José no dia 24 de abril de 1955, com realização de missa campal. Desde o início daquele ano letivo, o seminário havia aberto suas portas para o reitor Pe. Antônio Pasa.

No final dos anos 60 as vocações diminuíram drasticamente. Até que em 1970 o Seminário deixou de realizar a missão para a qual tinha sido construído. Passou por um período de indecisões, até que por volta de 1975, com a liderança do Padre José Pagnocelli, o espaço passou a designar-se Casa de Pastoral São José. Destinada a realização de cursos os mais diversos, servindo à treze paróquias da chamada Forania de Nova Prata.

Treinamento de liderança cristã marcou época, com dois ou mais cursos por ano. Em torno de 50 jovens de toda a região passavam finais de semana em uma espécie de retiro, com muita reflexão e convivência. Grupos de Jovens também tinham ali o seu espaço. Jornadas de catequese, retiros, cursos os mais diversos também eram realizados. Recentemente, parte das dependências serviram de casa de idoso.

Imagem 188 – Seminário São José, 1955. Autor não identificado.



Fonte: Acervo da Paróquia São João Batista.

Imagem 189 – Seminário São José de Nova Prata, década de 1970. Autor: Foto Perin.



Fonte: Acervo Foto Perin.

## **Escola Estadual Reinaldo Cherubini**

O edifício da Escola Estadual Reinaldo Cherubini tem sua história de atuação na educação pratense relacionada à de outras instituições locais, tais como a Escola Estadual Tiradentes e o Grupo Escolar do Prata.

Fundado sob o DECRETO 4.331 DE 08 DE JULHO DE 1929 do governo estadual, o Grupo Escolar do Prata ocupou um edifício cedido pela Intendência Municipal e teve como primeira diretora Avelina Finger Davi e professoras Georgina Tavares Silva e Maria Rosa Zanettini, nomeadas pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul <sup>37</sup>. Segundo Eliana Xerri (2004 p.201) “Seu funcionamento inicial foi em um prédio de propriedade de Clemente Tarasconi [...]. O prédio foi colocado à disposição do estado para a instalação do Grupo Escolar do Prata, [...] tendo funcionado no local até 31/12/1936”. Segundo esta autora, a instituição foi transferida provisoriamente em 1937 para o edifício da Sociedade Musical Capoeirense e, posteriormente, para o edifício da sociedade Grêmio Pratense, onde permaneceu entre 1938 e 1942 (2004, p.201).

“Em maio de 1940 passou a designar-se Grupo Escolar Tiradentes, em homenagem a José Joaquim da Silva Xavier – Tiradentes, inconfidentes mineiro”, em janeiro do ano seguinte é inaugurada sua nova sede, edifício construído pelo especificamente a finalidade escolar (XERRI, 2004, p.201). O novo edifício foi construído no terreno cedido ao governo do estado pela prefeitura de Prata, sendo expropriado da Sociedade Musical Capoeirense, por vezes referida como Sociedade Recreativa Capoeirense, devido à falta de pagamento do *Imposto sobre Industrias e Profissões* e da *Decima Urbana*, referentes ao período de 1925 a 1936, perfazendo um total de 2:087\$600 réis<sup>38</sup>. Posteriormente, a prefeitura adquiriu um segundo terreno do casal Isaias e Maria Manfredi pelo valor de Cr\$1.000, para ampliar as atividades da escola. <sup>39</sup>

Segundo Quadros (2006, p. 50) este movimento está relacionado à política educacional de nacionalização das escolas, implementada por José Coelho de Souza quando assumiu a Secretaria de Educação e Saúde Pública (Sesp-RS) em 1937, do qual destacam-se quatro dimensões concomitantes:

---

<sup>37</sup> Acta de Instalação do Grupo Escolar do Prata, Prata, 28 jul. 1929.

<sup>38</sup> Carta de Adjudicação, Prata, 03 nov. 1938. Arquivo da Prefeitura Municipal de Nova Prata.

<sup>39</sup> Escritura de compra/venda Isaias Manfredi–Prefeitura Municipal do Prata, 05 jul. 1944. Arquivo da Prefeitura Municipal de Nova Prata.

1ª) uma extensa e detalhada jurisprudência sobre a educação; 2ª) a reestruturação técnica e administrativa da Sesp-RS; 3ª) o desenvolvimento de políticas de expansão da rede de ensino estatal, com a construção de escolas, a contratação de professores e funcionários, a ampliação do número de estudantes matriculados; 4ª) uma atenta orientação, supervisão e inspeção do trabalho escolar. (QUADROS, 2006, p.50-51)

Desta forma o novo edifício é símbolo de um projeto de nacionalização do ensino, para a execução de uma forma educacional inserida num contexto de reorganização e racionalização dos serviços de instrução pública (QUADROS, 2006, p.51), que o próprio Coelho de Souza assinala como “larga ação educativa do governo gaúcho”, “o Rio Grande na liderança nacionalista”, “sábua política governamental”, “formidável obra nacionalizadora da interventoria” e “os gaúchos continuam a ser sentinelas avançadas do Brasil” (SOUZA, 1941 apud QUADROS, 2006. p.60).

Além disso, há que se considerar o alinhamento do governo estadual às políticas nacionalistas e de racionalização dos serviços públicos implementadas no governo de Getúlio Vargas (1930-1945):

Em 1930, durante o governo de Getúlio Vargas, houve a reformulação da educação através de edificações modelo, estes prédios possuíam linhas geométricas e características arte decô, uma arquitetura com conceito econômico e eficiente (SEGAWA, 1997).

O projeto padrão é empregado em instituições públicas, como escolas, hospitais e creches, em que se repete um programa de necessidades, para otimizar custos, racionalizar a construção e reduzir o tempo de duração da obra. Para atender diferentes localidades, o projeto, deverá possuir certa flexibilidade para ajustar-se a peculiaridades locais.

Os prédios, por fazerem parte de um projeto padrão, possuem semelhanças formais e compositivas, implantados em terrenos de esquina, possuem janelas simétricas que se repetem em grupos de três, marcação horizontal acima das esquadrias, telhado cerâmico, volumes geométricos, pouca ornamentação, terraços e estandartes utilizados em momentos cívicos.

As escolas protomodernas do período de 1930-1950 representam o desenvolvimento social de uma época e caracterizam o início do modernismo. (CABRAL; OLIVEIRA, 2018, p.1)

Cabral e Oliveira (2018, p.2) apontam que o projeto padrão protomoderno para escolas no Rio Grande do Sul ficou sob responsabilidade do arquiteto João Baptista Pianca, das quais, além da atual Escola Estadual Reinaldo Cherubini, foram relacionadas: Escola Estadual de Ensino Fundamental Marques de Souza, São José do Norte/RS; Escola Sete de Setembro, Camaquã/RS; Escola Estadual de Ensino Médio Professora Gregória de Mendonça, Santo Antônio da Patrulha/RS; Escola Estadual de Ensino Médio Setembrina, Viamão/RS; Escola Básica Estadual Cícero Barreto, Santa Maria/RS; Instituto Estadual de Educação Menna

Barreto, São Gabriel/RS; Escola Municipal de Ensino Fundamental Felipe dos Santos, Veranópolis/RS.

Imagem 190 – Edifício do Grupo Escolar Tiradentes na década de 1940. Autor não identificado.



Fonte: Museu Municipal Domingos Battistel.

Imagem 191 – Edifício do Grupo Escolar Tiradentes, na década de 1940. Autor não identificado.



Fonte: Museu Municipal Domingos Battistel.

Ao longo dos vinte quatro anos que o Grupo Escolar Tiradentes ocupou este edifício ocorreram mudanças importantes, tais como a formação de regentes para o ensino primário através do DECRETO 13.602 DE 24 DE JANEIRO DE 1962 que instituiu o curso Ginásial Normal, passando denominar-se Escola Normal Tiradentes em 1969, “Nova transformação ocorreu através do DECRETO 21.018 DE 19 DE FEVEREIRO DE 1971, quando a escola passa de grau ginásial para colegial”, passando a formar professores primários (XERRI, 2006, p.201). A LEI Nº 4.024, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1961, que Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu Capítulo IV, da Formação do Magistério para o Ensino Primário e Médio, estabelecia:

Art. 52. O ensino normal tem por fim a formação de professôres, orientadores, supervisores e administradores escolares destinados ao ensino primário, e o desenvolvimento dos conhecimentos técnicos relativos à educação da infância.

Art. 53. A formação de docentes para o ensino primário far-se-á:

a) em escola normal de grau ginásial no mínimo de quatro séries anuais onde além das disciplinas obrigatórias do curso secundário ginásial será ministrada preparação pedagógica;

b) em escola normal de grau colegial, de três séries anuais, no mínimo, em prosseguimento ao vetado grau ginásial.

Art. 54. As escolas normais, de grau ginásial expedirão o diploma de regente de ensino primário, e, as de grau colegial, o de professor primário.<sup>40</sup>

No ano de 1974 ocorre nova mudança, desta vez a Escola Tiradentes foi deslocada para as novas instalações da escola Nossa Senhora Aparecida (XERRI, 2006, p.201).

Em meio à todas essas mudanças, foi implantado junto ao edifício em questão o Ginásio Estadual de Nova Prata, que iniciou suas atividades no ano de 1965. Com funcionamento noturno, sua criação “objetivou, entre outros aspectos, o acesso a alunos que não podiam pagar o ginásio particular”, sendo disponibilizadas à comunidade sessenta vagas, cifra que duplicou no ano seguinte à fundação e chegou a 154 vagas em 1967 (XERRI, 2006, p. 202). Posteriormente, recebeu a denominação de Ginásio Estadual Reinaldo Cherubini, em homenagem ao empresário e político de distinção social no município, ex-prefeito e então deputado estadual na legislatura 1963-1967.

No ano de 1997, a Prefeitura Municipal de Nova Prata fez a doação do imóvel da escola ao Estado do Rio Grande Sul através da LEI MUNICIPAL N.º 3748/97 DE 05 DE JUNHO DE 1997.

Imagem 192 – Escola Estadual de Ensino Fundamental Reinaldo Cherubini, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

<sup>40</sup> LEI N° 4.024, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1961. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 09 set. 2020.

## Antiga Casa Irmãos Castagna

Segundo consta no Inventário do Patrimônio Histórico de Nova Prata (2020)<sup>41</sup>, a Casa Irmãos Castagna, situada na Rua Henrique Lenzi, esquina com a Avenida Placidina de Araújo, foi construída em algum momento entre os primeiros anos da década de 1940, por Ângelo Castagna, então motorista de caminhão.

Inicialmente, Ângelo e sua família habitavam no andar superior enquanto que o inferior servia enquanto locação residencial. Posteriormente, no mesmo andar térreo também funcionaram casas comerciais, um escritório de contabilidade e, atualmente, uma loja de confecções.

Imagem 193 – Antiga Casa Irmãos Castagna, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

## Bar Tupi

Sua construção remonta ao início dos anos 1960 e, desde então, permanece sob propriedade da mesma família: os Briani. Inicialmente, de Balduino Briani e Alice Constantina Marafon Briani. Atualmente pertence à Marli Terezinha Briani, Juliana Briani, Egon e Guilherme Briani.

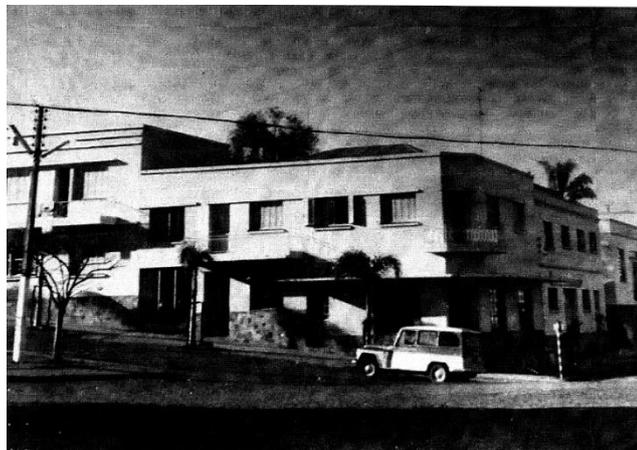
Segundo consta no Registro de Imóveis da Comarca de Nova Prata, o bar teria iniciado suas atividades em 1986 e o mesmo permanece ativo até hoje<sup>42</sup>, servindo, por conta da sua posição privilegiada junto a um importante esquina do centro da cidade, na Avenida

<sup>41</sup> PREFEITURA MUNIIPAL DE NOVA PRATA. Inventário do Patrimônio Histórico de Nova Prata, 2020.

<sup>42</sup> Registro de Imóveis da Comarca de Nova Prata, 1985.

Fernando Luzzato com a Rua General Flores da Cunha, como um relevante ponto de encontro para indivíduos de todas as idades em seus momentos de recreação. A rua da referida avenida, vale evidenciar, por conta do bar, tornou-se popularmente conhecida como o “Morro do Tupi”

Imagem 194 – Bar Tupi junto à Avenida Fernando Luzzatto, o “Morro do Tupi”, 1985. Autor não identificado.



Fonte: Registro de Imóveis da Comarca de Nova Prata.

Imagem 195 – Bar Tupi, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

### **Antiga Casa Renner**

“A boa roupa”, letreiro presente no topo da edificação e muito famoso no século XX, traduz o primeiro conceito empresarial das Lojas Renner ainda no começo do século, quando a marca era conhecida principalmente por seus trajes masculinos de alta qualidade. Hoje a segunda maior rede de lojas de departamentos de vestuário do Brasil, a Renner foi pioneira no país ao introduzir um modelo de gestão baseado no conceito do encantamento.

A loja de departamento nasceu em Porto Alegre (RS) nas mãos do descendente de alemães Antônio Jack Renner com o grupo A. J. Renner. O ano era 1912, e a empresa se resumia a uma indústria têxtil instalada no bairro de Navegantes. Na época, o grupo comercializava, entre outras coisas, capas de pura lã muito resistentes ao frio, chuva e vento característico da região – peça que em pouco tempo se tornou indispensável em Porto Alegre. É dessa época, inclusive, que remonta o slogan: “Renner, a boa roupa, ponto a ponto”.

Imagem 196 – Letreiros na fachada da edificação: “RENNER” e “A BÔA ROUPA”, 2019. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL, adaptado pelos autores.

Imagem 197 – Antiga Casa Renner, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

### **Antigo Banco do Comércio do Rio Grande do Sul**

O edifício da atual Viva Farma, construído durante a década de 1940 à mando da família Nardi e a ela ainda pertencente, abrigou, ainda durante aquela época, o Banco do Comércio do Rio Grande do Sul, o qual mantém, ainda hoje, no interior do andar térreo, seu cofre ainda inviolável.

Construído em alvenaria, com sólida estrutura, comportava, em seu andar superior, a residência da família do gerente do Banco. Com pé direito de 3m70, possuía sala de banho, com escaiola para revestimento, cozinha, sala e vários cômodos com divisórias em madeira. Na chamada área molhada (Banheiro, lavanderia e cozinha) ainda se encontra o piso original de ladrilhos de cimento.

Com a extinção do Banco do Comércio, a partir de 1975 o edifício passou a abrigar, no térreo, a Farmácia Fonseca, de Edson Fonseca e Odila Perin Fonseca. No andar superior era alojamento, com vários quartos alugados para trabalhadores. Popularmente era chamado de “cortiço”. Nos anos de 1990 o andar superior foi reorganizado para se comportar salas comerciais. Abrigou, inclusive, Secretaria Municipal do Bem-Estar Social, escritórios, agência de publicidade, etc. Há dezesseis anos, as dependências são ocupadas pelo Escritório da Arquiteta Débora Tumelero, que zela pelas dependências, conservando ainda o banheiro, cozinha, etc.

Observando o prédio com atenção, pode-se notar os imponentes alicerces de basalto que sustentam a edificação. Uma lástima, porém, que estejam encobertos por uma frágil e quebradiça camada de reboco.

Figura 198 – Prédio do Banco do Comércio do Rio Grande do Sul. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

## **Antiga Joalheria Martini e Mombach**

A edificação foi projetada pelo engenheiro Nagib Stella Elias a pedido de Darcy Martini e Júlio A. Mombach, com início das obras no ano de 1956. Conforme descrição presente no *Memorial descritivo da obra*, suas fachadas são em “estilo moderno”, em referência à linguagem Art Déco, atribuindo valor de inovação ao edifício, que foi idealizado para cumprir função comercial de joalheria, contendo oficina e escritórios no pavimento térreo e escritórios no pavimento superior, tendo um orçamento inicial de Cr\$ 330.000,00.<sup>43</sup>

Imagem 199 – Em primeiro plano Edifício da Joalheria Martini, ao lado a Imobiliária Basáltica, originalmente projetada para ser uma joalheria , 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Fonte: Acervo da SMTCEL.

## **Edifício Irmãos Elias**

O Edifício Irmãos Elias foi construído em 1956, estando localizado na Avenida Borges de Medeiros. Foi projetado pelo engenheiro civil recém formado Nagib Stella Elias, atendendo aos anseios da família que há tempos desejava possuir um edifício no centro do município.

Segundo Nagibe Elias Ghiggi (2015), na década de 1950 Nova Prata presenciou, simultaneamente, um significativo progresso econômico e populacional e a latência dos precários serviços públicos então instalados. Diante disso, no ano de 1959, sob a

---

<sup>43</sup> Memorial descritivo da obra, Nova Prata, 22 mar. 1956. Acervo da Prefeitura Municipal de Nova Prata.

administração do prefeito municipal Reinaldo Cherubini, instalou-se, no referido prédio, a primeira agência do Banco do Brasil da região, inaugurada no dia 15 de janeiro daquele ano. A instituição permaneceu no local até 1974, sendo transferida para o “Edifício Antonio Manssur Elias”, também de propriedade da família. Com o deslocamento do Banco do Brasil, instalou-se no local, em 19 de abril de 1974, a primeira agência da Caixa Econômica Federal de Nova Prata.

Tendo isso em vista, depreende-se que o prédio, em razão de suas dimensões, alocações e localização estratégica, serviu enquanto sede para importantes instituições no contexto do desenvolvimento econômico do município e da região. Em páginas de noticiário da época, como consta em Ghiggi (2015), foi publicada a seguinte nota em razão da inauguração da Caixa Econômica Federal:

As instalações apresentam as melhores condições possíveis para o trabalho desempenhado pelos funcionários no atendimento dos clientes, tendo o projeto sido elaborado pelo eng.º Edenor Buchholz, filho de Nova Prata. A nova casa bancária de Nova Prata virá beneficiar municípios, tais como Guaporé, Nova Araçá, Nova Bassano, Parai, Casca e outros. (GHIGGI, 2015, p.99)

Imagem 200 – Edifício Irmãos Elias, s/d. Autor não identificado.



Fonte: GHIGGI, 2015.

Imagem 201 – Edifício Irmãos Elias, 2020. Autor Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

### 3.4. EDIFICAÇÕES COM LINGUAGEM MODERNISTA

#### Antigo Cine Lux

Baseada no texto “Cine São João – Cine Lux – 50 anos de cinema em Nova Prata” de Odila Gema Perin Fonseca, a historiadora Eliana Gasparini Xerri (2004) nos fornece detalhes da história da família Perin e sua relação com o cinema:

Imaginemos Nova Prata na década de 40: Uma pequena cidade projetando seu desenvolvimento e praticando formas diversas de lazer. Nesse interim dois jovens: João Basílio Perin e Aberlino Claudino Perin, iniciados nos ofícios da arte fotográfica, registram em 1948 a firma Irmãos Perin Ltda. e iniciam as atividades no Cine São João. (XERRI, 2004, p.259)

Segundo Xerri (2004, p. 259), os detalhes da primeira estrutura davam conta de um equipamento cinematográfico de 16mm de propriedade da paróquia e de duzentas poltronas adquiridas logo após terem recebido a licença do departamento estadual de saúde. Inicialmente, as sessões ocorriam junto ao espaço do Salão Paroquial São João Batista, no mesmo prédio da antiga Igreja Matriz, reformada e remodelada para abrigar o novo espaço. O Cine São João foi inaugurado em 1952 com a projeção do filme “Transatlântico de Luxo”.

Imagem 202 – Salão Paroquial e Cine São João, década de 1950. Autor não identificado.



Fonte: Acervo Foto Perin, adaptado pelos autores.

Em 1956, finalmente os irmãos Perin reuniram as condições e iniciaram as obras para a construção de um edifício próprio. Projetado pelo arquiteto porto-alegrense Jeferson Hoveder e supervisionado pelo engenheiro Nagib Stella Elias, foi inaugurado dois anos depois, em 17 de agosto de 1958, com o corte da fita simbólica por parte do então prefeito municipal Reinaldo Cherubini e bênção do pároco Padre Adolfo Luiz Fedrizzi. Os primeiros sócios do Cinelux, registrados em Contrato Social, foram: Felix Cherubini, Edgar Gaspar Selbach, João Basílio Perin, Aberlino Claudino Perin, Neco Cherubini, Gelmi Cherubini, Eduardo Buchholz, Antônio Arcanjo Lorenzini, Hilda Cini e o Hospital São João Batista. O primeiro filme a ser exibido no novo espaço, no dia 17 de maio daquele mesmo ano, foi “Sete Noivas para Sete Irmãos” (XERRI, 2004, p. 260).

Imagem 203 – Cine Lux em 1958. Autor: Foto Perin.



Fonte: OLIVO, 2013, p.1.

Imagem 204 – Calçadão do Cine Lux, s/d. Autor: Foto Perin



Fonte: Acervo Foto Perin.

Nova Prata sempre contou com um sistema de recebimento dos rolos cinematográficos quase simultâneos ao lançamento dos mesmos. O que era exibido nas capitais, alguns poucos dias já chegavam em Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Veranópolis, Cotiporã, Nova Prata, Passo Fundo etc...

Os pratenses dos anos 1960 e 1970 escutavam as chamadas nos alto falantes, na voz de Emílio Wolff, divulgando a programação da semana. Os domingos da década e 1960 tinham um ritual: as crianças e jovens ao saírem da missa, pois quase todos frequentavam, se aglomeravam em frente ao Cine Lux para ver o cartaz e conhecer a programação cinematográfica da semana. Os cartazes eram eficientes. Alguns fascinavam pela beleza das atrizes ou dos galãs do cinema, alguns eram engraçados a exemplo do Mazaroppi. Até os anos 1980 o cinema sobrevivia financeiramente, fazendo frente à televisão e ao vídeo cassete. Depois os cinemas de rua acabaram se tornando obsoletos. Poucas pessoas ocupavam as mais de oitocentas poltronas do Cine Lux, que entrava em decadência.

Importante ressaltar que o espaço também foi palco de algumas peças de teatro, conferências, festivais de coros e espetáculos em geral.

Em agosto de 2017, após permanecer fechado por dezoito anos, o Cine Lux reabriu suas portas para a comunidade, disponibilizando em seu complexo, além da sala de cinema, um total de vinte lojas. O processo de compra, reforma e reinauguração do Cine Lux é assim descrito por Salvalaggio (2017):

A ideia de reabertura do ponto histórico para a comunidade surgiu de um grupo de investidores que realizou uma análise de mercado na região e constatou a viabilidade do projeto. Os empresários atendem a uma demanda dos moradores de Nova Prata, que sempre pediram um cinema na cidade.

Josemar Vendramin, um dos idealizadores do empreendimento, conta que as obras iniciaram em 2014, mas a fase de planejamento começou no ano anterior. A demora para conclusão do cinema teve um motivo especial. "O poder público fez algumas exigências. Por ser um prédio listado para o patrimônio histórico, não poderia ser demolido e não podia mudar as características externas do prédio. E tinha uma exigência também, que se o prédio fosse revitalizado que ele mantivesse ao menos uma sala de cinema e shopping. Em cima dessas ideias e dessas exigências do poder público e do plano diretor do município, a gente desenvolveu esse trabalho que foi transformá-lo em centro comercial", afirma Vendramin. Ao todo, mais de R\$ 5 milhões foram investidos na obra. O espaço para exibição de filme tem capacidade para 140 pessoas.<sup>44</sup>

Claucide Rodrigues, gerente do Movie Arte Cinemas, afirma que a decisão de fazer parte do empreendimento teve como grande propulsor a demanda apresentada em Nova Prata, fator perceptível um mês após a inauguração do novo cinema, quando o público atingiu cerca de 4,5 mil pessoas. Oferecendo quatro sessões diárias, o cinema funciona das 14h às 21h15<sup>45</sup>.

Imagem 205 – Galeria Comercial Cine Lux, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



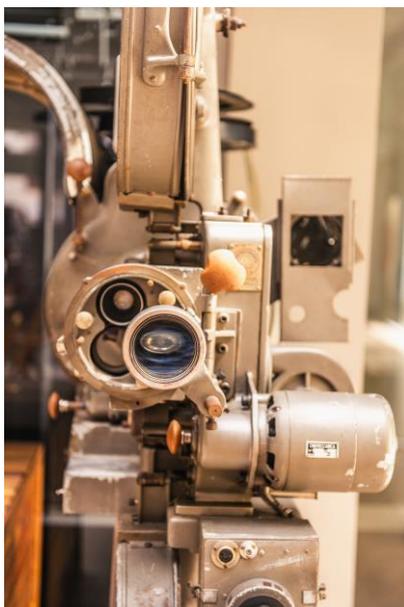
Fonte: Acervo da SMTCEL.

---

<sup>44</sup> SALVALAGGIO, Angela. Cine Lux de Nova Prata reabre ao público. **GaúchaZH**, 15 set. 2017. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2017/09/cine-lux-de-nova-prata-reabre-ao-publico-cj7qlv5im00bep7j0xgo1ls12.html>>. Acesso em: 02 set. 2020.

<sup>45</sup> Idem.

Imagem 206 – Antigo projetor cinematográfico do Cine Lux exposto no interior da Galeria Comercial, 2020.  
Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

## **Banco do Brasil**

A agência do Banco do Brasil do município de Nova Prata foi inaugurada em 15 de janeiro de 1959, sob gerência de Adão Ferreira de Almeida<sup>46</sup>, tendo como primeira sede o espaço térreo do edifício Irmãos Elias, projetado e de propriedade do engenheiro civil Nagib Stella Elias, tendo sido uma requisição do então prefeito Reinaldo Cherubini (GHIGGI, 2015, p.95), que intermediou a instalação da agência junto ao governador do estado Walter Perachi de Barcellos e ao senador Tarso Dutra (*Eco do Vale*, 05 abr. 1975)<sup>47</sup>.

A nova instituição estendeu sua jurisdição aos distritos de Vista Alegre, Nova Araçá e Paraí, assim como o município vizinho de Veranópolis, que veio a ter agência própria somente em 1964. A expansão das agências do Banco do Brasil para o interior dos estados está relacionada ao governo de Juscelino Kubitschek e à política institucional do banco eu visava através da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial estender os financiamentos sem garantias reais ou pessoais de pagamento aos pequenos produtores rurais, passando a cobrir também a pequena indústria rural de característica doméstica ou artesanato organizado em pequena indústria (CPDOC/FGV).

---

<sup>46</sup> Livro de registros do Banco do Brasil, 1959-1975.

<sup>47</sup> Banco do Brasil colaborando com o progresso econômico de Nova Prata. *Eco do Vale*, Bento Gonçalves, 5 abr. 1975.

Imagem 207 – Inauguração da Agência do Banco do Brasil de Nova Prata, 1959. Autor: Foto Perin.



Fonte: Acervo do Banco do Brasil.

Imagem 208 – Primeira equipe de funcionários da Agência do Banco do Brasil de Nova Prata, de frente ao edifício que foi sua primeira sede, s/d. Em pé: Ricardo Jorge Wolff, Laerte (?), Homero Geraldo Nedel, Alfeu Luiz da Silva, Eugênio José Mondin, Flávio Antonio Munaro. Sentados: Roberto Pizzi, Adão Ferreira de Almeida, Adalberto Pernambuco Nogueira, (?). Autor não identificado.



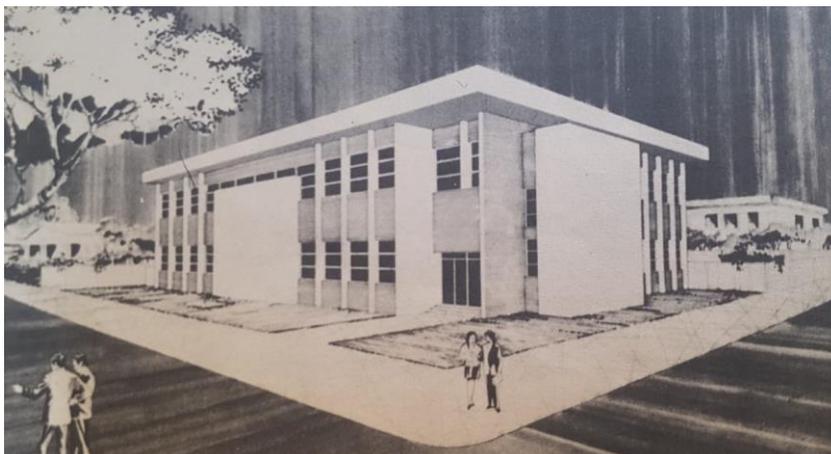
Fonte: Acervo do Banco do Brasil.

A agência do Banco do Brasil permaneceu neste local até 1974, quando “cruzou a rua”, sendo transferida temporariamente para o recém construído Edifício Antonio Manssur Elias, que foi utilizado também como residência para alguns funcionários da instituição (GHIGGI, 1974, p.98). Ao mesmo tempo, em 27 de março de 1971, iniciaram-se as obras de construção da sede própria da instituição, projetada pelo arquiteto Roberto Guerra Baldino e executada pela empresa Vivenda Engenharia e Arquitetura Ltda., empresa contratada para projetar diversos outros edifícios-sede desta instituição, dentre eles, o do Banco do Brasil de Caxias do Sul, considerado uma “perfeição de engenharia” (*Eco do Vale*, 12 abr. 1975, p.5).<sup>48</sup>

---

<sup>48</sup> Novo e moderno prédio para Agência do BB e Nova Prata. **Eco do Vale**, Bento Gonçalves, 12 abr. 1975, p.5.

Imagem 209 – Perspectiva do edifício projetado para sediar o Banco do Brasil, 1971. Autor: Vivenda Engenharia e Arquitetura Ltda.



Fonte: PMNP, 1974, p.28

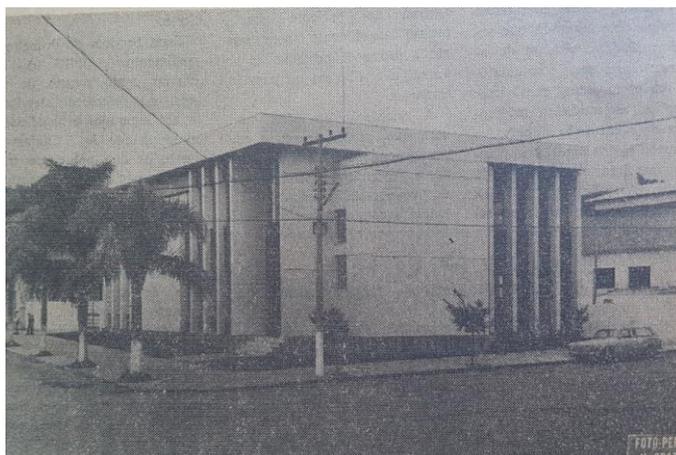
Em 08 de abril de 1975 o Banco do Brasil inaugurou sua sede própria com 740,98m<sup>2</sup>, situada à rua Fernando Luzzatto, esquina com a rua Gal. Flores da Cunha. Ao novo edifício, que empregou trinta funcionários em sua construção, contando investimento total de C\$ 2.000.000, são atribuídas uma série de qualificações como “novo e moderno”, “imagem de progresso”, “normas técnicas mais avançadas na construção”, exemplo de beleza e segurança”, “esmero e alta qualidade” (*Eco do Vale*, 12 abr. 1975, p.5), caracterização que busca atribuir distinção estética ao edifício, bem como qualificar a nova oferta de serviços.

Compareceram à solenidade de inauguração inúmeras autoridades locais e regionais, tais como Dinar Gigante, Diretor da 7ª Região do Banco do Brasil S.A.; Nagib Stella Elias, Prefeito de Nova Prata; Otto Brodt, Juiz de Direito da Comarca; Jones Raimundo, Promotor Público; Enio Bozzeto, Prefeito de Nova Bassano; João Pegoraro, Prefeito de Paraí; Adenor Fabris, Presidente da Câmara de Vereadores, além de representantes da indústria e comércio local e gerentes de outras agências de bancos do interior do estado (*Eco do Vale*, Bento Gonçalves, 12 abr. 1975, p.11).<sup>49</sup>

---

<sup>49</sup> “Objetivos do Banco do Brasil é de incentivar também as pequenas comunidades”. *Eco do Vale*, Bento Gonçalves, 12 abr. 1975, p.11

Imagem 210 – Sede da Agência Banco do Brasil de Nova Prata, 1975. Autor: Foto Perin.



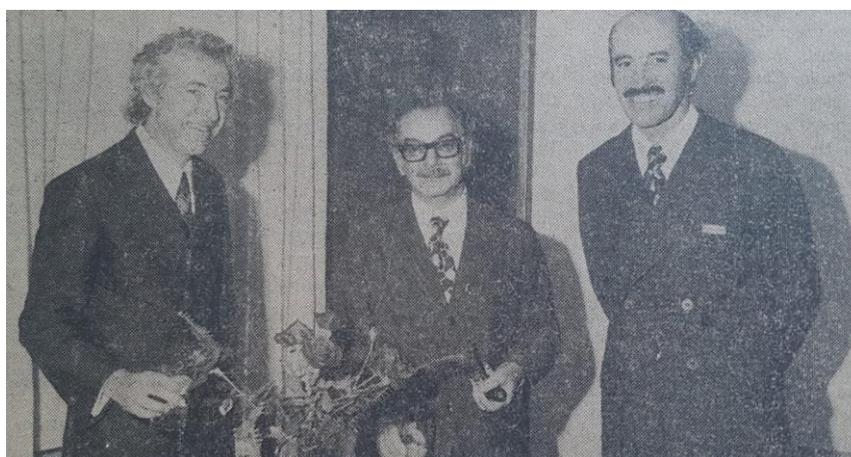
Fonte: *Eco do Vale*, Bento Gonçalves, 12 abr. 1975, p.5

Imagem 211 – Sede da Agência Banco do Brasil de Nova Prata, 1975. Autor: Foto Perin.



Fonte: *Eco do Vale*, Bento Gonçalves, 12 abr. 1975, p.5

Imagem 212 – Solenidade de inauguração da nova agência do Banco do Brasil, 1975.  
Na foto, da esquerda para direita: Homero Geraldo Nedel, Dinar Gigante e Petrônio Duarte Schuller.  
Autor: Eco do Vale.



Fonte: *Eco do Vale*, Bento Gonçalves, 12 abr. 1975, p.11.

A cerimônia contou com bênção do vigário, Pe. José Meneguzzo e discursos de Nagib Sella Elias, Dinar Gigante e ainda do gerente da agência Petrônio Duarte Schuller, que destacou:

A agência aqui chegou pequena, modesta, mas cônica de sua grandeza, trazendo como principal bagagem a confiança no povo altaneiro e o desejo imensurável de servi-lo.

[...] indo ao encontro do homem do campo, que luta tensamente com um solo pedregoso e acidentado, através de ingentes esforços, a agência tem procurado incentivar a prática de tecnologia adequada às explorações agropecuárias, contribuindo na constituição de e funcionamento dos Conselhos Municipais que visam o aumento da produção, sem contudo deixar de prestar decidido apoio aos trabalhadores orientados pela ASCAR, ao comércio e à indústria pratense.

[...] ao erigir esta nova sede, o Banco do Brasil não só pretende colocar uma casa à altura de sua clientela mas, sobretudo, prestar uma homenagem a todos quantos colaboraram na multiplicação da riqueza da região, em benefício da própria coletividade. (*Eco do Vale*, 12 abr. 1975, p.11)

O discurso de Schuller conflui com a política da instituição a partir de 1975, que “constituiu-se num dos principais instrumentos do governo para o suporte dos setores cuja expansão era considerada fundamental para a superação dos desequilíbrios originados pelo choque do petróleo: agropecuária, exportação e energia (CPDOC/FGV).

Imagem 213 – Agência do Banco do Brasil de Nova Prata, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

## Salão Paroquial

A primeira festa em honra ao padroeiro aconteceu no ano de 1923, sendo que somente em 1936 foi erigido o primeiro salão paroquial, denominado Salão Paroquial Santo Antônio<sup>50</sup>. Com a inauguração da nova Igreja Matriz em 1942, o edifício desocupado passou, após reformas que o descaracterizaram, a sediar o Salão Paroquial e posteriormente, dividiu espaço

<sup>50</sup> Livro-Tombo 1 da Paróquia São João Batista de Nova Prata.

com o Cine São João, cinema dirigido pelos irmãos Aberlino Perin e João Basílio Perin. Permaneceu neste local até o final da década de 1960, quando a Mitra Diocesana de Caxias do Sul adquiriu um terreno para construção de um novo salão.

Imagem 214 – Em primeiro plano a nova Igreja Matriz São João Batista, ao fundo o edifício reformado para abrigar o Salão Paroquial, s/d. Autor não identificado.



Fonte: Acervo Foto Perin, adaptado pelos autores.

Conforme consta no *Certidão de transferência de imóvel*, o terreno adquirido para a construção do Salão Paroquial foi adquirido no ano de 1952, por intermédio do Pe. Adolfo Luiz Fedrizzi, pelo valor de Cr\$ 80.000,00, pertencente ao casal Guilherme e Ema Toazza, com objetivo dar melhor infraestrutura à realização das festas em honra a São João Batista<sup>51</sup>.

Imagem 215 – Terreno adquirido para construção do Salão Paroquial na década de 1960. Autor: Foto Perin



Fonte: Acervo Foto Perin, adaptado pelos autores.

Com o lançamento da pedra fundamental em 1969 e projeto aprovado em agosto de 1970, sob responsabilidade do engenheiro civil Nagib Stella e do arquiteto Edenor A. Buchholz, iniciou-se para construção do novo salão paroquial, conforme eu memorial

---

<sup>51</sup> Certidão de transferência de imóvel, Nova Prata, 29 maio 1952. Arquivo da Prefeitura Municipal de Nova Prata.

descritivo: “Construção em estilo moderno e executada com esmero, em dois pavimentos. No térreo quatro lojas com sobre-lojas e no superior salão de festas com bar e cozinha para qualquer tipo de atendimento”. Após dois anos de obras, foi inaugurado em 22 de junho de 1972 com a participação nas solenidades e bênção de Dom Benedito Zorzi, então Bispo Diocesano de Caxias do Sul<sup>52</sup>.

Imagem 216 – Início das construções do Salão Paroquial São João Batista, 1970-72. Autor não identificado.



Fonte: Acervo da Paróquia São João Batista de Nova Prata.

Imagem 217 – Construção do Salão Paroquial São João Batista, 1970-72. Autor não identificado.

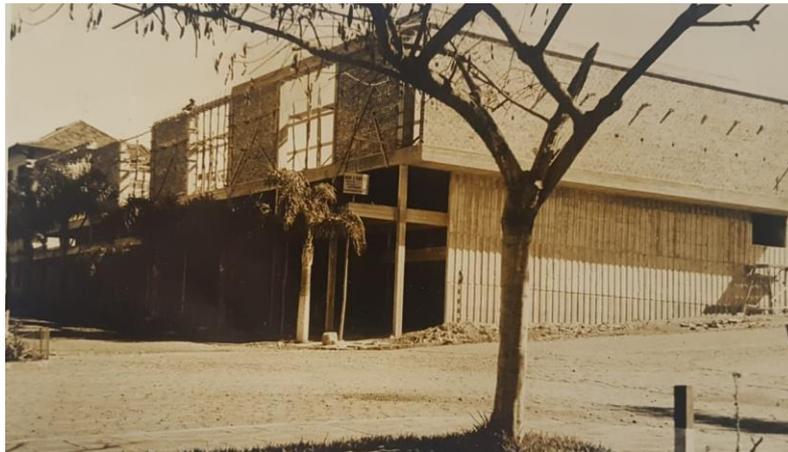


Fonte: Acervo da Paróquia São João Batista de Nova Prata.

---

<sup>52</sup> Memorial descritivo da construção do Salão Paroquial São João Batista, 1969. Arquivo da Prefeitura Municipal de Nova Prata.

Imagem 218 – Construção do Salão Paroquial São João Batista, 1970-72. Autor não identificado.



Fonte: Acervo da Paróquia São João Batista de Nova Prata.

Em setembro de 1991 o salão paroquial passou por sua primeira ampliação, sob responsabilidade de engenheiro civil Nagib Stella Elias, na oportunidade foram melhoradas e ampliadas as instalações de copa, cozinha, churrasqueira e sanitários. Nos anos de 1998, 2011 e 2014 foram feitas novas intervenções no edifício visando sua ampliação.<sup>53</sup>

Imagem 219 – Salão Paroquial, 2019. Autor: Paula Fogaça.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

---

<sup>53</sup> Memorial descritivo da construção do Salão Paroquial, 1991. Arquivo da Prefeitura Municipal de Nova Prata. Memorial descritivo de reforma do Salão Paroquial, 1998. Arquivo da Prefeitura Municipal de Nova Prata. Memorial descritivo de reforma do Salão Paroquial, 2001. Arquivo da Prefeitura Municipal de Nova Prata. Memorial descritivo de reforma do Salão Paroquial, 2014. Arquivo da Prefeitura Municipal de Nova Prata.

## Hospital Comunitário São João Batista

“O Hospital São João Batista foi fundado pela Paróquia de Nova Prata em 11 de fevereiro de 1948, com o apoio das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, a convite do Padre Adolfo Luiz Fedrizzi, que aceitaram assumir as atividades mínimas de enfermagem e demais serviços” (HSJB, 2008, p.3), tendo como diretora Madre Maria Florência e diretor técnico o médico Orlando Vinciguerra.

Imagem 220 – Fundadores do Hospital São João Batista, 1948. Da esquerda para direita, em pé: Inês Ziebieluka, Tereza Zen, Apolonia Tilton e Gema Farina. Sentados: Irmã Otília, Madre Florência, Pe. Adolfo Fedrizzi, Orlando Vinciguerra e Irmã Fortunatta. Autor não identificado.



Fonte: HSJB, 2008, p.9.

Para sediar o hospital, com objetivo de melhorar os problemas de saúde e purificar o ambiente moral da comunidade pratense, foi adquirido o imóvel pertencente a José Pandolfo no ano de 1947. O valor do edifício foi custeado em partes iguais pela Paróquia São João Batista e doações de Antonio Cherubini e Lino Cherubini, (HSJB, 2008, p.8).

As más condições de funcionamento do hospital levaram o pároco Pe. Adolfo Fedrizzi, juntamente com a comunidade, a reorganizar sua estrutura administrativa. Em reunião deliberou-se que o hospital passaria aos cuidados da paróquia, que buscou os serviços da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, que passaram a tomar conta dos serviços de direção e enfermagem, para tanto “foi necessária a construção de uma nova ala, onde foram instalados serviços de cozinha, clausura para irmãs, sala de visita, rouparia, Capela e mais cinco quartos. Toda a casa sofreu uma revisão completa com novas instalações de rede hidráulica” cuja água potável foi cedida por Jacinto Ferreira (HSJB, 2008, p.8).

Para sediar o hospital, com objetivo de melhorar os problemas de saúde e purificar o ambiente moral da comunidade pratense, foi adquirido o imóvel pertencente a José Pandolfo

no ano de 1947. O valor do edifício foi custeado em partes iguais pela Paróquia São João Batista e doações de Antonio Cherubini e Lino Cherubini, (HSJB, 2008, p.8).

As más condições de funcionamento do hospital levaram o pároco Pe. Adolfo Fedrizzi, juntamente com a comunidade, a reorganizar sua estrutura administrativa. Em reunião deliberou-se que o hospital passaria aos cuidados da paróquia, que buscou os serviços da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, que passaram a tomar conta dos serviços de direção e enfermagem, para tanto “foi necessária a construção de uma nova ala, onde foram instalados serviços de cozinha, clausura para irmãs, sala de visita, rouparia, Capela e mais cinco quartos. Toda a casa sofreu uma revisão completa com novas instalações de rede hidráulica” cuja água potável foi cedida por Jacinto Ferreira (HSJB, 2008, p.8).

Imagem 221 – Edifício adquirido em 1947 para sediar Hospital São João Batista, s/d. Autor não identificado.



Fonte: HSJB, 2008, p.9.

As necessidades cotidianas do hospital, somadas às novas demandas da comunidade, tornaram a estrutura física do edifício insuficiente, fazendo-se necessária sua ampliação já nos primeiros anos de atuação. Inaugurada em 1950, a nova ala do hospital contava com três pavimentos que abrigavam bloco cirúrgico, farmácia e oito quartos, obra financiada por empréstimos e auxílio do poder público e da sociedade civil (HSJB, 2008, p.9).



Fonte: HSJB, 2008, p.11.

As necessidades de atendimento à comunidade novamente tornaram insuficiente a estrutura física do Hospital São João Batista, assim “a Paróquia em 1956 lançou-se ao grande empreendimento de construir um amplo e moderno hospital, com todas as dependências necessárias para um completo serviço de assistência do município de Nova Prata”, além dos municípios de Lagoa Vermelha, Antonio Prado e Vacaria (HSJB, 2008, p.15).

O novo edifício foi projetado pelo engenheiro civil Nagib Stella Elias, com área total de 6.591m<sup>2</sup>, que passariam a abrigar administração, laboratório, farmácia, refeitórios, salão nobre, dependências de serviço, áreas de radioterapia, fisioterapia, e radiologia, dois laboratórios, cinco enfermarias, cento e vinte e nove leitos, quatro consultórios, dois blocos cirúrgicos, maternidade, duas alas de isolamento, capela, elevador, calefação interna e ainda clausura para as Irmãs do Imaculado Coração de Maria e ala para indigentes, sendo que estes dois últimos espaços não foram executados, conforme indica a Lembrança do Lançamento e Benção da Pedra Fundamental do Hospital São João Batista (HSJB, 2008, p.15).

Em depoimento concedido à equipe do HSJB o engenheiro Nagib Elias, responsável pelo projeto arquitetônico e estrutural do novo edifício, relata: “foram muitas noites de reuniões analisando inclusive detalhes junto com o Padre Adolfo e o Dr. Asdrúbal Berquó, que também iniciava praticamente sua profissão de médico vindo a ser depois o Diretor do hospital”. Elias ressalta que este foi o primeiro grande projeto sob sua responsabilidade, exigindo esforços para complementar sua formação acadêmica, como adquirir e estudar literatura especializada em língua inglesa (HSJB, 2008, p.16).

Imagem 223 – Perspectiva do novo Hospital São João Batista, 1956. Autor: Nagib Stella Elias



Fonte: HSJB, 2008, p.16

O local para execução do projeto foi acordado entre o prefeito Reinaldo Cherubini e o Pe. Adolfo Fedrizzi, ficando o poder público responsável pelas obras de terraplanagem do terreno, já a construção, sob responsabilidade do mestre de obras Hércules Romanzini. A proporção da obra exigiu a construção de “uma olaria para confecção dos tijolos, onde também foram feitos elementos do mesmo material para a feitura de viguetas e enchimento dos espaços entre elas que serviam para executar todas as lajes entre os pisos, que apresentam boa resistência e ótimo isolamento acústico” (HSJB, 2008, p.16).

Imagem 224 – Terraplanagem para construção do novo edifício, 1956. Autor não identificado.



Fonte: HSJB, 2008, p.15

A inauguração da nova sede ocorreu em 21 de abril de 1963. A coordenação das atividades do permaneceu sob responsabilidade das Irmãs do Sagrado Coração de Jesus entre 1948 e 1979, atualmente ainda atuam em atividades pastorais junto aos pacientes e na manutenção da capela para celebração de missas semanais (HSJB, 2008, p.25).

Imagem 225 – Solenidade de inauguração do novo edifício do HSJB, 1963. Autor: Foto Perin



Fonte: Acervo Foto Perin.

A inauguração da nova sede ocorreu em 21 de abril de 1963. A coordenação das atividades do permaneceu sob responsabilidade das Irmãs do Sagrado Coração de Jesus entre 1948 e 1979, atualmente ainda atuam em atividades pastorais junto aos pacientes e na manutenção da capela para celebração de missas semanais (HSJB, 2008, p.25). No início da década de 1980, o hospital passou por uma série de reformas e melhorias para atender às exigências da Vigilância Sanitária, sob responsabilidades das arquitetas Maria Helena Endres e Euduci Lazzarotto Stringhi e do engenheiro Odair Augusto Graff. Os trabalhos de ampliação da estrutura física do hospital continuaram na década de 1990, com recursos oriundos de doações privadas, rifas e jantares promovidos junto à comunidade, somados à verbas do Ministério da Saúde, foi possível construir a Unidade de Pronto Atendimento, instalações da futura UTI, Centro obstétrico, Centro clínico e Maternidade (HSJB, 2008, p.26).

Imagem 226 – Ampliação do hospital: Pronto Atendimento, UTI e Maternidade, construídos entre 1995-1997.



Fonte: HSJB, 2008, p.26.

Hoje o Hospital São João Batista está constituído sob a forma de associação privada, comunitária, sem fins lucrativos, filantrópica, onde todo o eventual resultado é revertido exclusivamente para investimentos na sua modernização física e tecnológica, visando à melhoria da qualidade e a resolutividade no atendimento aos seus usuários.

Imagem 227 – Hospital São João Batista, s/d. Autor não identificado.



Fonte: Acervo do HSJB.

### **3.5. EDIFICAÇÃO EM ESTILO ZAKOPANE**

#### **Casa Polonesa**

Construída entre 1983 e 1989, conhecida localmente como Casa Polonesa, a edificação possui estilo montanhês do sul da Polônia, podendo ser referenciado também como Zakopiáński ou Styl Zakopane, baseada na obra do artista Stanisław Witkiewicz. Idealizada por Rui Miguel Hamerski, a partir de um cartão postal adquirido por seu irmão André Hamerski e sua cunhada Vanda Stolarski Hamerski na Polônia no ano de 1980, que hoje é sede do Museu de Vladimir Lenin na cidade Poronin na Polônia.

Imagem 228 – Museu de Vladimir Lenin em Poronin na Polônia, s/d. Autor não identificado.



Fonte: Museu de Vladimir Lenin.

Imagem 229 – Museu de Vladimir Lenin em Poronin na Polônia, s/d. Autor não identificado.



Fonte: InfoGlobe.

Imagem 230 – Museu de Vladimir Lenin em Poronin na Polônia, s/d. Autor não identificado



Fonte: InfoGlobe.

Filhos do agricultor e marceneiro Paulino Hamerski e da agricultora e dona de casa Helena Wastowski Hamerski, André e Rui nasceram no interior cidade de Guarani das Missões, auxiliando desde jovens os pais nas tarefas de casa e do campo (COSTA, 2018, p. 19-20). Segundo Costa (2018, p.19) aos 21 anos André Hamerski decidiu mudar-se para Porto Alegre com objetivo de estudar, tendo como primeira opção o curso de Medicina, escolha que abandonou devido ao adoecimento de seu pai, optando posteriormente por cursar Licenciatura Plena em Química na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Na capital passou a ter contatos com círculos polônicos como Sociedade Polônia e a Igreja Nossa Senhora de Monte Claro de Porto Alegre, somando-se a isso o diferencial de André ser um dos poucos alunos da UFRGS a saber falar o polonês, fato que o aproximou do professor polonês Stanisław Marek Dubiel, proveniente da Academia Mineiro-Siderúrgica de Cracóvia. Conforme aponta Costa:

Pouco tempo havia se passado da formatura quando recebeu uma proposta de trabalho na empresa Borrachas VIPAL Ltda, localizada na cidade de Nova Prata - RS. Em 1977, mudou-se da capital para o interior, trocando a docência pela pesquisa industrial de elastômeros<sup>21</sup>. Como pesquisador, ajudou a pequena empresa a organizar-se tecnicamente. Logo percebeu, juntamente com o proprietário, que a tecnologia era insuficiente, fazendo-se necessário um melhor conhecimento a respeito. André, com o apoio da empresa, tratou de voltar aos estudos, alternando o trabalho na indústria no interior, com os estudos na capital. Cursou pós-graduação, a nível de especialização, em Ciência e Tecnologia de Polímeros – UFRGS, tendo concluído em 1980, com estágio de três meses no Instituto de Ciência e Tecnologia da Indústria da Borracha na Polônia (Stomil), na cidade de Piastów. (COSTA, 2018, p.20)

Vanda Stolarski nasceu em Porto Alegre, filha do mecânico e marceneiro José Stolarski e Zofia Charęzinska Stolarski, naturais também de Guarani das Missões, participando desde jovem da vida cultural da comunidade polônica portalegrense, dançando no conjunto folclórico Jovem-Polônia, vinculado à Igreja Nossa Senhora de Monte Claro de Porto Alegre, participou como cantora e dançarina no Conjunto Folclórico da Sociedade Polônia de Porto Alegre, lecionando por sete anos língua polonesa na referida sociedade (COSTA, 2018, p.22).

Rui Miguel Hamerski (1939-2000) era professor primário de escolas rurais, tendo histórico de construções como “João-faz-tudo”, privilegiando o uso da madeira como material construtivo. “A motivação que o teria levado a propor a construção da casa no estilo montanhês não é certa. Segundo sr. André, o irmão era mais da ação do que das palavras, mas

lembra dele dizendo que, para ser típico polonês, a madeira tinha que prevalecer na construção (COSTA, 2018, p.68).

Em depoimento concedido a Cláudio da Costa em 14 de março de 2017, André Hamerski conta:

Meu irmão, Rui, tinha duas licenças-prêmio vencidas, como professor do ensino primário rural. E numa dessas eu convidei, digo, venha com toda tua família para morar um ano aqui e tu vai me cuidar a casa... vem, traz teus filhos, matriculamos eles e vocês ficam um ano vivendo aqui em Nova Prata e tu fica me cuidando a construção da casa. Casa que era para ser de alvenaria comum... igual às outras... Mas como cuidar a construção da casa? ele pergunta. Daí eu disse: cuidar quando vem, por exemplo, um fornecimento de cimento...

[...]

Cuidar dos materiais que vêm, se a descarga do material é aquela que consta na nota fiscal. Aí ele disse: Não, cuidar de ladrão eu não vou, chama a polícia! (Risos).

[...]

Aí eu-bom... perdi a esperança... Mas logo depois ele disse: Eu te construo a casa! Sim, mas tu não é construtor, como tu vai construir a casa... Te construo uma casa, mas de madeira! Não se concebia mais naquela época dos anos, 1982-83, uma casa de madeira. Ai ele disse assim: Não, não é uma casa de madeira comum, uma casa de madeira especial... Tu tem um cartão postal, que tu trouxe-se da Polônia. Eu recém tinha voltado da Polônia...

[...]

Tem uma casa em um dos cartões postais, eu vou te fazer uma casa daquelas. E eu nem me lembrava do cartão. Aí fomos atrás disso, achamos o cartão, e ele diz assim: Tá aí, ó! Essa casa. Mas eu me assustei... cheguei 'tremer'. E o Rui diz assim: Não, mas não te preocupa, isso é fácil. Eu consigo essas madeiras, madeira boa (risos). Tu consegue aonde? Lá na Grande Santa Rosa... lá tem muito agricultor que está louco para vender... seu ipê... que tá lá, solitário... esperando para ser tombado, para servir. Naquela época o IBAMA71 não controlava muito ainda (risos). Aí, começou assim... começou assim... (HAMERSKI, 2017, p.01 apud COSTA, 2018, p.67)

Além da construção da Casa Polonesa, o casal foi responsável pela fundação do Grupo Folclórico Kalina em 1989, através de uma atividade pedagógica desenvolvida para crianças de descendência polonesa na Escola Municipal Melida Lange Fidler, Comunidade de Santo Isidoro, interior do município de Nova Prata, assim como da fundação do Núcleo da BRASPOL do município de Nova Prata em 1990, oportunizando que jovens de outras localidades da cidade pudessem participar das atividades culturais promovidas pelo grupo.

Hoje o acervo da Casa Polonesa é composto por uma variedade de livros, periódicos, documentos impressos e manuscritos, fotos, audiovisuais, mobiliário, entre outros, integrando a coleção pessoal do casal Hamerski. “Mais do que colecionadores, André e Vanda são defensores do patrimônio, creditando ao mosaico cultural brasileiro a contribuição da cultura de origem polonesa”. (COSTA, 2018, p.16-17). Conforme Costa, a edificação somada a seus

acervos, “projeta uma certa materialização da memória, carregada por uma parcela do grupo polônico (COSTA, 2018, p.75) do município de Nova Prata e da identidade local.

Imagem 231 – Casa Polonesa, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Imagem 232 – Casa Polonesa, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Imagem 233 – Casa Polonesa, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

### 3.6. ESPAÇOS

Nova Prata possui inúmeros espaços que materializam a identidade de seus moradores, seja pelos elementos que os constituem, seja pela apropriação que as diversas gerações promovem sobre eles, ou pelas constantes ressignificações que passam ao longo dos anos.

O IPHAN considera como espaços passíveis de registro enquanto patrimônio cultural brasileiro os lugares “que possuem sentido cultural diferenciado para a população local, onde são realizadas práticas e atividades de naturezas variadas, tanto cotidianas quanto excepcionais, tanto vernáculas quanto oficiais”. No *Livro de Registro dos Lugares* desta instituição podem ser inscritos espaços como mercados, feiras, santuários, cemitérios e praças. Em outras palavras, esses espaços concentram e/ou reproduzem práticas culturais coletivas, podendo “ser conceituados como lugares focais da vida social de uma localidade, cujos atributos são reconhecidos e tematizados em representações simbólicas e narrativas, participando da construção dos sentidos de pertencimento, memória e identidade dos grupos sociais”.<sup>54</sup>

Já Michel de Certeau (1998) destaca que existe uma distinção entre “lugar” e “espaço”. Tendo a cidade como escopo de sua análise, materializada por ruas, praças ou jardins, tomada no sentido de sua edificação, pode ser interpretada como um lugar, sem significados relevantes para os sujeitos, que não estabelecem com ele qualquer vínculo relacional. O espaço se constitui a partir da apropriação do indivíduo sobre a cidade, ou seja, o habitar. A partir disso, ela passa a ser significada e pode ser compreendida como espaço. Logo, o espaço é aquele lugar ocupado, apropriado e transformado pelos sujeitos que por ele transitam e o (res)significam a partir de suas vivências particulares e sociais, ou seja, através de sua cultura.

O espaço constitui-se com parte do patrimônio cultural pois nunca é dado naturalmente, é sempre construído. A transformação de lugar em espaço, é produto da ação dos sujeitos, como um ato compartilhado, portanto, resultando em disputas, interações, barganhas, conquistas e derrotas.

Desta forma, serão apresentados a seguir alguns espaços do município de Nova Prata que são considerados patrimônios coletivos pela comunidade local.

---

<sup>54</sup> IPHAN. **Livros de Registro**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/122>>. Acesso em: 28 out. 2020.

## **Praça da Bandeira**

Segundo Braga e Souza Filho (2017) as praças, carregam memórias e acontecimentos passados e vividos que, pela própria natureza do seu espaço, respondem à socialização dos integrantes de uma comunidade. Representam, também, quando associadas ao conjunto arquitetônico das edificações ao seu redor, um ponto de evocação das múltiplas dimensões da cultura “tomadas enquanto imagens vivas do passado: acontecimentos e coisas que merecem ser preservadas porque são coletivamente significantes em sua diversidade” (BRAGA; SOUZA FILHO, 2017).

Segundo Galeazzi (1998, p.54), a Praça da Bandeira, que é o principal espaço público do centro de Nova Prata, teve sua implantação iniciada em 1940, durante o mandato do prefeito Adolfo Schneider, quando houve a primeira desapropriação de terras visando a fundação de uma praça para a cidade. Então pertencentes a Agostinho Tarasconi e Antônio Boito, foram pagos, no prazo de vinte anos, o valor de Cr\$ 2.150.000. Em 21 de setembro daquele mesmo ano, durante as comemorações do dia da árvore, o icônico ipê amarelo fora plantado, tornando-se com o passar dos anos, um importante símbolo das comemorações natalinas da população Pratense.

Posteriormente, sob o mandato de Guerino Somavilla, foram comprados o prédio e o terreno da esquina, então sob propriedade dos irmãos Dall'Onder, no local onde hoje se encontram os banheiros públicos (XERRI, 2004, p.92).

Imagem 234 – Primeira Fase da Praça com edificações na testada do lote em frente à Avenida Fernando Luzzatto, s/d. Autor não identificado.



Fonte: Museu Municipal Domingos Battistel.

Imagem 235 – Desfile Cívico junto à Praça da Bandeira, década de 1940. Autor não identificado.



Fonte: Acervo Foto Perin

Foi na década de 1960 que a praça ganhou forma e estruturação, com a consumação do aterro, o assentamento de cordões e calçadas e, pelas mãos de Itecílio Sostizzo, o adorno artístico das calçadas. Sobre Itecílio, consta mencionar um incidente trágico que lhe acontecera no ano de 1961 e que acarretaria em seu falecimento e na decorrente situação de desamparo da sua família. Como consta em Farina (1986, p.205), naquele ano, enquanto extraía pedras em uma localidade próxima ao Rio da Prata, Itecílio viria a acidentarse fatalmente e, por conta de atrasos no recolhimento do INPS por parte da prefeitura, sua esposa e seus três filhos pequenos, viriam a cair no abandono e na mendicância.

Prosseguindo com o melhoramento e a ampliação da estrutura da praça, ainda segundo Farina:

A administração Somavilla fez ainda a instalação elétrica subterrânea, a instalação de lâmpadas fluorescentes comuns, construção do chafariz, posteriormente demolido, construção de sanitários (concluídos na administração Pandolfo), a arborização, assentamento de leivas e colocação de 23 bancos de concreto patrocinados por empresas da cidade, instalação de balanços e gangorras, equipamentos posteriormente melhorados nas sucessivas administrações Schmitt e Pletsch. (FARINA, 1986, p.205)

E, segundo Xerri, ainda durante a década de 1960, sob a administração de Guerino Somavilla:

Foi liquidada a conta com os irmãos Dall'Onder, proveniente de desapropriação de terreno na Praça da Bandeira. A praça recebeu construção subterrânea de iluminação, instalação de luminárias, construção do chafariz, da calçada ao redor da mesma, perfazendo 867 metros quadrados, além da construção de parte do calçamento interno, da pérgola em concreto armado e instalação de lâmpadas

fluorescentes, assim como a colocação de 12 bancos e arborização parcial. (XERRI, 2004, p.95)

Imagem 236 – Segunda Fase de Construção da Praça da Bandeira, década de 1960. Autor não identificado.



Fonte: Acervo Foto Perin.

Imagem 237 – Praça da Bandeira, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Fonte: Acervo da SMTCEL.

Imagem 238 – Painéis com esculturas em basalto junto à Praça da Bandeira, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Fonte: Acervo da SMTCEL.

## **Viveiro Florestal Rubens Longhi e Gruta Nossa Senhora de Lourdes**

Segundo o Relatório do Roteiro religioso (2015)<sup>55</sup>, emitido pela Prefeitura Municipal de Nova Prata, a ocupação do espaço urbano onde situam-se a Gruta Nossa Senhora de Lourdes e o Viveiro Municipal, tem sua história associada ao prolongamento da cidade ocorrido na década de 1930, quando Mário Coradin implementou um loteamento a partir de terras próprias. A área passou a ser denominada “Vila Coradin”, auxiliando na consolidação da recém-emancipada cidade de Prata, que necessitava ter maior número de casas no perímetro urbano.

Também relacionada a Mario Coradin, está a edificação da Gruta Nossa Senhora de Lourdes. Segundo o relatório supracitado, que se baseou em fontes orais, Mario Coradin foi acometido por uma enfermidade nos rins e devido a isso necessitou fazer uma cirurgia. Por ser devoto de Nossa Senhora de Lourdes, fez uma promessa comprometendo-se a doar um terreno à Paróquia para a construção de uma gruta em homenagem à Nossa Senhora, em caso de êxito no seu procedimento de saúde.

A historiado Eliana Xerri (2004, p.183), que teve acesso ao Livro-Tombo 1 da Paróquia São João Baptista de Nova Prata, aponta que:

O terreno foi recebido pelo padre Guilherme José Maschio, através de uma procuração em 26 de março de 1934, que o tornava procurador em nome da Mitra para representá-la em ações civis. A área de 3.200 metros quadrados foi doada por Mário Coradin e sua esposa Ângela Coradin.

Em 22 de abril de 1934, recebeu o padre Guilherme Maschio provisão para benzer a gruta e facultade para celebrar na dita gruta. [...]. Foi nomeado fabriqueiro da gruta, por provisão da Cúria Metropolitana, Mário Coradin.

No dia 4 de maio de 1934, realizaram-se, precedida de um tríduo solene, a inauguração e bênção da gruta e da estátua de Nossa Senhora de Lourdes.

A partir de sua edificação, a Gruta passou a ser ponto de convergência para os católicos de Nova Prata, como por exemplo, na Festa de Santa Lúcia, São José e Nossa Senhora de Lourdes de 1938, que contou procissão até o local. No ano de 1941 a Gruta foi palco principal da Festa em Honra à Nossa Senhora de Lourdes, que arrecadou fundos para construção da nova Igreja Matriz. Repetiram-se as festividades nos anos de 1945, 1946. “Os breves relatos denotam a importância do local para encontros de fé e de oração, em plena área urbana” (XERRI, 2004, p.184).

---

<sup>55</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA PRATA. Relatório do Roteiro religioso. Caxias do Sul, 2015.

Segundo Xerri (2004, p. 184) “No ano de 1966, a imagem de Nossa Senhora de Lourdes foi retirada e transferida para a Matriz, pois a gruta foi destelhada e arruinada. Por muitos anos a gruta ficou desativada, até que, na década de 80, foi novamente reestruturada [...]”.

Imagem 239 – Gruta Nossa Senhora de Lourdes, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Imagem 240 – Interior da Gruta Nossa Senhora de Lourdes, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Já o Viveiro Florestal, segundo Farina (1986, p.233) foi criado em 1977 na administração de João Carlos Schmidt (1977-1983), com atuação destacada do professor Remi J. Rigo e do engenheiro Rubens Alberto Longhi. Localizado bem no topo do terreno, inserido numa área de 2,6 hectares, tornou-se referência nacional na produção de mudas de árvores nativas para o florestamento e reflorestamento. Na segunda gestão de Schmitt (1989-1992) foram construídas duas Câmaras de Nebulização (XERRI, 2004, p.122).

Imagem 241 – Viveiro Florestal Rubens Longhi, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL

Imagem 242 – Viveiro Florestal Rubens Longhi, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL

### **Basalto: economia, patrimônio e identidade**

Este item não recebe nome de um edifício, tampouco de um espaço específico, mas sim uma titulação que remete às variadas faces que uso da rocha basáltica assume junto à comunidade pratense. Nele serão apresentadas temáticas como: o ofício do pedreiro, as pedreiras históricas, os calçamentos históricos, as Festas Nacionais do Basalto e os Pórticos Norte e Sul. A escolha por organizar o texto desta maneira deu-se pelo entendimento do elemento “basalto” como representativo da identidade local de forma homogênea, compreendendo-o enquanto constitutivo de diversos espaços.

O município de Nova Prata é conhecido como Capital Nacional do Basalto, título que lhe foi conferido devido a intensa atividade de extração e beneficiamento dessa rocha. Para muitos dos cidadãos pratenses, esta atividade econômica se constitui como principal fonte de renda, passando, no decorrer dos anos, a ser símbolo da cidade e da identidade cultural de seus moradores. A utilização do basalto é perceptível em diversos pontos da cidade, destacando-se os Pórticos de Acesso Norte-Sul, em painéis na Praça da Bandeira, nos calçadões e ruas pavimentadas, em edifícios públicos e privados na forma de ornamentação ou elemento construtivo (XERRI, 2004, p.13).

Segundo Xerri (2004, p.149) a extração do basalto está intimamente relacionada à comunidade do Gramado, Linha Pinheiro Machado, onde as famílias de Rafael Pagnoncelli, Luiz Moretto, Raimundo e Reinaldo Sbroglio, Délio e Fortunato Grizza, Otavio Giacomelli e José Colla, deram início ao trabalho com a rocha. A partir de entrevistas com membros da comunidade, a historiadora Eliana Xerri (2004) aponta que a extração do basalto iniciou na década de 1930, tomando impulso na década de 1940, quando mais famílias do Gramado adotaram a atividade econômica, passando a agricultura a subsidiar somente o abastecimento familiar. A autora registrou também o cotidiano do ofício do pedreiro, trabalho árduo, que exige técnica e força, destacando:

As primeiras pedreiras foram abertas com o uso de picão, carreta, trole e depois com caminhãozinho. Para abrir a pedreira usavam pólvora de mina, faziam buraco de até 80cm e colocavam a pólvora dentro. O serviço era feito manualmente.

No início não havia muitos compradores de pedra basáltica. Como não havia muitas vendas, levavam as pedras, de carroça, até a frente de casa para motivar os passantes a comprarem.

[...]

Entre os compradores de pedras estavam os moradores de Nova Bassano e, para transportar, até aquela localidade, usavam carretas de tamanho 3mX4m, puxadas por cinco e até nove mulas. As pedras eram usadas na confecção de calçadas, sendo que as mais finas eram desprezadas.

[...]

Inicialmente, os trabalhos na pedreira eram secundários, ocorriam depois do trabalho na roça e nos dias que não era propício trabalhar na lavoura. (XERRI, 2004, p.149-50)

Délio Grizza, em entrevista concedida à Eliana Xerri em 25 de setembro de 1999, afirma que no Gramado “não tem terra, tem pedra”, fala simbólica que demarca a importância da extração do basalto para o sustento das famílias da comunidade e na formação de sua identidade cultural. O entrevistado, que descobriu o potencial de extração em sua propriedade preparando a terra para o cultivo através do uso do arado, ressalta a importância dos imigrantes espanhóis no beneficiamento do basalto, tendo ele próprio, aprendido a cortar pedras para construção de muros com Avelino Troitinho e Ramiro Picon, ambos construtores experientes no trabalho com basalto, função que já exerciam na Espanha (XERRI, 2004, p.150).

Geraldo Farina, em pesquisa realizada para o Projeto de Roteirização Turística de Nova Prata entre 2019 e 2020<sup>56</sup>, também coletou depoimentos dos moradores da comunidade

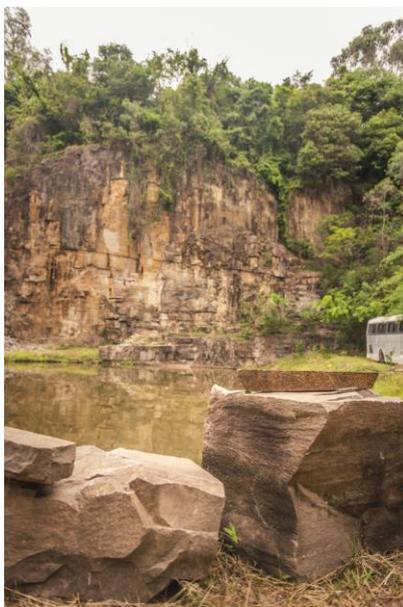
---

<sup>56</sup> RELATÓRIO DE ATIVIDADES DA ROTEIRIZAÇÃO TURÍSTICA DE NOVA PRATA. Consulta Popular. Nova Prata, 2020.

do Gramado relativos à extração do basalto e ao ofício do pedreiro. Segundo o pesquisador os irmãos Reinaldo e Raimundo Sbroglio eram funcionários do Departamento Autônomo de Estradas e Rodagem (DAER), exercendo função relacionada à manutenção da estrada Pinheiro Machado, que interligava Nova Prata ao então Distrito de Nova Bassano. Conhecidos como *stradini*<sup>57</sup>, sua função era fechar buracos, retirar entulhos, abrir valetas, retirar as pedras deixadas pelas motoniveladoras, em outras palavras, uma espécie de zeladores da estrada.

Na rotina de trabalho junto à estrada, os irmãos Sbroglio perceberam a qualidade da rocha basáltica, passando a empregá-la, primeiramente nas próprias residências e seus arredores, e secundariamente a extrair e beneficiar as lajes para comércio, dando início ao trabalho como pedreiros por volta de 1946. Em 1950 os irmãos Sbroglio venderam parte de sua propriedade para Ermindo Cherubini, que permaneceu com o empreendimento até 1955, quando este trocou de proprietário novamente, sendo adquirido através da sociedade estabelecida entre Nelson Ghidini, Balduino Briani e Sereno Briani. Atualmente, é conhecida como pedreira De Conto, pois foi adquirida por Adriano De Conto e Agenor De Conto, em 1966, estando em plena atividade.

Imagem 243 – Pedreira De Conto, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

---

<sup>57</sup> *Stradini*, palavra em Talian que deriva de *strada*, referindo-se aos trabalhadores das estradas.

Imagem 244 – Pedreira De Conto, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Imagem 245 – Pedreira De Conto, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

O início da extração e do beneficiamento do basalto possibilitou também a pavimentação das primeiras ruas do município de Nova Prata que, a partir da promulgação de seu primeiro Plano Diretor e da criação da Diretoria de Obras e Viação em 1948, durante a gestão do prefeito Carlos Tarasconi (1947-1951), viabilizaram seu processo de modernização urbana (XERRI, 2004, p.82). Conforme destaca Farina (1986, p.193) as obras foram iniciadas em 1951, sendo as ruas que formam o quadrante da Praça da Bandeira as primeiras que receberam calçamento com paralelepípedos de basalto, ou seja, as ruas Fernando Luzzatto, Presidente Vargas e Henrique Lenzi. Para a execução desta obra foram necessários oitenta mil paralelepípedos (XERRI, 204, p.83). A administração de Reinaldo Cherubini (1956-1959), que teve como diretor de Obras e Viação o engenheiro Nagib Stella Elias, deu sequência aos trabalhos de pavimentação, contabilizando em seu primeiro ano de mandato um total de 3.407,62 m<sup>2</sup> calçados. Em 1957, foram pavimentados 2.138,60m<sup>2</sup>. Somados aos calçamentos,

ambas as administrações se valeram do basalto para colocação dos meios-fios e para os passeios públicos.

Conforme aponta Xerri (2004, p.97), durante a gestão de Ulisses Pandolfo (1964-1969), “o calçamento das ruas foi uma preocupação constante, visando dotar a cidade de melhor aspecto físico e de condições para realizar eventos”. Foi elaborado um plano de calçamento, que previu a pavimentação de 39.500m<sup>2</sup>, privilegiando as ruas do centro da cidade, que no final da obra totalizou 40.310,50m<sup>2</sup>, além de 5.575m de meios-fios. Sucedido pela gestão Guerino Somavilla (1969-1973), que promoveu a pavimentação de 55.000m<sup>2</sup>. Já na administração de Nagib Stella Elias (1973-1977), entre calçamentos feitos e refeitos, as áreas movimentadas somam 70.849m<sup>2</sup>. Com números ainda mais significativos, a gestão de João Carlos Schmitt (1989-1992) atingiu área pavimentada 107.503,30m<sup>2</sup> na sede do município, somados ainda a 16.300m<sup>2</sup> distribuídos nos distritos de Protásio Alves, Guabijú e São Jorge. A administração de Vitor Pletsch (1983-1988) é apontada como promotora da pavimentação do loteamento São Pelegrino, porém a área total abrangida não é informada. Sobre as demais gestões, a bibliografia consultada cita somente os trabalhos de pavimentação, sem mencionar a metragem construída e ou a localidade beneficiada. Cabe ressaltar também, que a partir da década de 1990 a prefeitura passou a asfaltar diversas ruas e estradas da cidade, fator que impacta diretamente na extração e beneficiamento da rocha basáltica.

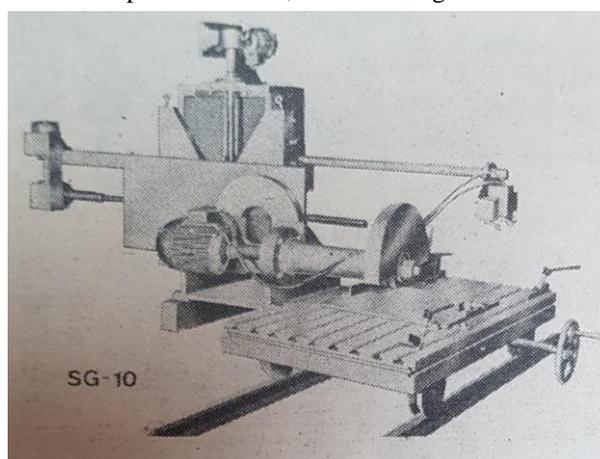
O incentivo do poder público para economia do basalto ficou perceptível também através da organização e promoção da Festa Nacional do Basalto, que contou com cinco edições realizadas entre 1971 e 2003. “Tendo como objetivo elevar o nome de Nova Prata através da difusão de suas riquezas”, ocorreu de 11 a 21 de setembro de 1971 a primeira edição do evento, que além do viés econômico e cultural, apresentou caráter científico. A 2ª Festa Nacional do Basalto foi realizada em 1976, apresentando também produtos da indústria e comércio. Em setembro de 1980, ocorreu a 3ª Festa Nacional do Basalto, que contou com apoio Secretaria de Turismo do Estado. Nesta edição realizaram-se diversas programações como missa, baile, desfile estudantil e cívico, palestras, torneios esportivos, cursos, festival de corais, exposição industrial e comercial locais (XERRI, 2004, p.16).

Após vinte anos sem realizar o evento, durante a gestão de Mário Minozzo, a festividade foi retomada, sendo realizada a 4ª Festa Nacional do Basalto entre 1º e 10 de setembro de 2000. Em setembro 2003 ocorreu a 5ª Festa Nacional do Basalto, desenvolvida

no centro da cidade, que contou com a participação da indústria, comércio e artesanato locais e regionais, conforme transcrito na edição anterior (XERRI, 2004, p.16).

Aos poucos, o trabalho com basalto foi sendo dinamizado e aperfeiçoado, principalmente a partir da inserção de novas tecnologias. No próprio município destacou-se a empresa Fundiferro, que no ano de 1968 passou a produzir e comercializar lixadeiras, polidoras e serras, acompanhando a expansão da extração do produto no município (*Folha da Serra*, 23 set. 1986, p. 9).<sup>58</sup>

Imagem 246 – Máquina SG-10, desenvolvida e produzida pela empresa Fundiferro, especializada no polimento de pedra basáltica, mármore e granitos.



Fonte: *Folha da Serra*, 23 set. 1986, p. 9.

Com o aperfeiçoamento da tecnologia, alguns métodos de trabalho nas pedreiras foram facilitados, principalmente nos processos de abertura e transporte dos produtos e entulhos. Segundo Xerri (2004, p.14) a extração do basalto sofreu poucas alterações desde seu início, tendo como principal mudança a técnica de abertura da pedreira, tendo como primeiro recurso o uso de picões, hoje utiliza-se material explosivo. Atualmente:

A extração ocorre em bancas a céu aberto, utilizando a força humana após a detonação da bancada; essa detonação libera as lajes após obter um pré-fissuramento da rocha, facilitando o trabalho manual.

As frentes de lavra são preparadas através da decapagem, com trator de esteiras para a remoção da terra sobre as bancadas, possibilitando a detonação.

A furação da pedreira varia conforme a necessidade periódica e o seu tamanho, sendo executada por firmas da região. O desmonte é executado através da aplicação de um plano de fogo geral adequado à detonação das bancadas, aproveitando as características da rocha e visando causar a desestruturação do pacote pela liberação das estruturas horizontais que resultarão em lajes.

Após a detonação, a lavra está pronta para ser desmanchada e trabalhada com martelos, quadro metálicos, talhadeiras, e cunhas metálicas que são utilizadas para cortar as lajes no tamanho desejado.

<sup>58</sup> Fundiferro resgata a tradição industrial. **Folha da Serra**, Nova Prata, 23 set. 1986, p. 9.

As lajes, após retiradas, são estocadas, empilhadas e aguardam o momento de ser transportadas por caminhões para atender ao mercado consumidor local, regional e nacional. (XERRI, 2004, p.14-15)

O processo de retirada dos entulhos produzidos também mudou, sendo inicialmente executado com carrinhos de mão, passando ao emprego de vagonetes conhecidos como *trolles*, até os dias atuais onde a Prefeitura faz o recolhimento com caminhões, utilizando-os para produzir cascalho ou pó. O basalto extraído tem aproveitamento quase total, sendo comercializados seus rejeitos para produção de brita e preenchimentos em obras na construção civil, além disso, as lajes irregulares e retalhos podem ser vendidos por menor valor para emprego em calçadas (XERRI, 2004, p.14).

Conforme já salientado, o emprego do basalto como elemento estético e construtivo é pode ser percebido em diversos pontos do centro de Nova Prata, dentre eles destacam-se os Pórticos Sul e Norte, projetados na forma de monumento que demarcam os acessos principais ao centro do município, ambos localizados às margens da BR-470.

Os cinco painéis que compõem Pórtico Sul possuem oito metros de altura, perfazendo um total de 120m<sup>3</sup> de concreto armado, sendo projetados gratuitamente pelos arquitetos Abraham Ribeiro, Lisiane Tarasconi, Carlos Alberto Casanova e Lúcio Froener. As esculturas em basalto foram idealizadas por Aido Dalmás e produzidas por Antoninho Sbroglio, representando motivos alusivos ao trabalho dos colonos que se dedicam à extração e ao beneficiamento da rocha basáltica (*Jornal Popular*, 18 mar. 1999, p.3)<sup>59</sup>. O painel central diferencia-se por ser ladeado por duas cascatas, adquiridas da empresa Acquarela Tecnologia Hidromecânica Ltda. O espaço de acesso ao município conta ainda com a representação de um moinho hidráulico, também esculpido em basalto (*Jornal Popular*, 29 jun. 2000, p.3).<sup>60</sup>

As obras foram iniciadas em 1998, na primeira gestão do prefeito Mário Minozzo (1997-2000), estando sob responsabilidade da empresa Daltes Construtora Ltda. Seu custo total foi de R\$ 69.798,00, destinando-se R\$ 47.898,00 para a construção dos painéis de concreto, R\$ 11.000,00 para o trabalho artístico, R\$ 7.900,00 para as cascatas e R\$ 3.000,00 para o ajardinamento (*Jornal Popular*, Nova Prata, 06 de jul. 2000, p.9).<sup>61</sup>

---

<sup>59</sup> Painéis no trevo sul vão tomando forma, **Jornal Popular**, Nova Prata, 18 mar. 1999, p.3.

<sup>60</sup> Painéis serão inaugurados no dia 30, **Jornal Popular**, Nova Prata, 29 jun. 2000, p.3.

<sup>61</sup> Painéis no trevo sul já orgulham, **Jornal Popular**, Nova Prata, 06 de jul. 2000, p.9.

Figura 247 – Fase de finalização da obra do Pórtico Sul, Nova Prata, 2000. Autor: Caco Zancan.



Fonte: *Jornal Popular*, 20 fev. 2000.

O monumento de acesso sul foi inaugurado em 30 de junho de 2000, passando a destacar a titulação de Capital Nacional do Basalto. A solenidade de inauguração contou com a presença e o pronunciamento das principais autoridades locais, bênção dos padres Ivo Bottega e José Mussoi e foi finalizada com o espetáculo da Banda da Escola Municipal Josué Bardin. A culminância do evento deu-se no acionamento das bombas de água das cascatas e dos dispositivos de iluminação noturna, que valorizam e destacam o monumento.<sup>62</sup>

Imagem 248 – Pórtico Sul, Nova Prata, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

Posteriormente, na segunda gestão do prefeito Mário Minozzo (2001-2004), foi construído o monumento que demarca o acesso norte da cidade, consistindo em dois painéis de concreto armado, idealizados e projetados pelo Departamento Técnico da Secretaria

---

<sup>62</sup> Idem.

Municipal de Obras de Nova Prata. As esculturas do Pórtico Norte foram igualmente produzidas em basalto pelo artesão Antoninho Sbroglia e

Retratam as águas, atração turística do município, o replantio da araucária e espécies nativas, a evolução do trabalho com o basalto em Nova Prata, Capital Nacional do Basalto.

São dois painéis: um representando a Cascata da Usina e águas termais e o segundo araucária, basalto e o desenvolvimento sustentável. (*Jornal Popular*, 23 dez. 2004, p.11)<sup>63</sup>

Conforme consta em sua placa inaugural, o monumento foi entregue à comunidade em 20 dezembro de 2004, tendo como recurso principal uma emenda parlamentar do deputado federal Beto Albuquerque, no valor de R\$ 30.000, 00 (*Jornal Popular*, Nova Prata, 23 dez. 2004, p.11).

Imagem 249 – Pórtico Norte, Nova Prata, 2020. Autor: Ana Cris Paulus.



Fonte: Acervo da SMTCEL.

---

<sup>63</sup> Inaugurada a Praça dos Bombeiros e o Pórtico Norte, **Jornal Popular**, Nova Prata, 23 dez. 2004, p.11.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa analisou a história de Nova Prata através de seu patrimônio edificado, evidenciando seus diversos processos históricos e culturais. Ao concluir esta etapa do trabalho algumas considerações devem ser tomadas em conta:

- O projeto traz uma relevância que deve ser considerada na construção de Políticas Públicas aplicadas à área da cultura, com destaque à Inventariação do Patrimônio Edificado realizada junto à comunidade, cuja fundamentação técnica embasa a relevância da preservação ou não dos bens constantes na Lista de Inventariado, assim como o gradativo avanço da compreensão e sensibilização da importância dos mesmos para o município.
- A pesquisa contribui para as análises e deliberações do Conselho de Patrimônio Histórico, que poderá usufruir de informações completas e de qualidade para a tomada de decisões, bem como para dar sequência ao trabalho, uma vez que o inventário é um documento dinâmico e em constante atualização.
- O documento oferece embasamento para proposição da atualização do Plano Municipal de Cultura e revisão de suas ações visando a inclusão da educação patrimonial, valendo-se de projetos já consolidados como o Projeto de Educação patrimonial, ambiental e turística nas escolas, enquanto prioridade para a comunidade.
- A compreensão que as práticas do turismo cultural sejam efetivamente incorporadas e com o olhar da sustentabilidade cultural, em consonância com os dezessete Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), estabelecidos pela ONU.
- Afirma-se a prerrogativa de continuidade de projetos para captação de recursos voltados ao registro dos processos culturais, como salvaguarda das memórias vivas, através de metodologia etnográfica.
- A necessidade da realização de estudos etnobotânicos sobre plantas cultivadas nos pátios das casas e no paisagismo de época, bem como a arborização das ruas que distinguem as cidades das demais na Região
- A implementação do Inventário do patrimônio imaterial para que as práticas, para além da cultura tangível, sejam evidenciadas pela comunidade, através de suas representações sociais, eventos, saberes e fazeres, compreendidos como valores constitutivos da identidade cultural.

Também, considera-se a gratidão pela oportunidade que projetos desta natureza oportunizam, como o trabalho multidisciplinar, a geração de emprego e renda para equipes jovens que ainda não acessaram o mercado formal, o desenvolvimento de habilidades voltadas às ações em equipes, que ampliam a visão de mundo e de outras possibilidades de atuação.

Que ambas as descrições, quais sejam dos aspectos arquitetônicos e históricos, sejam democraticamente disponibilizados e acessados a quem interessar. Que sua difusão instigue instigados futuras contribuições e, deixa-se claro que, novas pesquisas devem complementar o presente relatório, uma vez que a equipe permanece no território, critério utilizado aos que a integraram: disponibilizar-se para receber contribuições ao longo do tempo e atualizar na dinâmica que novos elementos confirmativos a esta equipe sejam dirigidos

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ART DÉCO. In: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo352/art-deco>>. Acesso em: 21 de out. 2020.

BARROS, José D'Assunção. **Teoria e Metodologia da História: antigas e novas interdisciplinaridades**. Palestra realizada na Universidade Nacional de Brasília (UNB), em 18 de novembro de 2013, para o I Simpósio de Metodologia da História e para o IX Encontro Regional Centro-Oeste da Associação Brasileira de História Oral: a polissemia das cidades.<[file:///C:/Users/Dell/Downloads/Teoria\\_e\\_Metodologia\\_da\\_Histria\\_-\\_antigas\\_e\\_novas\\_interdisciplinaridades.\\_Bras.pdf](file:///C:/Users/Dell/Downloads/Teoria_e_Metodologia_da_Histria_-_antigas_e_novas_interdisciplinaridades._Bras.pdf)>. Acesso em: 08 nov. 2020.

BATTISTEL, Arlindo. **Retratos da colônia**. 2 ed. Caxias do Sul: A. I. Battistel, 2013. 2 t.

BATTISTEL, Luciano. **MMDB: Museu Municipal de Nova Prata passado e futuro**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/182505>>. Acesso em: 26 ago. 2020.

BEGOSSI, Tuany. **As aulas de Educação Física no Colégio Nossa Senhora Aparecida de Nova Prata/RS (1937-1949)**. 2013. 105f. Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/87768>>. Acesso em: 23 set. 2020.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício do Historiador**. Trad André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

BRAGA, M.; DE SOUZA FILHO, A. A Praça como Patrimônio Histórico – Cultural: um estudo sobre a Tancredo Neves em Vitória da Conquista – BA. **XII Colóquio Nacional e V Colóquio Internacional do Museu Pedagógico**, 2017. Disponível em: <<http://anais.uesb.br/index.php/cmp/article/viewFile/7034/6838>>. Acesso em: 26 ago. 2020.

CABRAL, Lisiê; OLIVEIRA, Ana Lúcia. Descaracterização de duas Escolas com Projeto Padrão no Estado do Rio Grande do Sul. **XX Encontro de Pós-Graduação**, UFPEL, 2018. Disponível em: <[http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/6144/1/DESCARACTERIZACAO\\_DE\\_DUAS\\_ESCOLAS\\_COM\\_PROJETO\\_PADRAO.pdf](http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/6144/1/DESCARACTERIZACAO_DE_DUAS_ESCOLAS_COM_PROJETO_PADRAO.pdf)>. Acesso em: 09 set. 2020.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de Fazer**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

COSTA, Cláudio da. **Uma representação polônica pela materialidade**. 2018. 135f. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/handle/11338/3551>>. Acesso em: 18 nov. 2020.

DIEFENBACH, Samantha. **Affonso Hebert: ecletismo republicano no Rio Grande do Sul**, 177f. Dissertação de mestrado apresentada ao PROPAR-UFRGS. Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/14974>>. Acesso em: 17 out. 2020.

FARINA, Geraldo. **História de Nova Prata – RS**. Caxias do Sul: EDUCS, 1986.

- GALEAZZI, Zaira. **100 anos da cidade de Nova Prata**. Nova Prata: Toazza Artes Gráficas, 1998.
- GHIGGI, Nagibe Elias. **Peregrinação ao passado**: breve histórico do imigrante Antonio Mansur Elias e sua família. Nova Prata, 2015.
- GUTIERREZ, Ester. **Arquitetura e Assentamentos ítalo-gaúchos 1875-1914**. Passo Fundo: UPF, 2000.
- GYMPEL, Jan. **História da Arquitetura**: da Antiguidade aos nossos dias. Trad. Virginia Blanc de Sousa. Colônia: Könemann, 2000.
- HERÉDIA, Vania B. M.; PAVIANI, Neires M. S. **Língua, Cultura e Valores**: um estudo da presença do humanismo latino na produção científica sobre a imigração italiana no Sul do Brasil. 1 ed. v.1. Porto Alegre: EST, 2003.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.
- HOSPITAL SÃO JOÃO BATISTA. **Uma história, muitas vidas**. Nova Prata, 2008.
- KARNAL, Oscar da Costa. **Indicador Comercial, Industrial e Profissional do Município de Prata**. Porto Alegre: Thurmann, 1939.
- LEVY, Maria Bárbara; MEDEIROS, Paulo de Tarso. **Banco do Brasil**. CPDOC/FGV. Disponível em: <<http://www.fgv.br/CPDOC/ACERVO/dicionarios/verbete-tematico/banco-do-brasil-1>>. Acesso em: 19 out. 2020.
- LORENSET, Janine. **Levantamento cadastral de bem arquitetônico em Nova Prata**: Casa da Cultura Padre Adolfo Luiz Fedrizzi. Pesquisa desenvolvida na disciplina de Estágio em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Caxias do Sul. Bento Gonçalves, 2017.
- LUCCAS, Luis Henrique. A escola carioca e a arquitetura moderna em Porto Alegre. **Arquitextos**, São Paulo, ano 7, n. 073.04, Vitruvius, jun.2006. Disponível em: <[www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp370.asp](http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp370.asp)>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- OLIVO, Paula. **Recuperação do Cinelux em Nova Prata**. 2013. 4 f. Trabalho final de Graduação em Arquitetura. Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/95596/000916945.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 02 set. 2020.
- PATETA, Luciano. **Historia de la arquitectura** (Antologia Crítica). Madrid: Celeste Ediciones, 1997.
- PIMENTEL, Gaspar Vieira. **Diccionario Historico Geographico e Estatistico do Município de Alfredo Chaves**: indicador commercial e profissional. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1987.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA PRATA. **Resumo histórico e estatístico comemorativo ao Cinquentenário da Emancipação Política**. Nova Prata, 1974.
- QUADROS, Claudemir de. **Reforma, ciência e profissionalização da Educação**: o Centro de Pesquisas e Orientações Educacionais do Rio Grande do Sul. 2006. 312f. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/8911>>. Acesso em: 09 set. 2020.

REIS, Márcio Vinicius. **O art déco na Obra Getuliana: moderno antes do modernismo.** 2014. 279f. Tese apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo. São Paulo, 2014. Disponível em: <[https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-16102014-111348/publico/Tese\\_pdf.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-16102014-111348/publico/Tese_pdf.pdf)>. Acesso em: 21 out. 2020.

SCHMITT, João Carlos. **As histórias do Paulo Lenzi e outras mais.** 1 ed. Nova Prata: Gráfica e Editora Monarca, 2015.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990.** São Paulo, EDUSP, 1998.

WEIMER, Gunter. **A Arquitetura.** Porto Alegre: Editora UFRGS, 1998.

XERRI, Eliana. **Nova Prata: uma incursão na história.** Caxias do Sul: EDUCS, 2004.